

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Fabiana de Oliveira

Cultura e Memória: Romaria de São Sebastião na cidade de Ibiúna – SP

Mestrado em História Social

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC – SP

Fabiana de Oliveira

Cultura e Memória: Romaria de São Sebastião na cidade de Ibiúna – SP

Mestrado em História Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social, sob a orientação do Prof.^a Dra. Yvone Dias Avelino.

São Paulo

2018

Banca Examinadora

Bolsista contemplada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) durante o ano de 2016 e o primeiro semestre de 2017.

Bolsista do programa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) durante segundo semestre de 2017, processo nº 134264.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho é a realização de um sonho que não foi sonhado só. Assim, afirmo minha gratidão àqueles que ajudaram a realizá-lo.

A CAPES e ao CNPq pelo auxílio financeiro e concessão de bolsas para a realização deste trabalho, sem as quais este não teria êxito.

A Yvone Dias Avelino, minha orientadora, pela atenção e paciência durante esses dois anos. Uma profissional e pessoa admirável sempre disposta a ajudar nos momentos difíceis com suas orientações, palavras de conforto e incentivo.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, em especial aos professores Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Olga Brites, Estefânia Knotz Fraga, Amílcar Torrão Filho e Maria Izilda Santos Matos pelas excelentes sugestões e críticas.

A Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Zélia Jesus de Lima que participaram do exame de qualificação deste trabalho. Muito obrigada pelas críticas, sugestões e reflexões que sem dúvida contribuíram para a forma final desta dissertação.

Agradeço, ainda, aos professores da graduação na Universidade de Sorocaba: André Mota, Cassia Maria Baddini, Fabio Tadeu Vighy Hanna e Maria Regina Vanucchi Leme pelo incentivo à pesquisa histórica.

Muito obrigada aos funcionários da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato de Ibiúna e da Câmara Municipal de Ibiúna, muito solícitos e gentis.

Um grande abraço a todos os meus amigos pelos momentos de alegria e descontração que tornaram o árduo trabalho da pesquisa mais suave.

A todos os companheiros de luta da EE Bairro Vargem do Salto.

A todos os romeiros de São Sebastião, em especial aos narradores que participaram da pesquisa, o meu muito obrigado pela generosidade em compartilhar comigo suas experiências.

Aos meus avós por despertarem em mim o fascínio pelo sagrado.

A meu pai, Gasparino de Oliveira, que me alertou para a importância dos estudos.

A meu padasto, Sebastião Albertin, que me ensinou o valor do trabalho e da honestidade.

Agradeço a minha mãe, Olga Dias de Oliveira, com quem aprendi, entre tantas coisas, que as mulheres podem ser donas do próprio destino por meio da luta e do trabalho. E a meu companheiro de tantos anos, Matheus da Silva, que me acompanhou em mais essa aventura. Muito obrigada pela paciência, compreensão e auxílio enquanto historiador, amigo e companheiro.

Dedico este trabalho aos amores da minha história: Olga Dias de Oliveira e Matheus da Silva.

OLIVEIRA, Fabiana de. Cultura e Memória: Romaria de São Sebastião na cidade de Ibiúna – São Paulo. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo estudar a Romaria de São Sebastião que acontece na cidade de Ibiúna (SP) a partir das múltiplas experiências vividas pelos sujeitos que dela participam. Perpassando por memórias, valores, significados, trajetórias de vida, disputas e interesses. O estudo desenvolve-se, principalmente, através da História Oral articulada à análise dos jornais A Vanguarda de Ibiúna e Voz de Ibiúna, do Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Dores, das atas da Câmara Municipal e do acervo digital da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Busca-se compreender as experiências desses sujeitos históricos nas relações estabelecidas com outros grupos sociais: o poder público, os jornais e a igreja. Em 1997, constatou-se que a Romaria de São Sebastião passa a integrar o projeto político defendido pela administração municipal em transformar a cidade de Ibiúna em Estância Turística do Estado de São Paulo, propósito que se concretiza em 2000. Assim, a partir do cruzamento e análise das fontes foi possível demonstrar os diversos significados que a Romaria de São Sebastião assume para os diferentes grupos sociais envolvidos, integrando um campo de tensões e conflitos.

Palavras – chave: Romaria de São Sebastião, memória e cultura.

OLIVEIRA, Fabiana de. Culture and Memory: Pilgrimage of São Sebastião in the city of Ibiúna – São Paulo. Masters dissertation (Masters degree in Social History), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

ABSTRACT

The research aims to study the Pilgrimage of São Sebastião that takes place in the city of Ibiúna (SP) from the multiple experiences lived by the participants. Passing through memories, values, meanings, life trajectories, disputes and interests. The study is developed mainly through Oral History articulated to the analysis of the newspapers *A Vanguarda de Ibiúna* and *Voz de Ibiúna*, the book *Tombo* (archives book) of the parish of Nossa Senhora das Dores, the minutes of the City Hall and the digital collection of the Legislative Assembly of São Paulo state. It seeks to understand the experiences of these historical subjects in the relations established with other social groups: the public power, the newspapers and the church. In 1997, it was found that the Pilgrimage of São Sebastião became part of the political project defended by the municipal administration in transforming the city of Ibiúna into a Tourist Resort of the State of São Paulo, a purpose that became concrete in 2000. Thus, from analysis of the sources, it was possible to demonstrate the different meanings that the Pilgrimage of São Sebastião assumes for the different social groups involved, integrating a field of tensions and conflicts.

Keywords: Pilgrimage of São Sebastião, memory, culture.

“Através da fé, a gente não sente cansaço e
nem enxerga barreira pra atravessar.”

Lindaura Santos Silva, 04 de maio de 2016.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1. Memórias e significados na Romaria de São Sebastião.....	28
Capítulo 2. A Romaria de São Sebastião na construção da Estância Turística de Ibiúna.....	61
Capítulo 3. Memórias: relações entre Igreja e a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo.....	101
Considerações finais.....	128
Referências bibliográficas.....	132
Fontes orais.....	135
Fontes escritas.....	136
Anexos.....	137

SIGLAS

BIRD – Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento

EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo

FUMEST – Fundo Municipal de Estâncias

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo

PSD – Partido Social Democrático

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

INTRODUÇÃO

Ibiúna, sexta-feira, 27 de maio de 2016. Como acontece há 97 anos na última semana deste mês, milhares de pessoas saem em direção à Capela de São Sebastião, localizada no bairro do Pocinho, conhecido como Sertão, aproximadamente vinte e sete quilômetros do centro da cidade. No caminho rumo a Capela de São Sebastião, é possível observar as inúmeras faixas que saúdam o santo e os romeiros, bem como as capelas na beira da estrada enfeitadas para homenageá-lo, a movimentação do comércio, o trânsito caótico com o intenso fluxo de pedestres, automóveis, bicicletas, charretes e motos. Parte dessas pessoas, além de assistir à missa na Capela de São Sebastião e participar da procissão luminosa, também conhecida como procissão das velas, pernoitará no lugar.

Na manhã seguinte, é celebrada uma missa para abençoar a partida dos romeiros. São Sebastião é enrolado em um pano vermelho que é passado de mãos em mãos durante o trajeto, a saída é festejada com fogos de artifício e cantos que continuam ao longo do caminho. Como relatou Tereza Vieira de Lima Machado, a Terezinha¹, ao rememorar o que cantava durante a romaria: “Tudo... ‘Coração santo’... aquele... esses canto novo que tá tendo agora também de... que canta na igreja [...]. Nós temo aqueles hino bem antigo, né. Era bem antigo. Bem antigo. Nossa Senhora! ‘Louvando a Maria’... [cantarola]”.

É comum pessoas idosas, adoentadas ou com algum tipo de restrição de mobilidade esperarem a passagem de São Sebastião em determinado ponto para beijá-lo, tocá-lo, fazer doações ou amarrar fitas em volta da imagem como uma forma de pagar suas promessas. Sobre isso, Luiz Clemente Machado² relembra: “Outra coisa... que é muito emocionante é aquele pessoal do sítio que vem pagar promessa quando o santo vai passando, vem de joelho, vem com a fita, vem chorando, sabe, pagar aquela promessa”.

A Romaria de São Sebastião para em algumas capelas na beira da estrada onde se reza, canta, e alguns se refazem da caminhada. Para Lindaura Santos Silva³, a importância da romaria “É a fé, tá junto com os romeiros e as romeiras, almoçando junto e continuar orando e cantando, Nossa Senhora! Adoro, adoro essas parcela da minha vida”.

¹ Tereza Vieira de Lima Machado, entrevista concedida à autora em 15 de agosto de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

² Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

³ Lindaura Santos Silva, entrevista concedida à autora em 04 de maio de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

Ao cair da tarde, a Romaria de São Sebastião chega à Capela São Pedro, localizada no bairro do Capim Azedo. Nesse ponto, aproximadamente três quilômetros do centro da cidade, a romaria se estrutura em procissão. São Sebastião é colocado em andor ricamente ornado, e agregam-se à participação dos representantes da igreja a cavalaria de honra a São Sebastião, os festeiros de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, a banda Lyra Unense e outros devotos.

No centro da cidade uma multidão vinda da zona rural, da urbana e também de outras cidades aguardam a chegada de São Sebastião. Bandeirolas vermelhas e brancas decoram a cidade, mensagens de saudações estão espalhadas por toda parte. Em frente à Paróquia Nossa Senhora das Dores, na praça, o palco está preparado para receber as celebrações religiosas e os shows. O frio é intenso, o que não impede as pessoas de esperarem nas sacadas ou atrás das barreiras de contenção.

O barulho dos fogos de artifício, o repicar do sino da paróquia, o trotar dos cavalos e os gritos de viva anunciam a chegada de São Sebastião. Assim, Luiz relatou a chegada do santo ao centro da cidade: “[...] é o dia mais importante, mais emocionante quando o santo chega na cidade, ele entra... Pra mim, o ponto crucial, fundamental, emocional, é quando ele entra na cidade”.⁴

A procissão percorre a avenida que leva o nome do santo e desce pela rua central, Rua XV de Novembro. Os primeiros são os jipeiros que buzina e trazem em seus veículos mensagens de saudações a São Sebastião e aos romeiros, seguidos por ciclistas que também contribuem com suas buzinas, alguns com camisetas vermelhas identificadas como pertencendo à “Romaria de Ciclistas do Bairro Rio de Una”, bairro da zona rural da cidade. Bois enfeitados, charreteiros muitas vezes acompanhados de amigos e de seus familiares, ouvindo suas músicas preferidas, cavaleiros empinam seus cavalos para a animação do público. Em seguida, um cavaleiro segura um estandarte vermelho intitulado “Cavalaria de Honra a São Sebastião”, todos trajados representando soldados romanos, seguidos por Amazonas com bandeiras do Brasil, São Paulo e Ibiúna.

Após, seguem os sacerdotes, a banda Lyra Unense; um dos festeiros de São Sebastião segura o estandarte vermelho ilustrado com a imagem do santo flechado e com as seguintes expressões: “Paróquia Nossa Senhora das Dores – São Sebastião Rogai Por Nós”. Estes são

⁴ MACHADO, L. C. Op. cit.

seguidos por outros festeiros, identificados com uma espécie de capa vermelha curta amarrada ao pescoço com a imagem nas costas de São Sebastião martirizado.

Em seguida, os festeiros do Divino Espírito Santo, um deles também segura um estandarte vermelho escrito “Vinde Espírito Santo”, seguidos por outros festeiros do Divino, identificados com a mesma capa, apenas diferenciados pela imagem do Divino nas costas, representado por uma pomba branca. Acompanhado por orações, São Sebastião vem carregado pelos devotos que o seguem até a praça onde será celebrada a missa que conta com a presença de autoridades políticas e eclesiásticas. O último elemento da procissão é um caminhão de som que estimula as orações e aclamações ao santo.⁵

Com a chegada de São Sebastião ao centro da cidade, esta permanecerá em festa durante três dias, no quarto dia o poder público estabelece feriado municipal, quando a imagem retorna mais uma vez em romaria à Capela de São Sebastião. O percurso da volta é o mesmo, mas o clima de animosidade da chegada é substituído pela tristeza, como narra Luiz: “Porque pra mim é triste quando vai levar ele na terça pra mim, mas tem que levar – eu levo todo ano...”.⁶ Luiz lamenta o regresso de São Sebastião à sua capela, prática religiosa que marca o término da Romaria de São Sebastião que acontece anualmente na cidade de Ibiúna, localizada na região sudeste do Estado de São Paulo.

Apresentar esta pesquisa destacando a Romaria de São Sebastião e as construções narrativas dos participantes justifica-se pelo objetivo de analisá-la pela ótica das múltiplas experiências vividas por esses sujeitos, buscando entender seus significados, memórias, costumes, valores, conflitos, disputas e interesses. O caminho utilizado para trazer à tona essas experiências foi a história oral, de forma que as narrativas se tornaram centrais para o desenvolvimento da pesquisa.

No entanto compor o objeto de estudo não foi tarefa fácil, este foi construído ao longo do processo de pesquisa, no diálogo constante entre a teoria e as evidências, a partir das problemáticas levantadas e das escolhas que precisaram ser feitas.

Assim, é relevante salientar que a Romaria de São Sebastião faz parte da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, a qual possui uma diversificada programação.⁷ A festa tem início com a novena, realizada na Paróquia Nossa Senhora das Dores, localizada na área central da cidade. Nesse entremeio acontece a procissão dos lavradores, geralmente na manhã do primeiro domingo após o início da novena. Centenas de lavradores, levando consigo

⁵ A descrição se refere a 97ª Romaria de São Sebastião.

⁶ MACHADO, L. C. Op. cit.

⁷ Ver imagem 2.

familiares e amigos, se reúnem para ofertar seus produtos a São Sebastião e ao Divino Espírito Santo. Após a missa campal, estes descem dirigindo seus tratores pela rua central, Rua XV de Novembro, onde são abençoados pelos sacerdotes. Os produtos são vendidos a preços mais baixos e os lucros são revertidos para a festa.

O último dia da novena na Paróquia Nossa Senhora das Dores acontece concomitantemente à missa da Capela de São Sebastião seguida por procissão. Na manhã seguinte os romeiros partem rumo ao centro da cidade.

O dia subsequente à chegada de São Sebastião ao centro da cidade é dedicado ao Divino Espírito Santo. Pela manhã é celebrada a “Missa dos festeirinhos” na Paróquia Nossa Senhora das Dores, especificamente voltada para a participação das crianças. Os “festeirinhos” são reconhecidos pela utilização de uma faixa vermelha. Além de outras crianças com a mesma espécie de faixa representando os dons do Divino Espírito Santo, há também a presença do grupo de jovens festeiros do Divino Espírito Santo. O império do Divino Espírito Santo é aqui representado por um cetro e uma coroa que são carregados por seus festeiros, e após a celebração acontece a doação de roscas bentas. À noite, realiza-se a missa campal e a procissão do Divino Espírito Santo representado nesse momento por uma pomba, a qual segue em andor ricamente ornado percorrendo as ruas centrais da cidade.⁸

A programação do dia seguinte é dedicada à missa campal e à procissão em homenagem a São Sebastião e ao Divino Espírito Santo. No último dia da festa ocorre a missa de despedida de São Sebastião na Paróquia Nossa Senhora das Dores, quando os romeiros retornam à Capela de São Sebastião para levar o santo. Com a chegada dos romeiros há mais uma missa de despedida, agora na Capela de São Sebastião. Essa celebração assinala o encerramento da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo.

Portanto a Romaria de São Sebastião integra a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, a escolha da romaria como objeto de estudo foi um dos inúmeros desafios enfrentados ao longo da investigação.

No início da pesquisa, a temática central era a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Entretanto, refletindo sobre as construções narrativas dos entrevistados, estas ofereciam outras perspectivas para a investigação. Apesar das indagações se debruçarem sobre a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, os narradores rememoravam suas experiências sobre a Romaria de São Sebastião. Essa constatação remeteu à seguinte

⁸ Rua Pinduca Soares e Rua XV de Novembro.

problemática: Por que a Romaria de São Sebastião foi escolhida para ser lembrada pelos narradores? Em vez de ignorar esses indícios e insistir em uma temática instituída a partir de uma noção externa aos narradores, foi decidido repensar o objeto de pesquisa.

Para tanto as reflexões de Portelli serviram de apoio, pois argumentam que “O primeiro requisito, por isso, é que o pesquisador ‘aceite o informante e dê prioridade ao que ela ou ele deseje contar de preferência ao que o pesquisador quer ouvir [...]’”⁹ Assim, lidar com fontes orais requer entender que o historiador assume o compromisso de respeitar o ponto de vista do outro, privilegiando o que os narradores desejam contar. Outro auxílio importante vem das autoras Maria do Pilar, Maria do Rosário e Yara Aun Khoury quando alertam que “[...] os procedimentos não sejam definidos a priori, ou externamente, mas sim no decorrer da pesquisa, fruto do próprio diálogo”¹⁰. Dessa forma, fruto do diálogo entre teoria e evidências, o objeto de estudo foi sendo construído, se delimitando progressivamente, trazendo à tona outras problemáticas: Por que principalmente as experiências como romeiro foram lembradas? Quais são os significados da Romaria de São Sebastião para os narradores? Como lembram? O que lembram? Que lugar ela ocupa dentro do campo de disputas pela memória? O que essas memórias querem dizer?

Desse modo, a Romaria de São Sebastião passou a figurar como temática central da pesquisa; a partir desta, outros elementos da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo foram se ramificando.

O contato inicial desta pesquisadora com a festa, apesar de ser natural da cidade de Ibiúna, aconteceu na graduação do curso de história pela Universidade de Sorocaba em 2005. Primeiro, com a realização do trabalho de conclusão de curso que teve a festa como tema. Segundo, em 2015, o tema foi retomado como trabalho de conclusão da pós-graduação lato sensu Especialização em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP, sob a orientação da professora Yvone Dias Avelino. Esses trabalhos contribuíram para reafirmar o interesse em aprofundar o tema no Curso de Mestrado em História Social pela PUC-SP.

No primeiro semestre do curso de mestrado (2016), a pesquisadora decidiu participar da 97ª festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. A proximidade com homens e mulheres que participam ativamente da festa instigaram a pensá-la a partir das experiências vividas por essas pessoas. Para tanto, a história oral se constituiu em um profícuo caminho de

⁹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente?. *Revista Projeto História*. PUC, São Paulo, n. 14, 1997, p. 35.

¹⁰ VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 2011, p. 44.

análise. O diálogo com Yara Aun Khoury foi um dos principais referenciais para esse estudo, pois segundo a autora

Nosso propósito de lidar com as narrativas como práticas que se forjam na experiência vivida e que, também, intervêm nela, nos coloca o desafio de adotar e desenvolver procedimentos que nos possibilitem apreender o trabalho da consciência e incorporá-lo na explicação histórica. Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista.¹¹

Assim, as narrativas expressam experiências vividas, possibilitam uma aproximação com o modo que as pessoas constroem suas memórias, vivenciam, interpretam e significam a realidade. Tomar a pesquisa histórica a partir das construções narrativas de diferentes sujeitos sociais traz à tona uma multiplicidade de outras histórias, ampliando as percepções e possibilidades do fazer e pensar história. Desse modo, foram selecionadas pessoas de diferentes segmentos que se destacam por sua longa experiência de participação na festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Com exceção do Padre Daniel Vitor Cardoso, que passou a constar como um dos entrevistados devido ao reconhecimento de que sua atuação como atual coordenador da festa refletia nas experiências dos narradores, também porque houve a intenção de levantar vestígios das relações estabelecidas entre a igreja e a festa.

No ano de 2016, foram realizadas nove entrevistas individuais com duração entre 25 a 40 minutos com os seguintes narradores:¹²

Aníbal Albertin – residente na cidade de Ibiúna, 82 anos, agricultor, viúvo, um dos criadores da procissão dos lavradores da qual continua participando, já foi festeiro de São Sebastião e participa ativamente da festa.

Antônio Carlos Vieira Ruivo – residente na cidade de Ibiúna, 70 anos, professor aposentado, casado, participa dos festejos decorando o andor de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, tarefa que anteriormente era realizada por sua mãe. Seu pai foi o criador da Cavalaria de Honra de São Sebastião. Há muitos anos a casa da sua família alojou a imagem de São Sebastião.

José Gomes (Linense) – residente na cidade de Ibiúna, 80 anos, funcionário público aposentado, viúvo. Pesquisador da cidade, autor do livro *Yuna Noiva Azul: História do Município de Ibiúna* e, atualmente, produzindo o livro ainda com o título provisório “Mártir

¹¹ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Dea Ribeiro et. al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d' Água, 2004, p.125.

¹² Os entrevistados aqui mencionados autorizaram por escrito a publicação de suas narrações.

São Sebastião: O santo protetor de Ibiúna”. Foi vereador, presidente da câmara municipal e presença frequente nos meios de comunicação locais.

Tereza Vieira de Lima Machado – residente na cidade de Ibiúna, 78 anos, viúva, conhecida pela assídua participação na Romaria de São Sebastião, por muitos anos foi responsável por recolher doações feitas durante a romaria. Foi festeira de São Sebastião, participava intensamente da festa, atividades que foram atenuadas devido a sua condição de saúde.

Luiz Clemente Machado – residente na cidade de Ibiúna, 60 anos, advogado, casado, ele e sua família participa da festa há muitos anos.

Benedito Aparecido Almeida Lima – residente na cidade de Ibiúna, 66 anos, secretário de escola, maestro da banda Lyra Unense que acompanha os festejos por um longo período.

Wilma Aparecida Pecci Camargo – residente em Ibiúna, 77 anos, professora aposentada, viúva, seus pais participavam ativamente da festa. Foi integrante da comissão de festa e está envolvida diretamente com as atividades da igreja.

Pe. Daniel Vitor Cardoso Rodrigues – 30 anos, a partir de 2014 assumiu a Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque, localizado no bairro da Ressaca. Natural da cidade de Osasco, ordenado como padre em 2013. No ano de 2015 foi designado pelo bispo Dom Frei João Bosco, da diocese de Osasco, como coordenador da festa.

Lindaure Santos Silva – residente em Ibiúna, 77 anos, agricultora, casada. É rezadeira e frequentadora assídua da festa.

Do tratamento dado às fontes orais, ressalta-se que antes da realização das entrevistas procurou-se conhecer um pouco sobre a vida dos narradores e suas participações nos festejos, o que contribuiu para a elaboração de um roteiro para as entrevistas. Entretanto, as entrevistas foram bastante flexíveis, sempre procurando construir um diálogo com os entrevistados e respeitando onde e o que desejavam relatar.

A cada entrevista registrava-se em uma espécie de diário de campo, além de fichas individuais com os dados dos narradores, as circunstâncias que compunham os diálogos com o propósito de contextualizá-los. As transcrições foram realizadas respeitando as formas de expressão e linguagem dos entrevistados. Entretanto, transformar a oralidade em escrita, independente do critério que se utiliza nas transcrições, modifica a natureza das evidências. A escrita jamais dará conta das oscilações, melodia, gestos, tonalidades vocais presentes na oralidade. A alternativa para minimizar esses obstáculos foi contextualizar as narrativas, articulando áudios e transcrições, para nos cercarmos dos aspectos de sua produção, e não simplesmente colher informações.

Na construção dos diálogos, observaram-se os seguintes aspectos: como iniciavam a narração, os temas abordados, como contavam que referências espaciais e temporais, como se posicionavam, associações de ideias, as modalidades de narrativas que compunham o discurso, tonalidade da voz, velocidade, o tipo de linguagem, utilização de referências públicas ou privadas, relações construídas entre entrevistado e entrevistador, contextualização dos trechos citados, articulação áudio e transcrição e vice e versa.

Esses aspectos foram importantes para buscar entender os significados das construções narrativas assim como os objetos que foram mostrados pelos narradores durante as entrevistas, que se julgou pertinente inseri-los, pois se tornaram parte integrante do diálogo. A maneira como os narradores construíram suas histórias, alguns fazendo uso de objetos considerados importantes para representar suas experiências, jamais será a mesma em outro contexto, de modo que na entrevista, “A interação entre historiador e a fonte cria uma forma completamente nova de contar histórias”,¹³ ou seja, a construção do diálogo envolve as percepções entre historiador e narrador, e estas influenciam na forma como as narrativas são construídas.

A opção pela história oral foi outro desafio enfrentado no percurso da pesquisa. Trabalhar com fontes orais levou a uma posição desconfortável, pois havia o entendimento de que uma pessoa até então desconhecida ou pouco conhecida pelos narradores interferiria na sua privacidade, tomaria seu tempo, ouviria e assimilaria seus conhecimentos para depois usá-los com o intuito de desenvolver a pesquisa. Logo na primeira entrevista, realizada com José Gomes, Linense, conhecido pesquisador da cidade, com 80 anos de idade, extremamente articulado e ativo, essa maneira de compreender as entrevistas atrapalhou no desenvolvimento do diálogo. Estava dialogando com uma pessoa que tinha uma longa trajetória como pesquisador diante de outra pesquisadora que era o seu oposto.

Mais uma vez a teoria contribuiu para pensar sobre essa questão. Segundo Portelli, durante as entrevistas não estamos estudando as pessoas, mas buscando aprender com elas, “[...] são eles que têm o conhecimento, ou seja, 'o pouquinho' que estamos 'tentando aprender’”.¹⁴ Entender as entrevistas como um aprendizado, nos colocamos na posição daquele que está ali para aprender e não apenas com o fim de realizar uma pesquisa acadêmica, auxiliou a entender o papel do historiador que trabalha com fontes orais bem

¹³ FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. In: *Muitas Memórias Outras Histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004, p. 299.

¹⁴ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, n.15, 1997, p. 25.

como na relação com os entrevistados. Após essa experiência, refletiu-se sobre o quanto essas narrações eram importantes para o aprendizado sobre a festa, que a pesquisadora deveria proceder não como alguém que estabelecia perguntas e desejava respostas, mas como alguém que estava disposta a ouvir, respeitando aquilo que queriam contar, mesmo que fugisse ao tema.

Ao longo da pesquisa, é na prática, entre erros e acertos, no diálogo contínuo entre a teoria e as evidências a melhor forma de aprender a lidar com o objeto de estudo. Assim, assumir a posição de ouvinte bem como a de aprendiz foi fundamental para priorizar as perspectivas dos próprios narradores. A partir desses pressupostos, a Romaria de São Sebastião foi se apresentando por meio de diferentes pontos de vista como o enredo escolhido pelos entrevistados.

O diálogo com Terezinha demonstra bem esse processo. A entrevista aconteceu em sua casa; sem que houvesse qualquer questionamento começou a contar que na infância sua mãe havia feito a promessa de que ela deveria ir ao encontro da Romaria de São Sebastião, caso sua perna fosse curada. Com o falecimento de sua mãe, a responsabilidade pelo cumprimento da promessa coube à sua irmã: “[...] Nena disse: “Terezinha, você vai ter que cumprir uma promessa...”, eu era criança pequena...”¹⁵. Ao longo da sua construção narrativa, a história da sua vida vai sendo atrelada à sua participação na romaria. Perpassando não apenas pela sua infância, como também pelo seu casamento, relata:

Com dezessete anos eu casei – daí, Plínio (marido de Terezinha) pegava o carro... pegava o carro, o carro, e... e... e... fazia assim: ia até o Sertão (bairro do Pocinho), ia até o Sertão levar, ia até o Sertão [...] ; de lá, ele vinha acompanhando o santo de caminhão, e eu vinha a pé de lá até... embora a pé pra Ibiúna com o santo de novo , e carregando e cantando e louvando; a mesma coisa!¹⁶

Conta também sobre o nascimento dos filhos:

[...] daí nasceu minhas criança, foi nascendo criança, Plínio também ficava com as crianças no carro, e eu, indo e voltando a pé, com o santo. Ia buscar, ia buscar; me levava; daí, vinha a pé, com o santo; daí, no outro dia embora, “Leva a pé de novo no São Sebastião (bairro do Pocinho)!”; daí Plínio trazia eu embora... Assim foi a vida inteira [...].¹⁷

¹⁵ Tereza Vieira de Lima Machado, entrevista concedida à autora em 15 de agosto de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

¹⁶ Idem, Ibidem.

¹⁷ Idem, Ibidem.

Analisar as experiências dos sujeitos sociais através da história oral é lidarmos com a construção de memórias, não como uma recuperação do passado, mas como nos alerta Ecléa Bosi,

[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça uma lembrança ou um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, juízos da realidade e de valor.¹⁸

As experiências dos narradores são reveladas por meio da construção de suas memórias, longe de recordarem um passado íntegro, estes selecionam, alteram, reconstróem, organizam e reorganizam suas memórias, tendo em vista suas experiências passadas e presentes.

Os argumentos de Maurice Halbwachs também contribuíram para pensar na construção dessas memórias, de modo que, mesmo sendo compostas pelos sujeitos entrevistados, estas não estão apartadas da sociedade, ao passo que

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.¹⁹

A partir do diálogo com o autor, entende-se que as memórias são construções sociais e que se obtêm nas entrevistas diferentes pontos de vista acerca da memória do grupo.

Portanto, ao longo das entrevistas, as memórias dos narradores foram tecendo diferentes percepções e perspectivas sobre a Romaria de São Sebastião, como se constatou na narração de Terezinha. Entretanto, a romaria não é lembrada somente enquanto prática religiosa que acontece anualmente para o cumprimento de promessas feitas a São Sebastião. Os narradores a evocam também para rememorar sua infância, familiares, juventude,

¹⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994, p.55.

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1990, p. 54.

nascimento, morte, diversão, confraternização, curas, bem como suas tristezas, alegrias, queixas e ressentimentos, enfim, como parte constituinte de suas vidas.

Assim, buscando compreender as experiências vividas por essas pessoas na Romaria de São Sebastião, o diálogo com as autoras Déa Fenelon, Heloísa Cruz e Maria do Rosário sobre o conceito de cultura foi de suma importância. Segundo as autoras, “a categoria cultura, melhor dizendo culturas, é aqui tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes e, portanto associada a diferentes tipos de realidade.”²⁰ Nessa perspectiva, pretende-se pensar como cultura as experiências vividas pelos narradores na romaria. De modo que esta não é considerada como algo à parte, mas sim como constitutiva da vida das pessoas englobando-a em todos os seus aspectos.

Refletir sobre essas experiências a partir da categoria cultura requer considerar sua inserção em uma complexa rede de relações. Como discute Stuart Hall “[...] não existe ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de forças das relações de poder e dominação culturais.”²¹ Nesse sentido, procurou-se entender as experiências desses sujeitos nas relações estabelecidas com outros grupos sociais. Para tanto, incluímos como evidências os jornais locais *A Vanguarda de Ibiúna* e *Voz de Ibiúna*, uma vez que se verificou, a partir de outubro de 1996, após a eleição de Jonas de Campos pelo PSD (Partido Social Democrático), a gestação de um projeto político da administração municipal para conceder à cidade de Ibiúna o título de Estância Turística do Estado de São Paulo, tomando a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo e mais especificamente a Romaria de São Sebastião como fundamentais para sua concretização.

Nessa conjuntura, infere-se que os jornais se tornam espaço para a divulgação do projeto político defendido pela administração municipal, indicando seu comprometimento com esse segmento da sociedade. Como é possível evidenciar na matéria publicada pelo *A Vanguarda de Ibiúna*,

[...] Jonas de Campos tomando um atalho histórico, segundo a imprensa já divulgou, enviou dossiê à Assembleia Legislativa propondo o reconhecimento do Governo do Estado para o projeto de transformação de Ibiúna em instância (erro do jornal) turística. No dossiê, além de constar

²⁰ FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004, p.9.

²¹ HALL, Stuart. *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 254.

pormenorizadamente todo o potencial turístico do município, incontestavelmente atrativos excepcionais [...].²²

O jornal ressalta o protagonismo do prefeito na condução do projeto político, assim como o potencial turístico da cidade, e demonstra seu apoio ao plano da administração em torná-la estância turística do Estado de São Paulo. Logo, entende-se que, “[...] a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma espaço privilegiado da articulação desses projetos.”²³ Assim, as notícias sobre o desenvolvimento do turismo local passam a ser pauta frequente dos jornais, nestas a Romaria de São Sebastião e outros elementos da festa aparecem como potencial turístico a ser explorado.

Para inclusão dos jornais como evidências da investigação, também fomos auxiliados pela ótica de Tânia Regina Luca, pois segundo a autora

[...] A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero 'veículo de informações', transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.²⁴

Quando se reflete dessa forma, os jornais são entendidos como parte da sociedade, sujeitos intervindo na vida social, propondo valores, modos de vida, projetos e construindo memórias. Sua inserção na pesquisa contribuiu para refletirmos sobre as relações estabelecidas entre os grupos sociais bem como os diferentes significados atribuídos à romaria. Por meio desse diálogo, passou-se a analisar os jornais buscando levantar os seguintes indícios: Como esse projeto político dialoga com os narradores? Como buscam intervir na Romaria de São Sebastião? Quais são suas propostas? Que caminhos indicam? Quem são seus aliados? Que memórias buscam construir? O que destacam? O que silenciam?

Para tanto a pesquisa abrange os anos de 1997 a 2000, já que se identificou na gestão do prefeito Jonas de Campos o período que o projeto político foi adquirindo formas até sua concretização com a aprovação da lei estadual nº 10573 de 13 de abril de 2000²⁵ que concedeu ao município o título de estância turística do Estado de São Paulo. Articulando os

²² A *VANGUARDA DE IBIÚNA*, 24 de março de 1997, p.4.

²³ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, dez. 2007, p. 258-259.

²⁴ LUCA, Regina Tânia. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Bassanezi Carla. *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p.118.

²⁵ Disponível em: www.al.sp.gov.br. Acesso em 20 de maio de 2016.

jornais às narrativas, verificou-se os conflitos e disputas que foram se estabelecendo em torno da adequação da Romaria de São Sebastião à política local de turismo. Considera-se que essa questão possui desdobramentos no tempo, repercutindo nas experiências dos narradores como afirma Aníbal ao mencionar as mudanças pelas quais a romaria foi passando: “Agora, agora, eu num vô mai leva o santo, tá loco! O ano passado (2015), tinha que dexa dois, três quilômetro pra cá o carro. Não dá pra chegar lá (se refere à Capela de São Sebastião localizada no bairro do Pocinho). É muito, muito povo, cresceu muito, né? Hã!”.²⁶ A sua fala tem um tom de indignação, já que devido ao grande fluxo de pessoas teve dificuldades para ter acesso ao local da romaria. Portanto, a concretização do projeto político da estância turística de Ibiúna colaborou para que a Romaria de São Sebastião se transformasse em um evento turístico, modificando as experiências dos sujeitos que dela participam. É nesse campo de tensões, nas relações estabelecidas entre os diferentes grupos sociais que se procura compreender a Romaria de São Sebastião.

No que se refere aos jornais, estes foram localizados na Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, em Ibiúna, ambos em bom estado de conservação com edições avulsas e encadernadas. As edições do A Vanguarda de Ibiúna abarcaram o período de abril de 1997 a fevereiro de 2000 e outras edições com grandes lacunas entre os anos 2000 a 2006. Já as edições do jornal Voz de Ibiúna compreendiam o período de maio de 1989 a agosto de 1998 e outras esparsas edições entre 1999 a 2006.

No trato com a imprensa, os procedimentos teóricos e metodológicos dos autores Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Heloísa de Faria Cruz, Tânia Regina Luca, Renée Barata Zicman e Robert Darnton contribuíram sobremaneira para a constituição de um caminho de análise. Uma das contribuições substanciais foi a de rejeitar a imprensa apenas como fonte de informações e entendê-la como parte integrante da dinâmica social, intervindo nesta de acordo com seus interesses. Para tanto, um dos primeiros passos da análise foi a identificação dos jornais através do auxílio de Réene Barata Zicman quando alega que

[...] acreditamos que o estudo mais atento dos órgãos de Imprensa tomados como fonte do conhecimento histórico deve ser um pressuposto necessário de todo trabalho que utiliza esse tipo de fonte documental. Partimos da hipótese geral que a Imprensa age sempre no campo político – ideológico e portanto toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos

²⁶ Aníbal Albertin, entrevista concedida à autora em 20 de maio de 2016. Residência do entrevistado em Ibiúna.

deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados.²⁷

Dialogando com esses pressupostos foi possível perceber as principais propostas, grupos envolvidos, posicionamentos políticos, aliados, opositores e público-alvo desses jornais, enfim, as suas estratégias de articulação da vida social.

Após traçar as principais características dos jornais, estes foram fichados na integra ano a ano observando os temas tratados, sua posição diante de determinados fatos, como construía seu discurso, como representavam a realidade, seus projetos, caminhos indicados e associação de ideias.

Nesse processo apurou-se que entre os anos de 1997 a 2000 os jornais não apenas apoiavam o projeto, como também formulavam suas próprias propostas, interviam na agenda pública, reivindicavam, se opunham, buscavam convencer sobre sua viabilidade, exemplificavam suas vantagens, indicavam caminhos e atalhos e, nessa conjuntura, concebem a Romaria de São Sebastião como um dos elementos centrais para a consolidação desse projeto político. Assim, os jornais integram a pesquisa por entender-se que são força ativa da sociedade, e foram, pois, um dos agentes que contribuíram não apenas para concretização do título de estância turística, mas também para a ressignificação da Romaria de São Sebastião como evento turístico.

Para compor essa reflexão também selecionamos as atas da Câmara Municipal de Ibiúna e o acervo digital da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo com a intenção de elucidar as articulações em torno do projeto político.

Outro ponto de análise da investigação se refere à relação estabelecida entre os narradores e a igreja acerca da festa. Essa questão partiu da constatação de que em várias passagens das entrevistas os narradores a mencionavam. Assim, no intuito de levantar indícios dessa relação, decidiu-se entrevistar o Padre Daniel Vitor Cardoso, atual coordenador dos festejos, bem como recorrer ao Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Dores, Ibiúna, localizado no arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Nesse arquivo enfrentou-se algumas dificuldades, pois além da taxa que é cobrada pelo acesso aos documentos o tempo aberto ao público é restrito e as reproduções dos documentos envolvem outras taxas. Desse modo, optou-se por transcrever os documentos, fato que demandou várias visitas.

²⁷ ZICMAN, Réene. História Através da imprensa. Algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. São Paulo, 1981, p. 90.

Assim, com idas e vindas ao tempo articulando as narrativas com outras evidências foi possível observar a dinamicidade dessa relação de disputas, negociações, conflitos e diferentes percepções.

Portanto, a Romaria de São Sebastião enquanto objeto de estudo da presente pesquisa se aproxima das reflexões de Carlos Alberto Steil, pois é possível

[...] pensar a romaria como uma polifonia de culturas, onde se pode entrever uma vida que pulsa e encerra em si os entrechoques, as fidelidades, as dominações, as combinações de uma troca longânime, porém sempre pronta a rebotar em combates e polarizações.²⁸

Apesar de priorizar as experiências dos narradores, estas não foram tomadas de forma isolada, mas na correlação de forças com outros grupos sociais, como o poder público, os jornais e a igreja. Ao longo da pesquisa, a Romaria de São Sebastião acomodou uma multiplicidade de significados para os diferentes grupos sociais e conduziu a um campo de tensões e disputas que se intentou abordar ao longo da investigação.

Assim, a dissertação é constituída por três capítulos.

No primeiro capítulo proposto, “Memórias e significados na Romaria de São Sebastião”, foram priorizadas as experiências dos sujeitos, percorreu-se através das narrativas as memórias construídas e significados que atribuem à romaria, perpassando por modos de vida, lutas, valores e cotidiano. Destaca-se também nesse capítulo a redefinição do objeto de estudo, pois se constatou que, apesar das perguntas se referirem à festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, os narradores lembravam-se das suas experiências na Romaria de São Sebastião.

No segundo capítulo, “A Romaria de São Sebastião na construção da Estância Turística de Ibiúna”, pretende-se discutir o desenvolvimento do projeto político de dotar a cidade de Ibiúna do título de estância turística do Estado de São Paulo e que toma a Romaria de São Sebastião como alavanca para o desenvolvimento do turismo na cidade. Para isso, articulou-se os jornais *A Vanguarda de Ibiúna* e *Voz de Ibiúna* às narrativas, com o objetivo de entender as relações estabelecidas entre os diferentes grupos sociais nessa conjuntura.

No terceiro capítulo, “As relações entre a Igreja Católica e os devotos”, propõe-se percorrer as relações estabelecidas entre os narradores e a igreja católica no que se refere à festa, partindo das narrativas do Pe. Daniel Victor, que passou a coordenar os festejos a partir

²⁸ STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 89.

de 2015, articulada as outras narrativas e registros do Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Ibiúna. Nesse sentido, emerge da análise das evidências novas propostas da igreja para os festejos, bem como a dinamicidade das relações estabelecidas com os devotos constituídas por tensões e diferentes percepções sobre a festa.

CAPÍTULO 1. MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS NA ROMARIA DE SÃO SEBASTIÃO

*Foi assim a minha vida inteirinha, inteirinha com São Sebastião... Caminhando... Andando com ele, cantando.*²⁹

A cidade de Ibiúna, localizada no interior do Estado de São Paulo, celebra, anualmente, na última semana do mês de maio, a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo que acontece há 97 anos e é a maior e mais aguardada festa da cidade. A festa tem grandes proporções com uma programação variada que inclui shows, bingo, procissões, novena, missas, jantar e a Romaria de São Sebastião.

No período dos festejos o cotidiano da cidade é transformado, os participantes adquirem outras atuações e funções, proporcionando outras experiências; abre uma brecha no cotidiano, quando a cidade se torna espaço de festejar. Dessa forma, como é possível adentrar nesse campo de múltiplas experiências dos diferentes sujeitos sociais que participam dos festejos? O caminho mais óbvio parece ser entendê-los como uma produção cultural. No entanto, esse caminho não é tão óbvio, já que cultura é um termo complexo e adquire diversos significados e interpretações na historiografia. O termo cultura na ótica de Thompson “[...] é um termo emaranhado que, ao reunir tantas atividades e atributos num só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas”.³⁰

Esse emaranhado do termo pode ocultar diferenças e confundir como alertou o autor. Algumas explicações sobre cultura indicam concordância e uniformidade como pessoas que compartilham valores, atitudes e modos de vida. Essas explicações não dão conta dos conflitos, da diversidade, das lutas e das relações de poder. Partindo desses pressupostos, é preciso desfazer o feixe, ou seja, não basta descrever a festa e seus ritos, deve-se buscar compreender seus significados, relações sociais, lutas e conflitos.

Para começar a desvelar esse feixe, a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, remete-se ao espaço - se a festa é uma produção cultural, é uma produção específica que acontece em um determinado lugar e com grupos sociais específicos. Entender esse espaço é importante, pois cada cidade possui características singulares que estão intimamente

²⁹ Tereza Vieira de Lima Machado, entrevista concedida à autora em 15 de agosto de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

³⁰ THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22.

relacionadas com suas culturas, tornando esse lugar diferente de qualquer outro; entendê-lo como campo de múltiplas experiências nos auxilia na percepção dos sujeitos e suas manifestações culturais.

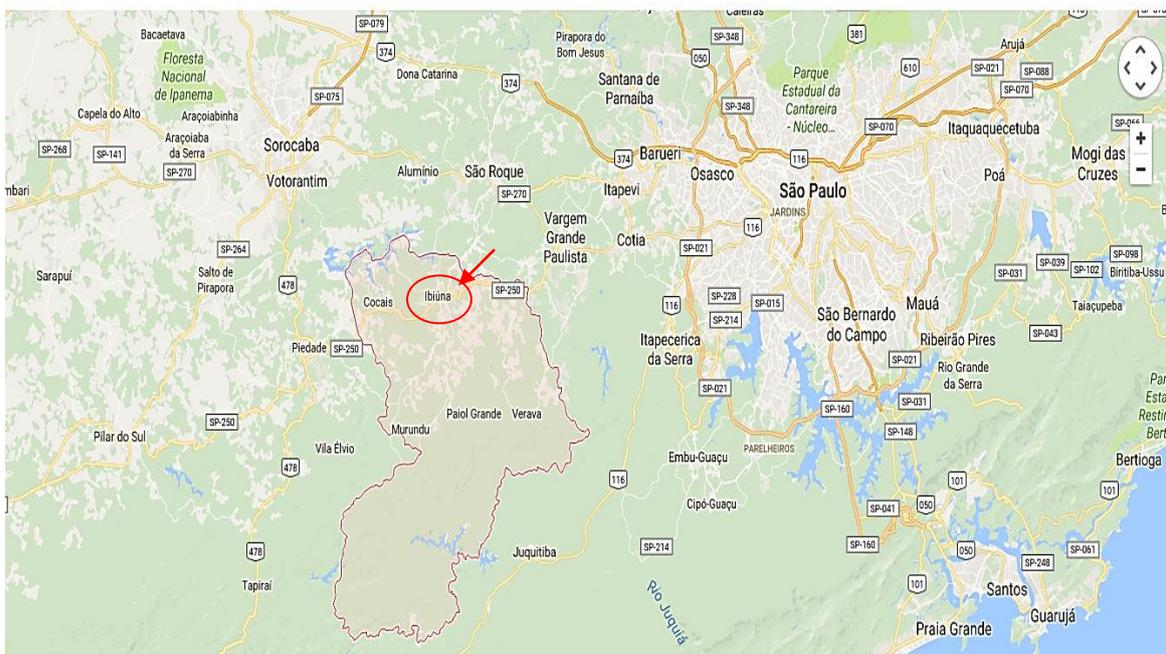


Imagem 1. Mapa da localização da cidade de Ibiúna.
Disponível em: www.ibiuna.sp.gov.br. Acesso em 18 de abril de 2017.

Fundada em 1857, a cidade de Ibiúna está localizada na porção sudeste do Estado de São Paulo, a 70 km da capital. Pertence à região administrativa de Sorocaba e estabelece limites territoriais com os municípios de São Roque, Mairinque, Alumínio, Jujutiba, Miracatu, Tapiraí, Cotia, São Lourenço da Serra, Piedade e Votorantim. A área territorial é de aproximadamente 1058.000 km², a área rural é bem maior se comparada à área urbana, onde se encontra a maioria da população. O número total de habitantes é de aproximadamente 70 mil, sendo 24 mil na zona urbana e 46 mil na zona rural ³¹. A base econômica é a agricultura e a partir da lei estadual nº10537 ³², de 13 de abril do ano 2000, a cidade passou a ser Estância Turística.

A cidade possui cachoeiras, represas, rios, remanescentes de Mata Atlântica compreendida no Parque Estadual de Jurupará, inúmeras chácaras, pousadas, condomínios, recebendo uma população transitória de aproximadamente 15 mil pessoas. Segundo

³¹ Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 20 de maio de 2016.

³² Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 20 de maio de 2016.

estimativas de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³³, 40 mil pessoas se declaram católicas, dado sugestivo que influencia no modo de vida da população. Aspecto que pode ser percebido nas instituições e nas inúmeras comunidades católicas espalhadas pela zona rural. Existem cinco instituições católicas, a Paróquia Nossa Senhora das Dores (Centro), Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque (bairro da Ressaca), Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe (bairro Residencial Europa), Paróquia Santa Cruz (bairro do Piaí) e a área pastoral São Judas Tadeu (bairro Rogério), além das paróquias há inúmeras comunidades católicas espalhadas pela área rural.³⁴

³³ Disponível em: < www.cidades.ibge.gov.br >. Acesso em 20 de maio de 2016.

³⁴ Comunidades católicas em Ibiúna: Comunidade Nossa Senhora Santa Terezinha e Santa Cruz (bairro Olinto), Comunidade Sagrada Família (bairro do Recreio), Comunidade Nossa Senhora de Fátima (bairro dos Coelhos), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (bairro Nitão Tomé), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (bairro Piaí), Comunidade Santa Edwiges (bairro dos Cláudios), Comunidade São Sebastião (bairro do Pocinho), Comunidade Santa Catarina de Alexandria (bairro Vargedo), Comunidade São José e Nossa Senhora Aparecida (bairro Góes), Comunidade São Pedro Apóstolo (bairro Murundú), Comunidade São Gabriel Arcanjo (bairro Gabriel), Comunidade Senhor Bom Jesus (bairro Paiol Grande), Comunidade Imaculada Conceição e São Francisco de Assis (bairro Gabriel), Comunidade Nossa Senhora de Fátima (bairro Veravinha), Comunidade Nossa Senhora das Graças (bairro Vale Dourado), Comunidade Santa Helena (bairro Feital), Comunidade Santa Edwiges e Santo Expedito (bairro Granja Votorantim), Comunidade Santa Lúcia (bairro Jardim Santa Lúcia), Comunidade Santo Antônio e São Judas (bairro Rio de Uma de Baixo), Comunidade Santo Expedito (bairro Residencial Ibiúna), Comunidade São Dimas (bairro Paiol Pequeno), Comunidade Mãe Rainha (bairro Manoel Clemente), Comunidade Santa Rita de Cássia, Comunidade São Benedito (bairro Vila Lima), Comunidade São Camilo de Lelis (bairro Pomar Yuri), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (bairro Lageadinho), Comunidade Santa Cruz e São José (bairro Vila Camargo), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (bairro Dois Córregos), Comunidade Nossa Senhora do Bom Parto (bairro Cachoeira), Comunidade Nossa Senhora da Guia e Santa Catarina (bairro Rosarial), Comunidade São Roque (bairro da Vargem), Comunidade Nossa Senhora do Rosário (bairro Lageado), Comunidade Nossa Senhora de Lurdes (bairro Vieirinha), Comunidade Santa Filomena e Santo Expedito (bairro Tavares), Comunidade São João Batista (bairro Cupim), Comunidade Santo Antônio (bairro Puris), Comunidade São Francisco de Assis (bairro Paes), Comunidade São Pedro (bairro Capim Azedo) São Paulo Apostolado (bairro dos Paulos), Comunidade São Bento (bairro do Verava), Comunidade do Bom Jesus e Santa Cruz (bairro Boava), Comunidade do Espírito Santo (bairro Bela Vista), Comunidade São João Batista (bairro Domingues), Comunidade Nossa Senhora de Lurdes (bairro Sorocamirim), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (bairro Votorantim), Comunidade Nossa Senhora Aparecida e São Francisco de Assis (bairro Recreio), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (bairro Ressaca), Comunidade Santa Cruz Imaculada Conceição (bairro Piratuba), Comunidade Nossa Senhora Mãe dos Homens (bairro Colégio), Comunidade Santa Luzia (bairro Cocais), Comunidade Santa Rita de Cássia (bairro Rio de Una), Comunidade São João Batista (bairro Paruru), Comunidade São Judas Tadeu (bairro dos Godinho), Comunidade Santa Catarina de Alexandria (bairro Areia Vermelha), Comunidade Sagrado Coração de Jesus (bairro Campo Verde), Comunidade de São Cristóvão (bairro Paruru). Essas comunidades católicas realizam inúmeras festas durante o ano como: a festa em louvor a Santa Rita de Cassia (bairro Rio de Una), Festa de Santa Cruz (bairro Piratuba, Paruru, Cocais e Campo Verde), Festa de São João Batista (bairro Paruru), Festa de São Pedro (bairro Areia Vermelha), Festa de São Roque (bairro Areia Vermelha), Festa de Santa Teresinha (bairro da Ressaca), Festa de São Judas Tadeu (bairro dos Godinho), Festa de Santa Catarina (bairro Areia Vermelha), Festa de Nossa Senhora das Graças (bairro do Colégio), Festa de Santa Luzia (bairro dos Cocais), Nossa Senhora de Lurdes (bairro Vieirinha), festa São João Batista (bairro do Cupim), festa de Santo Antônio (bairro dos Puris), festa de Santa Filomena (bairro dos Tavares), festa de São Roque (bairro da Vargem), festa de São Bento (bairro Residencial Europa), festa de Santo Expedito (bairro dos Tavares), festa Nossa Senhora do Rosário (bairro do Lageado), festa Nossa Senhora de Guadalupe (bairro Residencial Europa), festa de São Francisco de Assis (bairro dos Paes), festa da padroeira Nossa Senhora das Dores (bairro Centro), São Benedito (bairro Centro), Festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo (bairro Centro) dentre outras.

Existe uma ênfase maior para as festas religiosas locais que permeiam todo o calendário, demonstrando o quanto as manifestações religiosas estão presentes no cotidiano da população.

Assim, as opções de lazer para a maioria da população, além das belezas naturais e das festas tradicionais como carnaval e aniversário da cidade, são também as festas religiosas, pois proporcionam momentos de diversão e confraternização.

No que se refere à política local, no primeiro ano de desenvolvimento da pesquisa, a cidade passava por um período conturbado politicamente. O prefeito Fábio Bello de Oliveira (PMDB) foi eleito em 2012, mas não pôde assumir devido à lei denominada “Ficha Limpa”. Portanto, quem assumiu o cargo foi o segundo colocado nas eleições, Eduardo Anselmo Domingues Neto (PT). Porém, as decisões judiciais foram alternando os dois no poder, em menos de dois anos houve quatro mudanças na direção do poder executivo, a última coube ao prefeito Fábio Bello de Oliveira.

É nesse município que há quase 100 anos realiza-se a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Atualmente é um dos acontecimentos mais importantes da cidade, pois reúne milhares de pessoas de diferentes lugares. A festa tem uma ampla divulgação através de panfletos, outdoors espalhados pela cidade e região e também virtualmente através de uma página na internet e nas redes sociais, ambas criadas no ano de 2015 pela comissão de festas, coordenada pelo Padre Daniel Vitor Cardoso Rodrigues, que começou a administrá-la no mesmo ano a pedido do bispo Dom João Bosco da diocese de Osasco. Nessa divulgação virtual é possível ter acesso a fotos e vídeos da romaria, novena, missas, procissões e sua programação.



97ª FESTA DE SÃO SEBASTIÃO E DIVINO ESPÍRITO SANTO



Rumo ao centenário

DE 19 A 31 DE MAIO DE 2016 Ibiúna/SP

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS DORES, PARÓQUIA SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS E SÃO ROQUE, PARÓQUIA SANTA CRUZ, PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE, ÁREA PASTORAL SÃO JUDAS TADEU.

PROGRAMAÇÃO

07 DE MAIO (SÁBADO)
20:00HS. - JANTAR DANÇANTE.
LOCAL: CENTRO CULT ESPORTIVO DE IBIÚNA, ANTIGA A.D.I.

22 DE MAIO (DOMINGO)
08:00HS. - MISSA E PROCESSÃO DOS LIVRADORES. LOCAL: AVENIDA SÃO SEBASTIÃO (COCRETO). APOIS A MISSA, FEIÇÃO DE VERDUBAS NA PRAÇA DA MATRIZ.

28 DE MAIO (SÁBADO)
06:00HS. MISSA SAÍDA DOS ROMEIROS. LOCAL: SERTÃO (BARRIO POCINHO).
18:00HS. CHEGADA DA IMAGEM DE SÃO SEBASTIÃO. LOCAL: AVENIDA SÃO SEBASTIÃO (COCRETO). APOIS MISSA NA PRAÇA DA MATRIZ.

31 DE MAIO (TERÇA-FEIRA)
07:00HS. MISSA DE ESPERANÇA DA IMAGEM. LOCAL: MATRIZ NOSSA SENHORA DAS DORES (COCRETO). 17:00HS. MISSA "CHEGADA DA IMAGEM". LOCAL: SERTÃO (BARRIO POCINHO).

15 DE MAIO (DOMINGO)
15:00HS. - BINGO EM PROLA A FESTA. LOCAL: CENTRO CULTURAL ESPORTIVO DE IBIÚNA - ANTIGA A.D.I.

26 DE MAIO (QUINTA-FEIRA)
15:00HS. - NOVENA - MISSA DE CORPUS CHRISTI. LOCAL: MATRIZ NOSSA SENHORA DAS DORES (COCRETO).

29 DE MAIO (DOMINGO)
09:00HS. MISSA DOS FESTEIRINHOS. LOCAL: MATRIZ NOSSA SENHORA DAS DORES (COCRETO). 18:00HS. PROCESSÃO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. APOIS MISSA NA PRAÇA DA MATRIZ.

ORNAMENTAÇÃO DOS ANDORES.
ANTONIO CARLOS VIEIRA RUFO.
LUIZ FRANCISCO VIEIRA RUFO.

19 A 27 DE MAIO
19:00HS. - NOVENA. LOCAL: MATRIZ NOSSA SENHORA DAS DORES (COCRETO).

27 DE MAIO (SEXTA-FEIRA)
19:00HS. - MISSA ENCERRAMENTO DA NOVENA. LOCAL: MATRIZ NOSSA SENHORA DAS DORES (COCRETO).
20:00HS. MISSA E PROCESSÃO LUMINOSA. LOCAL: SERTÃO (BARRIO POCINHO).

30 DE MAIO (SEGUNDA-FEIRA)
18:00HS. PROCESSÃO DE SÃO SEBASTIÃO E DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. APOIS MISSA NA PRAÇA DA MATRIZ.

BANDA CONVIDADA:
BANDA LIRA UNENGE.

FESTEIROS

SÃO SEBASTIÃO

ALEXANDRE DO NASCIMENTO E FATIMA APARECIDA RIBEIRO BRAGA
BENITO DA SILVA FRANCO E ELINICE FLORENCIO PINO
FABIANO FRANCISCO DE ALMEIDA E MICHELE AP DOZ SANTOS
GERMÃO NUNES E FABRICA LETY CARDOZO GOEDINHO NUNES
JAN LINDO DOS SANTOS E LEVIANE MARIM RIBEIRO DOS SANTOS
JEFERSON DE ALMEIDA LIMA E MARISA MAZZER FORTINHO
JOÃO DIMAS VALLANDRO JR E ANA PULLA G. DA S. VALLANDRO
JOSE JORGE DA SILVA LASSALA E SILVA MARIA P. DA SILVA LASSALA
LEANDRO VIEIRA XAVIER E SOFANA LIMA DE CAMARGO XAVIER
LUIZ CARLOS R. SILVA E SOZUELI APARECIDA DOMINGUES
MARCELO ANTONIO MARIANO E PATRICIA CRISTIANE G. A. MARIANO
MARCOS ROBERTO SOARES E CRISTIANE SOARES
MURILO GERMANO FERREIRA E ANDRÉIA GOEDINHO DIAS
NELSON NOGUEIRA JUNIOR E ADRIANA SANZUO GOMES NOGUEIRA
RINALDO GUEDES DE OLIVEIRA E ADRIANE VIEIRA RIBEIRO GUEDES
RODRIGO ANTONIO DE MORAES E ALINE MARIA MOURA DE MORAES
RONALDO BENEDITO DE BORBA E RENATA INACIANA DE BORBA
SERGIO ANTONIO PENA E MARIZA MARIA DE BORBA PENA
SONEY APARECIDO DE MORAES E OLIVEI MORAES
SEUZO MARCEL XAVIER E MARIA MARGARIDA DIAS XAVIER

DIVINO ESPÍRITO SANTO

ADRIELLEN VITORIA ABALLO MARIANO
BIANCA CAMARGO SANTOS
BRUNA SOARES RIMALHO
DANIELA APARECIDA DE OLIVEIRA
GABRIELA NUNES
HILARY APARECIDA SOARES PINO
JEFERSON FRANCISCO SOARES
JULIANA LEITE
LAS GABRIELA PEDROSO DA SILVA
LEONARDO NANNI
LUANE GABRIELA PEREIRA DE OLIVEIRA
MICHELE PEREIRA DOMINGUES
MONICA PEREIRA
RENAN HENRIQUE VAZ
RODOLFO ROMERO
RODRIGO JOSE ELIAS MACHADO
RODRIGO MORGADO
SILENE CASSEMIRO DOS SANTOS
TAMARIS ALBINO
VITOR HUGO VIEIRA RIBEIRO

PADRES: Pe. BENEDITO APARECIDO CESÁRIO, Pe. DANIEL VITOR CARDOSO RODRIGUES, Pe. PEDRO RODRIGUES LOPES, Pe. SEVERINO FERREIRA DA SILVA, Pe. ANTONIO CARLOS DE SOUZA.

PATROCINADORES

FACEBOOK /festasaosebastiaoibiuna Acompanhe toda a programação da festa.
TV | ONLINE festadesaosebastiaoibiuna.com.br Assista ao vivo a todas as missas da festa e a chegada da romaria com a imagem.

Imagem 2. Agenda da 97ª festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo de 2016. Disponível em: < www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna >. Acesso em 10 novembro de 2016.

A cor utilizada para divulgar a agenda da festa faz referência às cores do catolicismo para representar São Sebastião e o Divino Espírito Santo, a imagem de São Sebastião aparece em destaque, em tamanho maior, com foco no dorso flechado e na expressão do santo martirizado. Já a imagem do Divino é representada por uma pomba branca, reduzida e sem foco, evidenciando o protagonismo do santo. A divulgação da programação da festa identifica os festeiros, os responsáveis pela ornamentação dos andores, a participação da banda local, Lyra Unense, e o envolvimento dos padres de todas as paróquias da cidade.

A programação é basicamente a mesma dos anos anteriores, as informações são detalhadas especificando dia, horário e lugar sugerindo que o público-alvo não é apenas o local. Os patrocinadores encontram considerável espaço, incluindo pequenos e grandes comerciantes locais, da região, grandes empresas, políticos, prefeitura, famílias e pessoas que patrocinam como forma de agradecimento. As mudanças aparecem no maior número de festeiros, patrocinadores e nos meios utilizados para divulgação da festa. Outras programações que incluem shows, coquetel, bingos e jantares são divulgados separadamente, mas mantém a mesma estrutura estética.

A festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo dá visibilidade à cidade em escala regional e estadual. Essas características foram utilizadas para legitimar a aprovação da lei nº 8193 de 15 de dezembro de 1992³⁵ que inclui a festa no calendário turístico do Estado. A indicação³⁶ da inclusão da festa no calendário turístico do Estado coube ao então vereador do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) Ivo Irineu Soares de Campos. As justificativas para a indicação estão alicerçadas em dois documentos: uma pesquisa acadêmica de autoria da geógrafa da USP (Universidade de São Paulo), Dra. Maria Cecília França e uma lauda da revista “O Regional - Isto é Ibiúna”.

Nesses documentos a romaria figura como argumento principal para incluir a festa no calendário turístico do Estado, exemplificando que esse rito constituiria aspectos de atração turística. O documento não cita outros ritos e utiliza em várias passagens o termo “festa de São Sebastião”, não há referências ao Divino.

Participar da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo em Ibiúna não é apenas ocupar e utilizar esse espaço numa circunstância específica, mas adentrar numa complexidade de elementos que envolvem experiências, usos, conflitos e memórias. Para percorrer esse

³⁵ Disponível em: < www.al.sp.gov.br >. Acesso em 20 de maio de 2016.

³⁶ CAMPOS, Ivo Irineu Soares. In: *Câmara Municipal de Ibiúna* (indicação n. 78/ 92 inclusão da festa de São Sebastião no calendário turístico do Estado de São Paulo) com documentos de Maria Cecília França e José Gomes.

caminho, foram priorizadas as narrações dos participantes da festa, são esses os protagonistas desta pesquisa.

Neste primeiro momento privilegiou-se o encontro com os narradores e as construções dos diálogos, de modo que esses primeiros contatos foram cruciais para ditar os rumos da pesquisa, pois se compreendeu que para os narradores rememorar sobre a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo significava rememorar sobre a Romaria de São Sebastião. Assim, salienta-se a primeira indagação da entrevista que se referia às memórias sobre a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, entretanto as construções narrativas em torno dessa indagação trouxeram à tona a Romaria de São Sebastião e a devoção a São Sebastião como protagonistas de experiências dos entrevistados sobre a festa.

Benedito Aparecido de Almeida Lima³⁷, mais conhecido como Dito Lima, pertence à família que compõe a banda Lyra Unense, única banda remanescente da cidade. No dia da entrevista fui até o local escolhido por ele, a sede da banda, que fica localizada no centro da cidade. A sede é um cômodo pequeno, mas muito bem cuidado, com várias fotos na parede de pessoas que integravam a banda e um oratório com a imagem de São Sebastião. Para iniciar a entrevista perguntei: quando falamos na festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo que memórias lhe vêm à cabeça?

Começou sua narração através de suas experiências familiares que deram início a sua devoção ao santo, participação na festa e na banda:

Eu tive a dádiva divina de... ter nascido numa família de músicos. Foi por intermédio da nossa Lyra Unense... na qual, essa Lyra Unense, desde 1919, segundo consta as histórias anterior dos nossos pais, dos nossos ancestrais, dos meus ancestrais pelo menos. Cheguei nessa conclusão de que a corporação musical Lyra Unense participa dessa festa desde 1919, então na qual a gente acabou descobrindo também foi... venerar e cultuar São Sebastião também foi...³⁸

Elucidar os primeiros contados com os narradores, o local e as circunstâncias das entrevistas, como se deu o início do diálogo e a construção das percepções de ambos são importantes na medida em que o produto da história oral é o diálogo; assim, o pesquisador não é neutro, está fazendo parte da constituição da fonte “A 'entre/ vista', afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero

³⁷ Benedito Aparecido Almeida Lima, entrevista concedida à autora em 04 de junho de 2016. Na sede da banda Lyra Unense em Ibiúna.

³⁸ Idem, Ibidem.

multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo”.³⁹ De modo que, para cada diálogo, procurou-se esclarecer aspectos desses encontros e as percepções das relações construídas entre narrador e pesquisador.

Benedito inicia sua narração⁴⁰ se posicionando como membro do grupo familiar, julga ser um privilégio divino ter nascido em uma “família de músicos”, sua família poderia ser caracterizada de diversas formas, mas usa a expressão como um adjetivo qualificador. Suas experiências pessoais e coletivas são intermediadas pela banda – banda e família aparecem como sinônimos. Para se referir ao passado utiliza como marco temporal sua experiência familiar, justificada pelas histórias que lhe foram contadas.

Em seguida, quando modifica sua referência espacial para a cidade, parte de um conhecimento também adquirido no âmbito familiar:

[...] tinha uma época lá tal de influenza, a gripe né? A gripe espanhola, influenza e tal, a gente ficou sabendo por intermédio dos ancestrais né? Então foi feito uma pequena promessa também pra que essa gripe espanhola, a influenza, não influenciasse aqui na comunidade ibiunense e por incrível que pareça não tivemos nenhum caso nessa época de... Então, a partir daquele momento, por intermédio de entidades religiosa da época, na qual eu sei pela história também... (se refere aos ancestrais) resolveram homenagear São Sebastião durante três dias vindo do Sertão, Pocinho, pra nossa Matriz aqui em Ibiúna [...].⁴¹

A narrativa de Benedito é legitimada pelos seus familiares, sugerindo uma história oral passada de geração em geração. O passado é identificado pelo uso frequente do termo “ancestral” ou quando indica uma “época”. Sua fala é permeada pela história de sua família e antepassados, o que pode estar relacionado ao lugar onde a entrevista foi realizada, visto que o local no qual esta ocorre influencia no processo narrativo.

Percebe-se que a epidemia memorada atingiu outros lugares que não foram mencionados. Quando usa a expressão “[...] por incrível que pareça não tivemos nenhum caso nessa época” se refere à intervenção divina, ou seja, aquilo que não se pode atribuir ao acaso: a cidade não ter sido atingida pela epidemia. Este fato é explicado pela crença no milagre que dá início à romaria como uma forma de agradecimento a São Sebastião pela proteção. Suas referências espaciais perpassam pelo local de saída da romaria, o Sertão, localizado no bairro

³⁹ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 20.

⁴⁰ LIMA, B. A. A. Op. cit.

⁴¹ Idem, *Ibidem*.

do Pocinho, e o local de chegada, a Igreja da Matriz Nossa Senhora das Dores.

Para a entrevista com José Gomes, Linense, memorialista conhecido na cidade, o local escolhido por ele foi sua casa, localizada na região central, no bairro do Matadouro. Quando cheguei, sobre a mesa havia uma grande quantidade de material a respeito da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Acostumado a dar entrevistas e falar sobre o tema em mídias diversas, possuí uma voz autorizada sobre o assunto.

Comecei o diálogo comentando sobre os propósitos da pesquisa e logo ele iniciou a narração, sua dicção era clara, pausada e com teor de propriedade possivelmente adquirido através de suas pesquisas e do seu reconhecimento na cidade. No começo sua narração pareceu decorada, talvez em virtude da frequência com que deve falar sobre o tema, usando uma linguagem formal e impessoal contou que

[...] Esse ano de 2016 será comemorada a 97ª Festa de São Sebastião. Ela teve início em 1919, tudo fruto da gripe influenza espanhola que se alastrou em todo o planeta Terra dizimando cerca de 40 milhões de pessoas. Aqui na vizinhança nos municípios vizinhos chegava a notícia de mortes todos os dias em consequência dessa gripe ‘Influenza, Espanhola’, que na expressão da verdade se transformou numa peste. E, o povo Ibiunense não é, diante dessas notícias não é, ficou bem alarmado não é, com certeza.

Então as senhoras do apostolado da oração, que todos os dias rezavam com o Padre Antônio de Sá Ferros, elas pediram que o padre convocasse o povo e que juntos eles não só rezassem para que a gripe não chegasse a Ibiúna como também lançaram a ideia da promessa de que se São Sebastião intercedesse não é, Jesus Cristo que a peste não atingisse Ibiúna, que seria todos os anos trazida da Capela de São Sebastião, do bairro do Pocinho, até Ibiúna na matriz de Nossa Senhora das Dores a imagem de São Sebastião que seria cultuado aqui durante três dias e depois levado novamente em romaria até a capela.

E... acontece que em Ibiúna não houve nenhum caso nenhum óbito em consequência da gripe e tudo isso atribuído um milagre de São Sebastião [...].⁴²

Linense expõe sobre a origem da romaria com base nos conhecimentos adquiridos através de suas pesquisas, e pela semelhança entre sua narração e suas publicações revela um discurso já viciado. A narração pode se assemelhar, mas jamais será uma cópia de suas

⁴² José Gomes, entrevista concedida à autora em 10 de maio de 2016. Na residência do entrevistado em Ibiúna.

publicações, uma vez que

Esse tipo de história é de fato, resultado da intervenção de um ouvinte e ‘questionador’ especializado: um historiador oral com seu projeto. Ele dá início ao encontro cria o espaço narrativo para o narrador – que tem uma história a contar, mas que não a contaria daquela maneira em um outro contexto ou a um outro destinatário.⁴³

Apesar das semelhanças nos discursos, o encontro entre narrador e pesquisador é uma situação específica, portanto, a forma como se expressou jamais se repetirá, visto que resultou das percepções construídas entre ambos.

Utilizando como referências datas, quantificação e uma noção espacial que abarca desde cidades vizinhas até o planeta, traz uma pretensa objetividade à narração quando afirma que a epidemia “se alastrou em todo o planeta Terra dizimando cerca de 40 milhões de pessoas” e que “chegava notícia de morte todos os dias”, outro fator de objetividade é a identificação do Padre Antônio de Sá Ferros e as senhoras que compunham a irmandade Apostolado da Oração. O teor dramático destaca a cidade como um lugar privilegiado do resto do mundo, já que não foi atingida pela epidemia.

Diante da situação narrada como terrível, a alternativa foi recorrer ao sobrenatural. A iniciativa da promessa e da romaria partiu da irmandade “Apostolado da Oração”, demonstrando o poder desta, além de reconhecer a presença do padre na constituição da devoção a São Sebastião. Esse aspecto dramático da narração e a afirmação de que não houve óbitos legitima a força e credibilidade desse grupo, sua mediação é responsável pelo milagre atribuído à intercessão de São Sebastião.

A entrevista com Wilma Aparecida Pecci Camargo foi intermediada por outro narrador, Antônio Carlos Vieira Ruivo, e partiu dele a iniciativa do nosso contato. Nesse primeiro encontro, expliquei sobre a pesquisa e me alertou que não se sentia a vontade com filmadoras e fotografias. Logo, esclareci como a entrevista seria arquivada, concordando em fornecê-la. A entrevista aconteceu em sua casa, localizada no centro da cidade. Começamos a conversar, até que me senti segura para fazer a primeira pergunta: quando falamos da festa de São Sebastião que memórias lhe vêm à cabeça? A partir dessa pergunta sua narrativa é tecida com base na sua história familiar, centrada em seus pais Avelina Pecci e Antônio Pecci. Frequentemente mencionados, relembra o que seu pai lhe contava:

⁴³ PORTELLI, Op. cit. p. 212.

Daí a festa veio assim... A romaria meu pai falou que daí quando começou dá, da gripe espanhola que chamava, lá em São Roque o pessoal morreu muita gente, o surto foi muito grande. Então eles se reuniram pra fazer a promessa de busca o São Sebastião lá (bairro do Pocinho) e trouxe (centro da cidade), só que levava... Não chegava no dia aqui. Eles vinham descansando pelo caminho, né, a princípio não ia acho que meu pai não ia com o caminhão que nem acho que tinha estrada que pudesse chegar até lá [...].⁴⁴

Identifica-se a transmissão oral dessas memórias pelos familiares, a sua referência espacial envolve cidades vizinhas que foram afetadas pela epidemia, constatando a gravidade da situação. A saída encontrada foi a promessa feita a São Sebastião. Esse fato deu início à romaria e, portanto, à festa; festa e romaria aparecem como sinônimos. Salienta a figura de seu pai como romeiro e as dificuldades impostas pelo trajeto.

Antônio Carlos Vieira Ruivo é muito conhecido por sua participação e da sua família na festa, é figura frequentemente requisitada quando esse é o assunto.

A entrevista foi realizada na casa de sua mãe, localizada no centro. Ao falar sobre o surgimento da festa, Carlos conta: “A festa de São Sebastião ela apareceu no povo na vontade do povo por uma situação de doença né, ele é o protetor das grandes pestes né, então como você já deve ter lido e relido e escutado mil coisas [...]”.⁴⁵ Identifica a origem da festa como uma manifestação popular em uma circunstância específica de doença, quando se recorreu a São Sebastião, justificado por ser o protetor das pestes. Para o narrador, essa memória é muito divulgada, conhecida oralmente e através de documentos escritos, por isso não se aprofundou no assunto.

Segundo Liane Maria Bertucci, em “Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola”, a epidemia de gripe espanhola, de outubro a novembro de 1918, modificou totalmente o cotidiano dos paulistanos e colocou em xeque os conhecimentos médicos e científicos da época que não encontravam maneiras de controlar e tratar a doença que se alastrava. “A tentativa de suicídio de um operário, que acreditou estar com gripe espanhola porque tinha dor de cabeça, dava a dimensão de quanto assustadora era a simples ideia de estar com a epidemia”.⁴⁶

É possível perceber o terror e pânico instaurado pela epidemia, inflado pela falta de

⁴⁴ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista cedida à autora em 4 de julho de 2016. Na residência da entrevistada em Ibiúna.

⁴⁵ Antônio Carlos Vieira Ruivo, entrevista concedida à autora em 9 de junho de 2016. Na residência da mãe do entrevistado em Ibiúna.

⁴⁶ BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza. A medicina enferma. Ciência e prática de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Dissertação de Doutorado pela Unicamp, 2002, p. 128.

cura e tratamento médico. Desse modo, diante da impossibilidade de cura, outras práticas passaram a ganhar maior visibilidade, como as curandeiras, homeopatia, atuação de charlatões, remédios milagrosos, antídotos, xaropes, alimentos e orações.

No final do ano de 1918 e início de 1919, esse assunto foi digno de registro no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Dores pelo Vigário Antonio de Sá Ferraz:

De manhã continuei fazendo as preces e rezando o terço por causa da epidemia (influenza hispaniola) e durante este mez; com o fervor de Deus, nenhum caso apareceu n'esta cidade e tenho esperança que não há de aparecer. Parece que uma voz me segreda que Deus terá dó d'este povo. Tenho, em cada domingo, aconselhar a maior higiene possível e uma confiança ilimitada na Providência [...] Deixou de realizar-se n'este anno a tradicional 'Missa do Galo' devido ao perigo de contágio da 'Influenza' [...].⁴⁷

As impressões do vigário demonstram sua apreensão com a possibilidade do contágio da epidemia na cidade, representada como uma ameaça iminente. Diante dessa situação descrita como temerosa, o vigário constrói sua imagem enquanto líder religioso, receptor de uma mensagem divina, revelando que Deus protegerá o povo da cidade. Percebeu-se que o cotidiano da cidade foi afetado diante da atitude do vigário em cancelar a realização da missa do Galo, uma das celebrações mais importantes da igreja católica, indicando a gravidade da situação. A atuação do vigário não se restringiu ao campo religioso, pois também tentou intervir no cotidiano da população ao recomendar práticas de higiene para evitar o contágio da doença. É interessante notar que nas narrativas não há referências a esses preceitos de higiene, a saída é sempre compreendida por meio da fé.

Recorrer ao sobrenatural é o alento diante do desconhecido e do incurável. A população encontra alternativa não por meio de saberes médicos e científicos, mas por vias e possibilidades existentes. A intenção não é discutir se houve ou não intervenção divina que protegeu a cidade, já que aquilo “[...] que os informantes acreditam é na verdade um fato histórico (isto é fato que eles creem), tanto como naquilo que realmente aconteceu”.⁴⁸ Portanto, aquilo que se acredita é, ou seja, não se separa o imaginário do real.

Assim, os estudos sobre imaginários se dedicarão a entender de que forma construímos e arquivamos na memória individual e pública, desde nossos

⁴⁷ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Vigário Padre Antônio de Sá Ferraz dezembro de 1918. Tombo 09-03-013, 1913-1957, p. 18.

⁴⁸ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? *Revista Projeto História*. PUC, São Paulo, n. 14, 1997, p. 31.

desejos e percepções sociais até nosso modo grupal de ver, de viver, de habitar e desabitar nosso mundo.⁴⁹

Depreende-se que as construções dessas memórias estão atreladas a esses imaginários que determinam as ações desses grupos, materializando-se na realização da Romaria de São Sebastião e da festa.

A afirmativa de Antônio Carlos de que essa memória é reconhecida publicamente pode ser confirmada no folheto da 97ª festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo de 2016, o qual registra que

A devoção ibiunense a São Sebastião é antiga. Entretanto, acentuou-se entre 1917 e 1918, quando uma terrível peste com características de gripe, apelidada ‘gripe espanhola’ assolou todo o planeta, ocasião em que nossa querida cidade, se manteve ilesa, devido a uma promessa feita pedindo à intercessão do Santo Protetor [...]⁵⁰

Também nos jornais locais se confirma:

[...] A lembrança forte de São Sebastião fez com que o povo da cidade o trouxesse para venerá-lo na Igreja da Matriz, pedindo proteção contra a peste que matava sem piedade em outras paragens.

E aqui ninguém morreu da gripe espanhola! [...].⁵¹

Essas memórias figuram tanto nas experiências dos narradores como na memória de outros grupos, indicando que são formuladas e construídas socialmente. Enveredar para uma memória coletiva pode sugerir uma memória consensual, homogênea, apartada das diferenças individuais. Sobre essa questão os argumentos de Halbwachs apontam uma importante reflexão: “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.”⁵² Por meio dos argumentos do autor o termo memória coletiva se afasta dessa ideia de uniformidade, compreendendo que há diversas versões sobre esta. Desse modo, salienta que as memórias são diferentes e singulares, porém, parte integrante de um mesmo grupo.

O milagre atribuído a São Sebastião de que a cidade não foi atingida pela epidemia de gripe espanhola deu início à Romaria de São Sebastião. Essa memória coletiva expressa sua

⁴⁹ SILVA, Armando. A cidade imaginada. In: *Imaginários: estranhamentos imaginários*. São Paulo: SESC, 2014, p. 29.

⁵⁰ 97ª Festa em Louvor a São Sebastião e ao Divino Espírito Santo de 2016.

⁵¹ A *VANGUARDA DE IBIÚNA*, 31 de maio de 1997, p.1.

⁵² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p.51.

importância nas experiências dos narradores, já que foram transmitidas de geração em geração e continuam sendo reafirmadas e atualizadas socialmente. Ecléa Bosi diz: “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar.”⁵³; portanto, a construção dessas memórias são condicionadas pelo presente e grupos sociais nos quais estamos inseridos.

As memórias não são estáticas, são reformuladas de acordo com o presente. A dinamicidade dessas memórias pode ser evidenciada no folheto da novena da festa do ano de 1998, ministrada pelo pároco Luís Gonzaga e Vigário Padre Paulo Ferreira Pimentel: “Irmãos e irmãs estamos aqui para celebrar esta Eucaristia em louvor a São Sebastião. Ele que um dia livrou esta comunidade de epidemia, continua a interceder por nós contra a peste do desemprego, da fome, da miséria e da falta de fé.”⁵⁴ Na evidência a peste está sendo vinculada não apenas como significado de doença, mas está associada a outros infortúnios.

Linense, também reformula suas memórias de acordo com questões atuais:

[...] São Sebastião continua protegendo Ibiúna. Tanto é que tá agora ai um... um novo tipo de gripe não é ...influenza não sei o quê, eu não tenho informação de nenhum caso em Ibiúna né, se bem que alguns... an... historiadores mais antigo atribuiu isso não a São Sebastião , mas ao clima não é... mas a gente tem que ver que tem sim alguma coisa... com certeza.⁵⁵

Refere-se ao surto de gripe que alarmou o mundo recentemente e estabelece uma ligação entre passado e presente, alguns elementos da memória permanecem outros são modificados. O que permanece é a proteção do santo à cidade, mas a causa da proteção é outra. Nesse trecho assume a condição de devoto e deslegitima outra possível explicação que não esteja relacionada ao sobrenatural.

As construções dessas memórias expressam a importância da origem da romaria para as experiências dos narradores, transmitidas de geração em geração e que são reafirmadas e atualizadas. Essas memórias se baseiam na tríade epidemia, milagre, romaria. O protagonismo do milagre é atribuído a São Sebastião, revelando uma relação secundarizada com o Divino. A romaria aparece nessas memórias como prática religiosa de agradecimento a uma graça divina coletiva.

⁵³ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994, p.54.

⁵⁴ Festa em Louvor a São Sebastião e ao Divino Espírito Santo, Paróquia Nossa Senhora das Dores, Ibiúna, Bispo Dom Francisco Manoel Vieira, Pároco Luiz Gonzaga de Santana e Vigário Padre Paulo Ferreira Pimentel maio de 1998, p.6.

⁵⁵ José Gomes, entrevista cedida à autora em 10 de maio de 2016. Residência do entrevistado em Ibiúna.

A Romaria de São Sebastião e a devoção ao santo são temáticas centrais que atravessam a maioria das narrações aliadas à posição de romeiros assumida pelos narradores. A festa possui vários outros ritos: novena, missas, procissão de São Sebastião, procissão do Divino Espírito Santo e a procissão dos lavradores. Partindo dessa constatação: por que a romaria foi escolhida para ser lembrada? O que faz dela uma experiência mais significativa do que os outros ritos? Quais são os diferentes significados atribuídos? O que lembram? Como lembram?

O diálogo com José Ramos Tinhorão auxilia na reflexão sobre a Romaria de São Sebastião quando traça diferenças entre procissão e romaria. Segundo o autor,

[...] a procissão consiste em uma cerimônia organizada pela Igreja com caráter ritual religioso e os círios e as romarias são manifestações de devoção comunitária, para a prática de um culto votivo em clima de festa [...] os círios e as romarias resultam da iniciativa de grupos particulares, movidos pela notícia de acontecimentos maravilhosos ou obrigados ao cumprimento de voto pela obtenção de alguma graça divina coletiva. Outra diferença das procissões em relação aos círios e às romarias estaria no fato de que as primeiras se circunscrevem a roteiro quase sempre em espaço urbano, ao passo que os demais constituem deslocamentos da massa de fiéis até os santuários ou locais de culto situado às vezes fora da cidade, a quilômetros de distância”.⁵⁶

Em relação aos argumentos do autor sobre as romarias, algumas das características citadas estão presentes na Romaria de São Sebastião. De modo que é uma manifestação religiosa justificada pela promessa feita a São Sebastião para proteger a cidade da epidemia de gripe espanhola, englobando um caráter penitencial, mas também festivo. O cumprimento da promessa corresponde ao deslocamento anual dos devotos, num percurso de aproximadamente 27 quilômetros da Capela de São Sebastião, situada no bairro do Pocinho, até a Paróquia Nossa Senhora das Dores, localizada no centro da cidade. Após três dias de festa os romeiros percorrem o mesmo trajeto para levar São Sebastião de volta à sua capela.

⁵⁶ TINHORÃO, José Ramos. *Festa de Negro em Devoção de Branco. Do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 29-30.

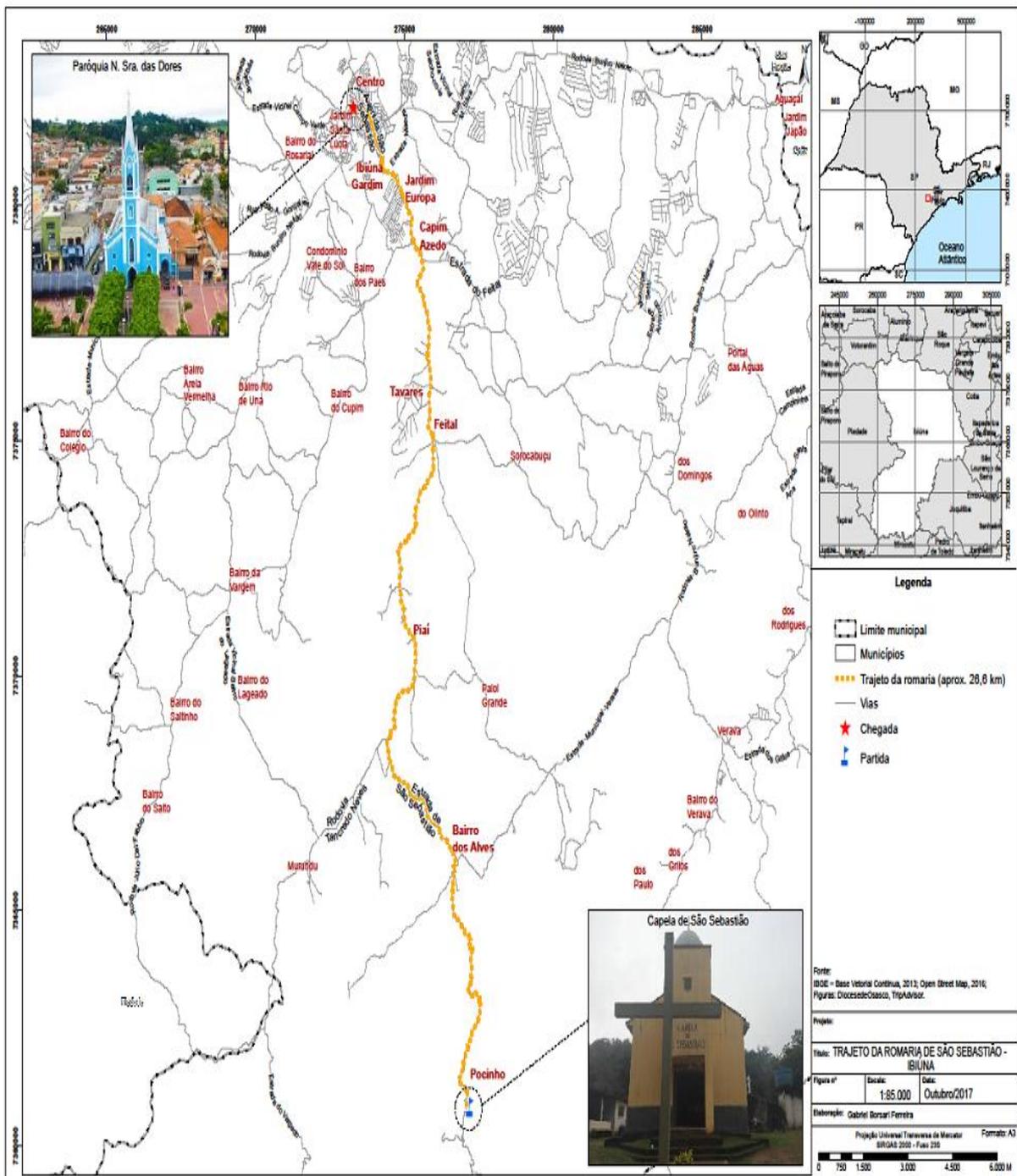


Imagem 3. Mapa do Trajeto da Romaria de São Sebastião em Ibiúna – SP.

Fonte: FERREIRA, Gabriel Borsari. Mapa Trajeto Romaria de São Sebastião em Ibiúna – SP elaborado em outubro de 2017.

O início e o término da Romaria de São Sebastião tem como ponto de referência a Capela de São Sebastião, onde os devotos “[...] vão à busca de um lugar próprio e único, onde um tipo peculiar de relação com o sagrado é intensamente vivido por ser 'ali'”.⁵⁷ Partilhando dos pressupostos de Carlos Brandão, é “ali” na Capela de São Sebastião, construída em homenagem ao santo, o marco físico da memória coletiva onde se dá a relação com o sagrado.

O lugar é isolado, possui poucos moradores nas adjacências, é entremeado por mata, nascentes e enormes grutas conhecidas como “Grutas de São Sebastião”; do lado direito da Capela de São Sebastião está localizada a “Sala dos Milagres”.



Imagem 4. Fotografia da fachada da Sala dos Milagres. 04 de maio de 2016.
Fonte: acervo particular da autora



Imagem 5. Fotografia do interior da Sala dos Milagres. 04 de maio de 2016.
Fonte: acervo particular da autora

A Sala dos Milagres reforça a ideia de sacralização do lugar, está repleta de diferentes objetos deixados pelos devotos em agradecimento a São Sebastião. A promessa é o elo que une devoto e santo e evidencia relações de troca,

Os santos, cada um com sua 'especialidade', serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo por consequência 'recompensados' pelos fiéis com festas, romarias, pagamento de promessas e procissões, ou então 'punidos', seja com blasfêmias, seja com

⁵⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papyrus, 1989, p. 17.

o não atendimento dos pedidos, seja com 'castigos' advindos do não cumprimento das promessas.⁵⁸

As relações de troca entre devoto e santo correspondem à firmação de um acordo, essa espécie de “contrato” é construído de forma direta e pessoal, na maioria das vezes, sem intermediações. Isso demonstra uma relação de intimidade que pode resultar tanto em recompensas como em punições para ambos.

A Capela de São Sebastião e seus arredores figuram nas memórias de infância de Antônio Carlos. Durante a entrevista, para dar início ao diálogo, a primeira pergunta foi sobre quais as memórias lhe vinham quando se referia à festa. Antônio relata:

Ah... vem, vem, essa foi uma pergunta bem certa. A memória que eu tenho é eu dentro de um carro indo pro Sertão, um Doge azul do meu pai. Eu, meu pai e minha mãe, que nós íamos na quarta-feira pousar lá ... eu tinha o que uns dez, onze...nove, dez anos isso que eu me lembro bem. Aqueles cavaleiros lá, sabe? Um monte de casinha em volta da capela antiga que hoje tá transformada, né, mas eu tenho a fisionomia, assim, eu no vidro da porta do carro, sabe? Olhando aqueles cavaleiros, que um ia pra lá, outro ia pra cá. E uma coisa que me marca é que a noite a gente posava lá, a noite tinha musical, seresta é ... violeiros e quem marca muito é a presença de Maria Aparecida essa é uma das cavaleiras mais antigas, das primeiras, da cavalaria de honra, ela vinha com a sanfona mais um pandeirista e um no cavaquinho, eles cantavam até mais ou menos uma meia noite. E eu lembro muito bem que meu pai e minha mãe colaboravam com a alimentação, porque a mãe de Dona Wilma ... Wilma Pecci, ela ... Só um minuto... (toca a companhia e vai atender a porta) Então, essa senhora que é a mãe de Dona Wilma Pecci, Dona Ervelina, ela que era cozinheira, então, quem ia lá colaborava com ela no alimento, então, era saco de arroz, saco de feijão, e tudo ...ela que fazia a comida para os romeiros. E lembro muito bem a plaina passando na estrada porque a estrada além de ser estreita era fechada por mata, o que não se tem hoje. Então, eu sempre tive... aqueles carro encalhando, sabe? Eu com uma vontade de querer andar junto com os outros. Só que a imagem não vinha muito sobre os braços das pessoas, passava de cavalo pra cavalo, porque a estrada era muito coisa (ruim), poucas pessoas para ajudar ... para o pessoal não cansa muito os cavaleiros pegavam também (se refere a São Sebastião).

⁵⁸ SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade das comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. *Revista Brasileira de História das Religiões ANPUH*, ano III, n. 7, maio 2010, p. 4.

Então essa é a minha imagem.⁵⁹

A primeira expressão utilizada por Carlos indica que possivelmente queria responder essa pergunta de antemão, esperando que eu a fizesse, ou que por meio desta poderia narrar aquilo que queria. Ligado a uma prática familiar experimentada desde a infância, quando seus pais participavam da romaria, retoma suas memórias da infância e observa as experiências dos romeiros. Seus lugares de memória são o interior do carro do seu pai, a Capela de São Sebastião e os arredores. Destaca sua admiração pelos cavaleiros, os momentos de sociabilidade e lazer através da doação de alimentos, sua preparação e as músicas. As ruins condições da estrada descrita como permeada por mata fechada e estreita, além das dificuldades em transitar no local tanto com automóvel, a cavalo ou a pé com o santo, estão relacionadas à ideia de penitência que envolve a romaria. Mais uma vez a memória sobre a festa está atrelada à romaria e narrada como um momento de sociabilidade, lazer, confraternização e dificuldades.

Dos nove entrevistados, Lindaura Santos Silva é a única que não reside no centro da cidade ou nas suas proximidades. No diálogo com Luiz Machado, aparece a figura de Lindaura como uma pessoa que participa ativamente dos festejos, argumento que foi confirmado pelos outros narradores. Pelo fato de morar em um bairro afastado do centro da cidade, bairro dos Alves, além da dificuldade em encontrar sua casa, houve o receio de que não quisesse conceder a entrevista, já que não nos conhecíamos e não havia meios de comunicação para explicar a situação. Todo o receio acabou com a recepção simpática e amigável, expliquei o motivo da visita e prontamente concordou em ceder a entrevista, que aconteceu em um cômodo à parte de sua casa, uma espécie de pequeno oratório.

Fez questão de mostrar um caderno com assinaturas de pessoas que vinham até o local pedir suas orações para as mais diversas situações. Lindaura é uma rezadeira e está acostumada a receber pessoas que vão à sua casa em busca de auxílios espirituais. Ela começa o diálogo narrando que seu marido, Januário, ficou gravemente doente e que atribui sua cura à intercessão de São Sebastião, já que não houve intervenção médica. Após narrar a cura de seu marido, mostrou um recorte de jornal, o qual não foi identificado o nome, página e nem a data, pois foi emoldurado.

⁵⁹ Antônio Carlos Vieira Ruivo, entrevista concedida à autora em 9 de junho de 2016. Na residência da mãe do entrevistado em Ibiúna.



Imagem 6. Fotografia do recorte de jornal.
 Fonte: Acervo de Lindaura Santos Silva

O texto se refere ao problema de saúde de seu marido, que tinha dois furos no palato e foi curado por intercessão de São Sebastião ao final de uma romaria, traz também a imagem da sua família afirmando a fé e os milagres atribuídos ao santo.

O recorte de jornal emoldurado ultrapassa sua condição de objeto e adquire para seu possuidor outros significados, este é único, pois representa sua experiência familiar e religiosa, constitui parte da sua vida e das suas memórias. Condiciona sua construção narrativa às suas experiências na Romaria de São Sebastião e tem como marco de memória a cura do seu marido. Após esse primeiro diálogo, para conhecer melhor a história da entrevistada, perguntei sobre sua trajetória até chegar à cidade de Ibiúna. Lindaura é natural da Bahia, Biritinga, se mudou para a cidade de Marília, São Paulo, e depois para Ibiúna, na década de 1970. Sobre sua trajetória, relembra:

Olha, a história é essa: o meu sogro comprou essa propriedade. Então, ele deu de usufruto pra o filho, que é o meu esposo, é o filho que mais deu neto pra ele. Então, como nós tava muito bem agasalhado lá com nove anos que nós morava lá na fazenda desse Seo [ininteligível], Marília, né, meu marido tá estudando o Mobral... no dia do casamento, ele não assinou, só colocou o dedão, ... eu sei, só fui seis meses na escola, mas ele... então, veio o Mobral, eu falei ‘Vá estudar, vá estudar pra tirar título de eleitor, pra tirar habilitação, precisa’, aí ele foi, né. Então, veja só, surgiu a morada nossa pra Ibiúna: como ele fez o curso de formador de Café, meu marido, e Bicho-da-Seda, foi muito bem e foi um ótimo aluno, o patrão que comprou a fazenda que nós morava queria que ele ficasse, que nós ficasse lá. O meu sogro comprou em

Ibiúna, ‘falou Januário, Ibiúna’, aí ele ficou assim, que nem a rede, né, ‘ô, Lindaura, que que eu faço, eu fico, ou eu atendo o pedido de pai?’ Eu falei ‘Januário, eu não sou mulher de tomar decisão precipitada, tem que pensar’. Se fosse eu, Januário, eu ia pra Ibiúna, pedido de meu pai, que patrão o mundo tá cheio. Ele falou ‘eita, mulher porreta!’, e aí nós viemos pra cá em 1976.⁶⁰

A expressão “Olha, a história é essa”, com a qual inicia sua narração, indica, como atenta Portelli, que “Em vez da objetividade factual, devemos ter em mente a subjetividade pessoal: ‘como ela foi’ não se refere a eventos históricos [...] não à história, mas seu lugar dentro dela”.⁶¹ Como nos conta que foi a vinda para Ibiúna? Qual é o seu lugar dentro dessa história?

Em sua narração assume papel de destaque nas decisões familiares, assim como na herança recebida pelo seu marido, valorizando sua maternidade e fertilidade; Lindaura tem muitos filhos, mais de dez, levando em consideração o recorte de jornal. A situação confortável que a família passava, identificada pela alfabetização do marido e a estabilidade no emprego, era motivo de dúvida quanto à vinda da família para Ibiúna. É interessante notar que essas possibilidades como tirar carteira de motorista, título de eleitor e se alfabetizar são identificadas como oportunidades para o seu marido, no entanto, ela se coloca como a propulsora dessas mudanças. Incentivou o marido a se alfabetizar, o Mobral⁶² representa uma oportunidade que possibilita não apenas a alfabetização, mas também conseguir alguns documentos que para ela são importantes. A decisão da mudança também teve sua interferência, o conselho dado ao seu marido aparece como fator decisivo para a vinda da família.

A expressão “Se fosse eu, Januário, eu ia pra Ibiúna, pedido de meu pai, que patrão o mundo tá cheio”, revela que a vontade do patrão não é valorizada da mesma forma que o pedido de um pai para seu filho, já que patrão se encontra em qualquer lugar, identifica um grupo com interesses comuns, mas opostos ao seu. Segundo Thompson, “A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses sobre si, e contra outros homens cujos

⁶⁰ Lindaura Santos Silva, entrevista concedida à autora em 4 de maio de 2016. Na residência da entrevistada em Ibiúna.

⁶¹ PORTELLI, Alessandro. *Ensaaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p.185.

⁶² Movimento brasileiro de alfabetização (Mobral) programa educacional de alfabetização de jovens e adultos criado pelo governo federal em 1970.

interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus [...]”.⁶³

O diálogo com Thompson não tem a intenção de comprovar sua teoria, já que seria ingenuidade do nosso ofício tentar enquadrar as experiências das pessoas em modelos explicativos. Entretanto sua ótica nos indica um caminho para refletirmos sobre essas experiências, já que são questões ainda postas pela realidade.

A sua experiência enquanto trabalhadora exprime a consciência de que existem grupos opostos, patrões e trabalhadores, e que a decisão que afetará toda a família não pode ser tomada levando em consideração a vontade do patrão. Vir para Ibiúna significa esperança de uma vida melhor, deixando de ser empregados e passando a possuir sua terra.

A vivência que Lindaura tem da festa é diferente dos outros narradores que moram no centro ou nas suas proximidades. Narra as dificuldades em participar da festa, pois os festejos se concentram no centro da cidade e no bairro do Pocinho, Sertão, local de chegada e saída da romaria, ambos muito distantes da sua residência. Dentre os diversos ritos, Lindaura diz que participa da romaria. Conta que costumava participar também das missas:

[...] eu ia também... mas, como eu tenho uma filha que é epilética, então, eu não gosto de deixar ela sem... eu gosto de tar junto com ela, que no caso é essa filha que tá com meu primeiro neto (mostra a reportagem emoldurada). Ela é falecida já. Então, veja só... a gente ia na missa até lá no Sertão. E pouco meio à noite fica meio difícil porque fica tudo fechado de carro por aí. Não. Agora eu vou mudar o disco, agora eu vou acompanhar aqui do Recanto Moreno pra frente e que na vinda eu vou encontrar de moto mais a filha caçula, que já anda de moto, “ah, vam” [sonorização vocal], alcanço o santo, pa-pa-pá, aí eu venho até aqui na entrada, quando chega na entrada, eu venho pra minha casa, São Sebastião vai a viagem dele, esperando o pessoal ali.⁶⁴

Sua participação nos festejos foi modificada pelos cuidados com sua filha e pela distância da sua residência. Lindaura suprimiu sua participação nas missas, mas não sua atuação como romeira que foi reformulada segundo suas necessidades, assim, refez seu trajeto e hoje usa de outros meios para acompanhar o santo. Evidencia sua prioridade em participar da romaria que é reforçada quando relata que a parte mais importante da festa “É a fé, tá junto com os romeiros e as romeiras, almoçando junto e continuar orando e cantando, Nossa

⁶³ THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa. A Árvore da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 10.

⁶⁴ SILVA, L. S. Op. cit.

Senhora, adoro, adoro essas parcela da minha vida”.⁶⁵ A romaria é identificada como momento de manifestação da fé e de sociabilidade por meio do encontro com outros romeiros. Portanto, esta representa experiência mais significativa do que outros ritos que acontecem na festa, uma vez que é uma forma de agradecer a intercessão do santo, como no início do diálogo em que enfatiza a cura de seu marido.

Ao final da entrevista, pedi sua permissão para tirar uma fotografia do seu oratório, mas quis Lindaaura compor a fotografia à sua maneira, posou em frente ao oratório e ao lado do seu marido, reforçando sua posição como rezadeira, já que seu marido é prova da força e poder da sua reza.



Imagem 7. Fotografia do casal Lindaaura e Januário posando em frente ao seu oratório doméstico. 04 de maio de 2016. Fonte: acervo particular da autora

É interessante observar seu oratório, entendendo-o como expressão de sua religiosidade. Situado num cômodo à parte da sua casa, é composto de diversos quadros na parede com figuras sagradas e uma mesa onde dispõe diversos santos, o caderno com assinaturas das pessoas as quais vem pedir seu auxílio e outros objetos da sua cultura religiosa.

Os oratórios domésticos demonstram uma forma íntima e familiar de se relacionar com os santos, “Assim como no catolicismo popular tradicional, a vivência religiosa popular

⁶⁵ SILVA, L. S. Op. cit.

está muito ligada à vida cotidiana. Os santos são como companheiros de seus devotos em todos os momentos da vida”.⁶⁶ Esse fato revela uma relação íntima com o sagrado, no entanto, fazer uso de conceitos como catolicismo popular e religiosidade popular para se referir a determinadas manifestações religiosas traz em si um problema conceitual que deve ser enfrentado pelo historiador. Que aspectos da experiência religiosa de Lindaura podem ser conceituados como populares? Sobre essa questão, Stuart Hall apresenta importante reflexão:

[...] o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ e uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante.⁶⁷

Assim, as expressões religiosas manifestadas por Lindaura não podem ser entendidas nem como autênticas nem como manipuladas, pois estão situadas em um campo atravessado continuamente por conflitos e relações de poder, onde pode haver interações, oposições, recuos, resistências e aceitações. Entender a cultura religiosa por esse viés expõe esses sujeitos não como passivos e manipuláveis, mas como produtores de cultura.

A entrevista com Tereza Lima Machado aconteceu em sua casa, localizada no centro da cidade. A entrevistada inicia o diálogo contando sobre a homenagem que recebeu do jornal local Voz de Ibiúna como romeira mais antiga:

Um dia desses tava aqui em casa... “Terezinha! Terezinha!” e eu sentadinha aqui com o cobertorzinho que eu fico agora, eu só quero ficar quietinha na cobertinha. ‘Terezinha! Terezinha!’ Falei: O que que é? Posso fala com você? Pode entra aqui. ‘Terezinha vim trazer pra você’ [...] oi só pra você vê, deste ano. Leia pra se vê fizeram de cabeça, deste ano despedindo. Tão querendo mata eu, falei pra eles já tão despedindo de mim. Nega eu fico boba nega do céu! Só agraco muito a Deus porque Nega do céu! Que beleza! Tô achando muita falta já, Nega, já tô sentindo falta....⁶⁸

⁶⁶ TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. *Sacrilegens*. Revista dos alunos de pós-graduação em ciência da religião UFJF, v. 10, n.2, jul.- dez. 2013, p. 8.

⁶⁷ HALL, Stuart. *Da Diáspora identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 257.

⁶⁸ Tereza Vieira de Lima Machado, entrevista concedida à autora em 28 de junho de 2016. Na residência da entrevistada em Ibiúna.



Imagem 8. Homenagem do jornal, Voz de Ibiúna, a Terezinha pelo longo tempo de participação na Romaria de São Sebastião.

Fonte: Acervo de Tereza Vieira de Lima Machado

O excerto de autoria do jornal local, Voz de Ibiúna, se refere aos 62 anos de sua participação na Romaria de São Sebastião, reconhecendo-a publicamente como a romeira mais antiga. Essa ação pode sugerir uma homenagem como também consolidar o término de sua participação, relegando sua atuação ao passado.

As imagens são da 97ª festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo de 2016 e trazem Terezinha carregando o santo e falando ao público, ao lado do Padre Daniel Vítor Cardoso Rodrigues.

Após mostrar a homenagem feita pelo jornal, diz que quer contar uma história:

“Eu vou contar pra você mais ou menos... aí é uma coisa... (se referindo à homenagem feita pelo jornal). Também é a mesma coisa, isso é minha vida aí. Então, eu vou contar mais ou menos pra você saber. Então eu quero contar [...]”.⁶⁹

Essa fala é expressiva, pois diferencia a história que foi contada pelo jornal da história que ela vai contar, já que nesta Terezinha é a protagonista do processo narrativo. A oralidade propicia que ela não seja coadjuvante de sua história.

Portelli, a respeito do que os historiadores que trabalham com história oral podem oferecer aos narradores, aponta que

⁶⁹ MACHADO, T. V. de L. Op. cit.

“O verdadeiro serviço, que, acredito eu, prestamos a elas, a movimentos e a indivíduos consiste em fazer com que sua voz seja ouvida, em levá-la para fora e pôr fim à sensação de isolamento e impotência, em conseguir que seu discurso chegue a outras pessoas e comunidades”.⁷⁰

Assim, mesmo dispondo de um documento que conta a sua história como romeira, a importância da entrevista está em fazer com que sua voz seja ouvida, quando enfatiza “Então eu quero contar [...]”. Antes de começar a contar, pergunta quem são meus pais e percebendo que são seus conhecidos exclama “Na misericórdia... Beleza! Brigado Senhor!”. Esse conhecimento a deixou mais confortável para contar sua história e nos aproximou, já que agora eu não era mais uma desconhecida. A fala de Terezinha possui uma entonação muito rápida com idas e vindas pelo tempo, por isso optei por inserir toda a construção narrativa.

Então, daí, eu tinha cinco anos, minha mãe morreu, não conheci nem minha mãe, nunca vi, nem “Bença, mãe”, nem “Bença, vô”, nem “Bença, vô”, nunca tive. Tudo mortaiada, quando fui entendendo o que é a vida. Então, desde os cinco anos, não tinha... minha mãe morreu, daí que a gente fica compreendendo a vida o que é a vida, o que é uma vida, a vida.

Então minha irmã Nena...minha mãe deixou nove filhos, minha irmã Nena, Nena, se viu falar, Nena, irmã nossa, ali, parente de Catarina também, minha irmã Nena... mora em Guarulhos, ela. Ela virou e disse, ela que estava com quatorze anos, ficou com nós ali, meu pai... meu pai, olhando nós, olhando nós.

Daí, já vivemos de trabalho na roça e na olaria, nós, criançada. Minha irmã disse “Terezinha, você sabe, ocê tem que con...”, e eu nunca sabia o que era uma vida, o que é vida, nem nada.

Só sabia, que desde pequena, igreja – meu pai: “Igreja!” – ninguém ia na... ninguém saía se não ia na igreja! Nem passar, dar uma volta na praça antigamente... nem isso tinha! Igreja em primeiro lugar. Daí, se ocê entrava por essa porta... , pra sair por outra porta, não ficar na igreja, pra sair, passear, criança, é daninha, que a Nídia, uma tia que a gente tinha, tia, Nídia, ficava do outro lado esperando nós pra pegar, nós fazia a volta, voltava na igreja de novo... Assim foi nossa vida lá.

Mas, daí, tá bom. Daí, nós ficamos assim, crescendo desse jeito, Nena disse: “Terezinha, você vai ter que cumprir uma promessa...”, eu era criança

⁷⁰ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*. São Paulo: EDUC, vol. 15, 1997, p.31.

pequena...

Eu não sabia o que era oração, nem sabia o que era São Sebastião. Daí, ela falou assim, só que a gente ia, mas nem sabia o que era devoção. Ela falou “Terezinha, você vai ter que cumprir uma promessa. Que mãe morreu, mãe morreu, e lhe fez... uma promessa pra você, você tava... tava no banco, o banco caiu, você tava perdendo a perna, caiu do banco, desses banquinho, que você tem que vira, caiu, você tava perdendo a perna, perdendo a perna, perdendo memo... E mãe fez promessa pra São Sebastião, ó bem, que se você sarasse, se sarasse vossa perna, quando o santo viesse em Ibiúna, aqui no Sertão, você ia... e eu criança pequena, ela ia comprar uma fita e você ia levar, amarrar, ia amarrar uma fita na perna vosso pra você levar na igreja, no São Sebastião, desse... de lá do... assim, encontra com o santo e descer e chegar na igreja, tirar do vosso pé e põe na igreja, no São Sebastião. Minha irmã contou isso, que ela fez a promessa...

E você precisa cumprir, que mãe morreu, né, não tinha mãe, só que nós [ininteligível] pra comprar a fitinha e vamo... você vai encontrar com o santo e vai, deixa na igreja, vai deixar no São Sebastião, na igreja nossa aqui. Daquele dia em diante, daquela hora em diante, que eu saí encontrar com São Sebastião, criança de tudo – ela contou isso, foi comprada a fita, eu fui tirei do pé, deixei... pus na igreja... ficar no andorzinho da igreja, e pus... daquele dia em diante, nunca mais, na minha vida, eu abandonei São Sebastião. Daí eu fiquei entendendo o que é São Sebastião e o que é religião, nunca mais [...].⁷¹

Partindo de suas memórias de infância, tem como marco temporal a morte da sua mãe, essa perda é relembrada como o fato que a faz entender a vida. No entanto, essa reflexão está vinculada ao presente, como nos esclarece Bosi, “Por mais nítida que nos pareça uma lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, juízos de realidade e de valor”.⁷² Portanto, para Terezinha, evocar e refletir sobre as circunstâncias que compõem a sua infância é compreender os obstáculos e percalços pelos quais passou na vida.

Com o falecimento da sua mãe, a responsabilidade pela criação dos irmãos passou para seu pai e sua irmã, como também o compromisso para com o santo, pagando a promessa

⁷¹ MACHADO, T. V. de L. Op. cit.

⁷² BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994, p.55.

que foi feita para curar a sua perna. Essa história foi contada por sua irmã, e para refletir sobre essa questão, dialogamos novamente com Bosi, “A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares ao indivíduo”.⁷³ À vista disso, as memórias são construídas através do relacionamento com outras pessoas, nesse caso, as memórias da sua irmã contribuem para a construção das suas.

O cumprimento da promessa é rememorado como o rito de iniciação para sua devoção a São Sebastião e participação na romaria, fato que marca sua tomada de consciência religiosa. Ao longo de sua narração traça uma evolução. Parte da criança que não sabia o que era religiosidade e devoção - “[...] eu era criança pequena... Eu não sabia o que era oração, nem sabia o que era São Sebastião.”, “[...] só que a gente ia, mas nem sabia o que era devoção” – para o momento em que cumpre a promessa, encontra com o santo em romaria, coloca a fita no andor da imagem e toma consciência dessa religiosidade - “[...] daquele dia em diante, nunca mais, na minha vida, eu abandonei São Sebastião. Daí eu fiquei entendendo o que é São Sebastião e o que é religião [...]”.

A construção da religiosidade de Terezinha está vinculada às suas experiências pessoais e familiares, é interessante observar a importância do cumprimento da promessa, mesmo após a morte do devoto. Segundo Alba Zaluar “Os deveres com os santos, especialmente o pagamento de promessas feitas para obter sua proteção em caso de doença, continuam a valer mesmo com a morte do indivíduo que fez a promessa, sendo que parentes mais próximos deveriam retomá-la.”⁷⁴ Assim, é compreensível que sua irmã assuma a responsabilidade de cumprir a promessa feita pela mãe, já que o acordo firmado entre devoto e santo vai além da vida.

A narração estabelece uma espécie de rito de iniciação para sua devoção a São Sebastião e participação na romaria, estabelece também uma continuidade quando afirma que após cumprimento da promessa nunca mais abandonou São Sebastião.

Ao longo do diálogo buscou destacar e validar seu reconhecimento público como romeira mais antiga. Tal aspecto pode ter sido enfatizado devido a sua idade e saúde debilitada, o que torna sua participação mais difícil. Nesse trecho, reafirma sua posição como romeira e menciona Lindaura:

E assim foi minha vida, Nega, as pessoa, Nega, bastante gente fala que faz

⁷³ BOSI, Op. cit. p. 54.

⁷⁴ ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar Editores 1983, p.85.

uns vinte ano que acompanha [...] vão desse jeito iam uma altura abandona, parava e voltava embora, outro num aparecia na estrada só depois de uma altura que acompanhava. Inteiro memo ida e volta, vai e volta, não tem não, é só Terezinha mesmo só eu! Tem uma mulher que fala que faz uns vinte, trinta ano, mas ela é da Bahia nem aqui não morava, faz uns anos pra cá que ela virou frequentar o São Sebastião, mas se você conversar com ela, ela fala que acompanhou a vida inteira, não, ela não.⁷⁵

Suas lembranças sobre a Romaria de São Sebastião estão ligadas a sua condição no presente, Terezinha está impossibilitada de participar das romarias como participava antes cumprindo toda a caminhada de ida e volta com o santo. Sua vida é atravessada pela condição de romeira, que significa cumprir todo o trajeto de ida e volta e não apenas percorrer parte do caminho. Esse argumento é usado para legitimar sua participação e deslegitimar a de outros romeiros, como Lindaura. Reforça o pouco tempo de sua atividade, já que não participou desde a infância como ela. Rememorando a participação de seus familiares ressalta seu protagonismo:

Participaram desse jeito vão na missa, na procissão, mas igual eu não tem ninguém, ninguém, ninguém, ninguém, igual eu ninguém, caminhar que nem eu, ninguém, ninguém, ninguém. Nem filho, ninguém, ninguém, irmandade nada, nada, nada, só eu, da minha família só eu e dos Machado também só eu.⁷⁶

Destaca sua experiência como romeira e repete as palavras “ninguém” e “nada” dando um sentido vago e impreciso aos outros participantes. Terezinha faz parte da família Lima e é viúva de Plínio Machado. As duas famílias participam ativamente da romaria, contudo, ressalta e valoriza a sua experiência e qualidades como romeira. Déa Fenelon alega que o momento da vida em que a história é contada se torna decisivo para sua construção.⁷⁷ A insistência em dizer que nenhum romeiro se compara à sua atuação está vinculada à busca por um protagonismo e reconhecimento ameaçados pela sua idade e condição física.

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são

⁷⁵ MACHADO, T. V. de L. Op. cit.

⁷⁶ Idem, Ibidem.

⁷⁷ FENELON, Déa Ribeiro. CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. In: *Muitas Memórias Outras Histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004, p. 298.

representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem as nossas identidades e aspirações atuais.⁷⁸

O processo de construção de sua memória sobre a romaria pode evidenciar um individualismo ou até egocentrismo de sua parte, pois não reconhece em nenhum romeiro qualidades comparáveis às suas. Mas, não se pode negligenciar, na construção de suas memórias, o momento em que foram contadas. No início do diálogo, mostrar a homenagem feita pelo jornal representa o quanto não participar mais da romaria a afeta emocionalmente. Desse modo, seu passado se molda de acordo com suas aspirações atuais, visto que deseja continuar sendo identificada e reconhecida como romeira.

O diálogo com o advogado Luiz Clemente Machado aconteceu no seu escritório, localizado no centro da cidade. Quando indagado sobre que memórias lhe vêm à cabeça quando se fala sobre a festa, a Romaria de São Sebastião figura como temática central de sua construção narrativa. Rememora uma experiência familiar praticada desde a infância:

Bom, a memória que vem é o seguinte: o meu pai, José Clemente Machado, e minha mãe, Ernestina da Silva Machado, eles eram muito devotos de São Sebastião, né. Então, tudo começou, eh... desde a infância... hoje estou com 60 anos de idade e, desde a infância, eu já ia no Sertão no sábado, de madrugada, né, e meu pai acompanhava a saída do santo, certo? Daí, nos anos de 1970.⁷⁹

A narração é construída com base na figura de seus pais, José Clemente Machado e Ernestina da Silva Machado; a devoção a São Sebastião e sua participação na romaria são entendidas como uma manifestação religiosa familiar praticada desde a infância. Usa como referência espacial de suas memórias o Sertão, lugar de saída e chegada da romaria, e como marco temporal a década de 1970, período de suas primeiras participações.

Ao longo da entrevista, durante uma de suas falas acerca do crescimento da festa, interrompe esse assunto como se lembrasse de algo mais significativo, que não poderia deixar de mencionar, essa interrupção se dá com um tom de voz mais alto e enfático:

Pra mim, outra coisa importante é o dia mais importante, mais emocionante quando o santo, ele... Pra mim, o ponto crucial, fundamental, emocional é quando ele entra na cidade. Porque pra mim é triste quando vai levar ele na terça pra mim, mas tem que levar – eu levo todo ano... mas pra mim quando

⁷⁸ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, vol. 15, 1997, p.57.

⁷⁹ Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 22 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

ele entra é o ponto mais importante da festa, sabe, é ponto ... é o auge da festa quando ele entra, né ... o Carlos faz o andor bonito, bem, cada ano, muda o andor né, e , você sabe, a fé e o agradecimento a São Sebastião que toca no coração, mexe com todo mundo, mexe com a cidade, mexe com o comércio, né [...].⁸⁰

Nesse trecho sua condição é de romeiro experimentando sua trajetória como caminhante que após um longo percurso consegue cumprir seu propósito. O marco referencial é a chegada do santo na cidade, enfatizada por meio de adjetivos como “emocional, crucial, fundamental, auge”. Outro referencial sentimental é o andor trazido pelos devotos e sua decoração. Essa carga de sentimentos demonstra o quanto essa memória representa uma experiência significativa.

A chegada do santo em romaria ao centro da cidade é identificada através do sentimento de animosidade e alegria, que não é o mesmo identificado no percurso da volta, quando a imagem retorna, mais uma vez em romaria, à capela do bairro do Pocinho, Sertão, rito que finaliza os festejos. É interessante notar a subjetividade de Luiz quando descreve o estado de ânimo dos outros. Portelli afirma que “[...] o narrador estabelece sua própria subjetividade, sua capacidade de ver, interpretar e influir na história”.⁸¹ Para o narrador essas emoções também são compartilhadas pelo grupo de acordo com sua interpretação.

Durante as entrevistas os sentimentos afloraram, vieram à tona e isso ficou muito perceptível ao rememorar determinadas situações.

Quando a entrevista estava praticamente encerrada e comecei a agradecer, Luiz retoma a conversa tomando sua direção, decidindo como queria encerrá-la, passando a falar sobre o falecimento dos seus irmãos:

Isso aí a gente faz de coração, isso daí a gente faz de coração... inda mais São Sebastião, a gente fica até emocionado em falar... pra você ter uma ideia, o ano passado, meu irmão, Plínio, tava muito doente sabe? [...] Daí, eu conversei com ele se ele tivesse muito ruim, eu não ia pro Sertão [...] Daí eu fui [...] Mas eu tava angustiado parece que tinha um aviso [...] Daí Jorjão me abraçou, perdemo o irmão, não caiu a ficha ainda. 'Plinio morreu!' Nossa mãe do céu! Morreu em plena... na sexta da festa. Foi o único ano em que eu não fui buscar o santo... foi o único ano que fui buscar o santo e não consegui trazer. Daí voltei pro velório. Ele morreu, ele morreu na sexta da

⁸⁰ MACHADO, L. C. Op. cit.

⁸¹ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.2, 1996, p.3.

festa do ano passado. E há seis anos atrás, meu irmão Tomás, que era também devoto de São Sebastião, ele morreu na sexta depois da festa veio no Supermercado [...] empurrando um carrinho deu um enfarte nele ele morreu.⁸²

Essa fala demonstrou uma maior proximidade entre entrevistador e entrevistado, pois estava lembrando algo muito delicado de sua experiência na romaria. Nesse último trecho, a carga emocional da sua narração expressa a importância da romaria em suas experiências. Rememorar sobre esse rito traz à tona essas memórias extremamente marcantes que envolvem suas experiências pessoais, familiares e também coletivas. É um marco temporal para narrar a morte de seus irmãos e justificar a única vez em que não cumpriu completamente seu papel como romeiro.

A romaria é um momento marcante na vida de seus participantes, usada como marco temporal tanto para mortes e tristezas como para cura, nascimento e alegria.

Aníbal Albertin concedeu entrevista em sua casa, num bairro próximo do centro da cidade, numa narrativa muito bem-humorada, cheia de risos e ironias. Sem que lhe fizesse nenhuma pergunta começou a falar sobre a festa, sua dicção é rápida e de difícil compreensão. Sua forma de expressão e linguagem foi respeitada, no entanto, é evidente que nas transcrições qualquer critério usado pelo historiador acarreta modificações inevitáveis nas narrações, isso vale para todas as entrevistas. Assim, segue a sua fala:

Nós vinha vindo de cavalo de São Sebastião, foi uma notícia, nós tava pra lá do Piaí, uma notícia que ele tinha nascido lá no sítio, nós morava no sítio lá né, e eu com cavalinho ‘ Nasceu! Vosso fio nasceu!’. Primeiro fio. Aí ponhamo o nome de Sebastião porque é o dia que o santo vinha vindo.⁸³

Aníbal lembra, como romeiro, do nascimento do seu filho, que recebeu o nome de Sebastião, porque era o dia que o santo estava chegando em romaria. Dar o nome do santo ao seu filho é uma maneira de homenageá-lo e também demonstra como constrói pessoalmente sua relação com o sagrado. A romaria figura como marco temporal para rememorar o nascimento de seu filho.

Para Wilma, a carga emocional também é familiar, envolvendo o final da vida de seu pai, que mesmo debilitado acompanhava a romaria:

Meu pai até ele falecer, ele mesmo nunca deixou de ir, nunca nem minha

⁸² MACHADO, L. C. Op. cit.

⁸³ Aníbal Albertin, entrevista concedida à autora em 20 de maio de 2016. Na residência do entrevistado em Ibiúna.

mãe nem meu pai, pois meu pai adoeceu, mas mesmo doente, ele teve problema... ele teve câncer na garganta... na laringe perdeu a voz, mas ele nunca deixou de ir assim mesmo ele foi por muito tempo, enquanto ele pode dirigir o caminhão ele continuou indo [...].⁸⁴

Através da romaria rememora a trajetória de vida e morte de seu pai, lembrado como participante ativo e que não deixou de fazê-lo nem por motivo de doença.

Assim, colocar-se na posição de romeiro, anualmente, na última semana do mês de maio, enfrentar o intenso frio característico desse mês, se dispor a caminhar uma longa distância de ida e volta por uma estrada precária e cumprir esse ritual por anos é uma experiência que só pode ser entendida através dos seus participantes. Há acordo com os argumentos de José Ramos Tinhorão explicitados anteriormente, os quais compreendem a romaria como o cumprimento de um voto para a obtenção de uma graça divina coletiva. Mas, assimila-se que a Romaria de São Sebastião além de figurar como prática religiosa para o cumprimento da promessa feita ao santo que protegeu a cidade da epidemia de gripe espanhola adquire outros significados para seus participantes.

Por meio da análise das experiências dos narradores, a Romaria de São Sebastião figura como mais significativa, pois está relacionada à vida cotidiana dos seus participantes, envolvendo experiências pessoais, familiares e coletivas. Rememorar sobre a romaria aflora um grande peso emocional, pois essas memórias estão ligadas a práticas religiosas que atravessam gerações, tecendo uma relação íntima com o sagrado, um marco temporal para suas experiências com a morte, o nascimento, o “renascimento”, a infância e a vitalidade.

⁸⁴ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista cedida à autora em 4 de julho de 2016. Na residência da entrevistada em Ibiúna.

CAPÍTULO 2. A ROMARIA DE SÃO SEBASTIÃO NA CONSTRUÇÃO DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE IBIÚNA

O projeto político que tinha como objetivo dotar a cidade de Ibiúna do título de estância turística do Estado de São Paulo era um dos temas que se podia encontrar nas páginas do A Vanguarda de Ibiúna entre os anos de 1997-2000. Ao longo desses anos as notícias sobre o projeto político eram frequentes em suas páginas e teve seu desenlace na reportagem “Definitivamente: Ibiúna adquire status de Estância Turística do Estado de São Paulo”, publicada em 26 de maio de 2000. Após quatro anos de intensas articulações de diversos grupos sociais, o A Vanguarda de Ibiúna descreve o processo que culminou com a aprovação da lei estadual nº 10573 de 13 de abril de 2000⁸⁵ que concedeu ao município o título de estância turística do Estado de São Paulo:

[...] O prefeito Jonas de Campos, ao assumir esta segunda administração, percebeu que se arrastava o processo indefinidamente sem conclusão, tomando para si o compromisso de levá-lo a aprovação. Para tanto procurou contar com o trabalho de sua assessoria [...]

Em dezembro do ano passado, depois de quase dois anos de intenso trabalho da atual administração, o projeto de lei tramitou no Legislativo Estadual, indo em pauta para votação dos deputados, onde foi aprovado, como um presente de Natal à população. Enquanto o povo brindava a aprovação pela Assembleia Legislativa, o governador Mario Covas, analisando vários projetos ao mesmo tempo, equivocadamente vetou [...]. Outra vez o prefeito, através de sua assessoria, volta ao trabalho de convencimento dos deputados [...] Foram quatro meses de intensas negociações, sob responsabilidade do deputado Edson Aparecido, relator do projeto [...] Os deputados reconheceram que era de justiça derrubar o veto e derrubaram – no em seguida. Mas o governador poderia recorrer à Justiça para manter o veto, negando-nos a condição de estância. Reconhecendo por fim, os nossos méritos, Mário Covas não recorreu à medida judicial e a lei foi aprovada em definitivo [...].⁸⁶

Em nome das autoridades locais, enfatiza o protagonismo do prefeito, de sua

⁸⁵ SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Lei nº 10573, de 13 de abril de 2000. Transforma em Estância Turística o Município de Ibiúna. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

⁸⁶ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 26 de maio de 2000, p.3.

assessoria e o árduo trabalho despendido para conseguir a oficialização do título político representado como uma nova e irrevogável posição de destaque da cidade. A notícia generaliza o apoio ao projeto, e as circunstâncias que dificultaram sua concretização são entendidas como equivocadas e injustas, já que os méritos da cidade não estavam sendo reconhecidos. O discurso do jornal não é desprezioso, ele constrói protagonistas, minimiza obstáculos, encadeia os acontecimentos como se tivessem um destino certo, ou seja, como se a articulação política do prefeito e sua assessoria caminhasse inevitavelmente para aprovação do projeto político.

Assim, a notícia sintetiza uma trama complexa tecida em torno da aprovação do projeto político que transforma a cidade de Ibiúna em estância turística do Estado de São Paulo. Observando-a mais detidamente é possível entrever a Romaria de São Sebastião, figurando como um dos principais entrelaçamentos que constituem essa trama. De modo que a romaria passa a ser representada como potencial turístico a ser explorado e como intermédio ao desenvolvimento do turismo de modo geral na cidade.

No intuito de reconstituir essa trama, segue-se para a análise das construções narrativas e dos jornais locais *A Vanguarda de Ibiúna* e *Voz de Ibiúna*. Entende-se a imprensa, como indica as autoras Heloisa Cruz e Maria do Rosário, "[...] como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade [...]".⁸⁷ Portanto, antes da imprensa meramente registrar acontecimentos, esta intervêm na vida social propondo valores, modos de vida, projetos e construindo memórias.

Para tanto, a pesquisa se volta ao ano de 1996, momento em que o projeto político começa a ganhar firmes contornos até sua efetivação no ano 2000.

As eleições de outubro de 1996 trazem, segundo os jornais, perspectivas de um novo cenário para a cidade, a vitória coube a Jonas de Campos, eleito pelo PSD (1997-2000). O apoio despendido ao prefeito é explícito:

O jornal *Voz de Ibiúna* investiu fortemente na MUDANÇA política do município nos últimos três anos, desde a edição 51(uma boa ideia). Fomos os últimos sentinelas nesta luta, mas valeu a pena pintar a esperança de azul novamente. Daqui pra frente é ajudar o prefeito Jonas de Campos a resgatar o crescimento 'social'. Parabéns a todos os companheiros dessa luta

⁸⁷ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, dez. 2007, p.258.

democrática!⁸⁸

O discurso utilizado para noticiar a vitória do prefeito tem nítido tom de comemoração, o Voz de Ibiúna se posiciona como um dos agentes na definição do resultado das eleições municipais. Associando a administração a um período de progresso, esperanças e mudanças, a palavra mudança é realçada para definir a conjuntura da política local. Entende que, enquanto órgão de imprensa, suas articulações políticas são compatíveis ao processo democrático. Com a manchete “Jonas-Seishi é a consolidação absoluta das novas lideranças políticas, eleitos anteriormente pelo PMDB com o apoio de Zezito. Sob nova sigla PSD venceram com larga vantagem, iniciando uma ‘nova era’.”⁸⁹, o A Vanguarda de Ibiúna também vincula a administração à perspectiva de um período de mudanças com novos sujeitos que darão início a um novo tempo, universalizando um clima de esperança e euforia. Demonstrando seu apoio à decisão tomada pela população nas eleições, busca convencer o leitor sobre a ruptura estabelecida com a gestão anterior, entendida como um governo conservador.

Para Laura Maciel,

[...] em nossa prática de pesquisa não tomá-la [a imprensa] como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretende compartilhadas e universais.⁹⁰

Assim, é possível afirmar que ambos os jornais generalizam interpretações ao associar a administração à expectativa de um novo período. A divulgação de propagandas da administração reforçam as posições políticas dos jornais, “Prefeitura Municipal de Ibiúna – É inegável que Ibiúna vive um novo tempo [...].”⁹¹

A mesma propaganda é veiculada por ambos e permite compreender que os dois assumem o discurso do prefeito e estão comprometidos com esse segmento da sociedade. O comprometimento dos jornais com a atual conjuntura política torna esses espaços uma vitrine para a divulgação dos atos da administração. Como no editorial do Voz de Ibiúna que divulga o lançamento de uma campanha da administração municipal:

Vez por outra, lembramos aos nossos leitores que esta nossa querida

⁸⁸ VOZ DE IBIÚNA, 26 de out. de 1996, p.1.

⁸⁹ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 11 de jan. de 1997, p. 1.

⁹⁰ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: Algumas Questões em torno da Relação Telégrafo e Imprensa – 1880/1920. In FENELON, Déa et ali. *Muitas Memórias, Outras Histórias*, São Paulo: Olho d’água, 2004. p.15.

⁹¹ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 24 de março de 1997, p.8.

comunidade sonhou transformar estas terras numa referência turística: de visual bucólico, jardinagem impecável e gente hospitaleira.

As ideias são teimosas e não existe fruto mais perene do que aquilo que se planta em sonhos. Tanto é que a atual iniciativa no setor turístico nunca foi tão promissora, como agora [...] Temos que acreditar na ideia de MUDAR, pois essa é a única chance de viver um sonho de verdade. A propósito disto, nossa prefeitura acaba de lançar uma declaração de amor a nossa terra que diz o seguinte: ADORO VIVER EM IBIÚNA. SOU IBIUNENSE DE CORAÇÃO. Adote esta ideia!⁹²

Falando diretamente ao leitor, que “[...] está presente o tempo todo, ora fornecendo os parâmetros do discurso através da idealização que o emissor faz dele, ora como tipo padrão de leitor que o emissor quer formar”⁹³, a matéria busca convencer sobre a viabilidade do projeto político de transformar a cidade em estância turística. Para tanto abrange toda a população nesse mesmo desejo, representando a cidade como um lugar simples, bem cuidado e com uma população que sabe bem receber. Defende o projeto associando-o a um sonho e infere que existe um anseio da população na sua concretização. Identifica o atual momento político como propício para sua realização, já que faz parte do atual programa de governo, como se pode perceber através da campanha da administração. “Adoro viver em Ibiúna. Sou ibiunense de coração. Adote esta ideia!”: essa propaganda constrói uma imagem positiva da cidade, adequada às suas pretensões turísticas, idealizando uma população satisfeita que a reconhece como um ótimo lugar para viver. O apelo final do editorial revela sua busca e não sua confirmação.

A utilização de termos como “novo”, “novas lideranças políticas”, “nova era” e “mudança” não é despreziosa, tende mais a esconder do que revelar. No editorial citado, a ideia de mudança está vinculada ao projeto político de estância turística.

O projeto político é proposta antiga, vários projetos como esse objetivo foram encaminhados à Assembleia Legislativa. A primeira referência a uma proposta é de 1983, a qual foi arquivada em 1987⁹⁴, outra proposta foi encaminhada em 1994 e arquivada em 1995⁹⁵. Nos jornais analisados a referência mais antiga é de 1989, na primeira gestão do prefeito Jonas de Campos (1989-1992). Segue o fragmento:

⁹² VOZ DE IBIÚNA, 22 de março de 1997, p.2.

⁹³ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; et al. *A pesquisa em História*. São Paulo: editora Ática, 2011, p.54.

⁹⁴ SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Projeto de lei nº 0593, de 11 de novembro de 1983. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

⁹⁵ Idem. Projeto de lei nº 0475, de 29 de agosto de 1994. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

[...] Outro dia ouvi de amigos residentes em Ibiúna que o Sr. prefeito pretende transformá-la em estância turística. Essa ideia até que não é ruim, só que no momento presente está totalmente desvinculada da realidade do município.⁹⁶

Depreende-se que a representação do projeto político como anunciante de um período de mudanças dissimula uma antiga proposta. A ênfase dada à ideia de que “novas lideranças políticas” estão governando a cidade, camuflam uma atuação política já há muito conhecida, o prefeito e o vice já governaram a cidade pelo PMDB (1989-1992) com o apoio de outras lideranças políticas da cidade, além do prefeito já ter exercido por duas vezes o cargo de vereador.⁹⁷ Portanto, ao utilizarem esses termos, além de demonstrarem seu apoio à administração conferem um novo aspecto a uma habitual atuação política.

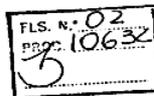
Tal projeto político é anterior ao período analisado nesta pesquisa, porém, pode-se deduzir que é na segunda gestão de Jonas de Campos (1997-2000) que este adquire forma, é amplamente divulgado nos jornais locais, instigando mudanças, conflitos, alianças, oposições e propostas. O último projeto encaminhado à Assembleia Legislativa é o de 1995 de autoria do deputado estadual Milton Monti, o que foi retomado pelo prefeito Jonas de Campos em 1997.

A legislação estadual esclarece os requisitos para a criação de uma estância turística, dentre eles, a “[...] existência de atrativos históricos, artísticos ou religiosos, ou de recursos naturais e paisagísticos”⁹⁸. No projeto de lei enviado à Assembleia Legislativa, as justificativas utilizadas buscam preencher esses requisitos:

⁹⁶ *VOZ DE IBIÚNA*, jul. de 1989, p.3.

⁹⁷ Jonas de Campos exerceu o cargo de vereador durante 1983-1988 e 1993-1996.

⁹⁸ SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Lei nº 1.457, de 11 de novembro de 1977. Estabelece requisitos para a criação de estâncias turísticas. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 05 de jun. de 2017.



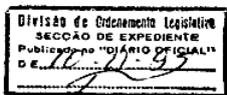
Ibiúna não dispõe de um grande parque industrial. O comércio e a prestação de serviços desempenham importante papel na economia municipal, pois além de gerar emprego, participa de inúmeras operações integradas entre produção e distribuição final de bens e serviços.

Dispõe de um grande potencial turístico, destacando-se principalmente a tradicional Festa de São Sebastião, realizada no mês de maio, que atrai milhares de pessoas do Município e região. As Grutas de São Sebastião, de pedras brutas, verdadeiras "casas de pedras", históricas e pitorescas, capazes de abrigar mais de uma centena de pessoas, com vegetação exuberante; Represa de Ituporanga - excelente ponto turístico para lazer, recreio, motonáutica e pesca, gerando clubes e restaurantes; o Parque Estadual de Jurupara, reserva floresta dentro da Mata Atlântica, que abriga diversas espécies ameaçadas de extinção, como o mico-carvoeiro, o bugio, a jaguatirica, a sussuarana, a preguiça e outros, local ideal para passeios ecológicos, e excursões; Parque da Figueira - mirante a mil metros de altura de onde se pode contemplar grande extensão da região; Furuya Parque - parque com lago, equipado com pedalinhos para passeio, criação de carpas e tilápias, sendo permitida a pesca amadora; Toca da Raposa e Sol Maior - hotéis fazenda, próprios para passeios ecológicos e equestres.

Graças ao fluxo de turistas e a procura por propriedades para lazer à beira da represa, Ibiúna vem se desenvolvendo e elevando potencialmente seu turismo.

Por essas razões, e pela sua privilegiada posição geográfica, entendemos que o Município de Ibiúna merece ser transformado em Estância Turística.

Sala das Sessões, em



mna.

DEPUTADO MILTON MONTI

Divisão de Ordenamento Legislativo
Esta proposta contém
1 assinatura
SDC, 9/11/1995
Chefe de Seção

Para atender as condições previstas, o projeto de lei constrói uma imagem da cidade adequada às pretensões do turismo. A festa de São Sebastião figura como principal potencial turístico aliando atrativos religiosos e naturais, o destaque é dado ao local da Romaria de São Sebastião, situado no bairro do Pocinho, conhecido como Sertão, valorizando as belezas naturais do lugar. Portanto, a festa, mais especificamente a romaria, é evidenciada pela política local com finalidades turísticas, o lugar é representado como uma atração a ser explorada e suas possibilidades enquanto evento.

Afirma-se que a festa é realçada no projeto político, pois já havia sido reconhecida pelo Estado como atração turística, constando no calendário turístico do Estado de São Paulo desde 1992.⁹⁹ A cidade apresenta ainda outros atrativos como belezas naturais, hotéis e sua posição geográfica favorável devido à proximidade com a capital. A festa é denominada no projeto como Festa de São Sebastião, não há menção ao Divino Espírito Santo.

O projeto de lei representa a festa de São Sebastião como a alavanca que pode potencializar o turismo na cidade e deixa claro que um dos produtos que devem ser expostos nessa vitrine, figurando como um dos mais atraentes e que tem o poder de estimular olhares e desejos de consumo, é a romaria.

A proposta da administração em desenvolver o turismo na cidade está relacionada a uma conjuntura maior. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o turismo passa a ser uma das suas prioridades, por isso foi implementada a política nacional de turismo pelo decreto nº 448 de 14 de fevereiro de 1992¹⁰⁰ que tem como uma de suas estratégias a descentralização.

O setor do Governo Federal deverá transferir aquelas responsabilidades de gestão de atividades turísticas que estejam, diretamente, afetas ao campo de atuação dos Estados e Municípios. O instrumento maior para alcançar esse objetivo é a realidade da implantação do PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo em 1570 municípios com potencial turístico em todo o país.¹⁰¹

O destaque dado ao turismo e à implantação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (1996-2001) buscava propiciar aos municípios autonomia e

⁹⁹ SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Lei nº 8193, de 15 de dezembro de 1992. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

¹⁰⁰ BRASIL. Decreto nº 448, de 14 de fevereiro de 1992. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo. Disponível em: <www.camara.leg.br>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

¹⁰¹ BRASIL. Política Nacional de Turismo: diretrizes e programas 1996-1999. Ministério da Indústria Comércio e Turismo (MICT), p. 19.

condições para a promoção do turismo por meio de linhas de crédito e capacitação. Para tanto era necessário que as administrações aderissem voluntariamente ao programa, cabendo ao Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) a análise dos municípios classificados como turísticos ou com potencial turístico. A cidade de Ibiúna foi inserida no programa no ano de 1997 como município com potencial turístico.¹⁰² Desse modo, o desenvolvimento da política local de turismo estava em consonância com as propostas do governo federal.

No período analisado (1997-2000) a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, com ênfase para a Romaria de São Sebastião, passa a integrar reiteradamente notícias relacionadas ao turismo.

Na edição comemorativa do aniversário da cidade, a estrutura do A Vanguarda de Ibiúna é modificada, as páginas se estendem, algumas são coloridas e os anúncios se ampliam, aspectos que não são observados habitualmente em outras edições. A manchete aborda a temática do turismo, mais especificamente do turismo ecológico:

Neste 24 de março, no entanto, num processo interativo do passado e do presente, quando os rojões da alvorada festiva acordarem a comunidade para vivenciar a efeméride comemorativa do 140º aniversário do município, registrará o calendário a partida histórica rumo a uma nova luta, para consolidar para Ibiúna o reconhecimento como estância turística. E o mais importante: turismo ecológico voltado para o lazer e o entretenimento ligados à cultura com o rigoroso critério de preservação do meio ambiente.¹⁰³

A partir do pressuposto de que “as edições comemorativas indicam movimento explícito de produção e atualização de memória”¹⁰⁴, pode-se inferir que a manchete busca construir uma memória de abertura de um novo período para a cidade que visa à consolidação do título político de estância turística. O discurso é de exaltação à data, como se a partir desse momento a cidade caminhasse para um novo destino. As imagens vinculadas à manchete dão destaque aos atrativos naturais do município como o Parque Estadual Jurupará, cachoeira, represa Itupararanga e o caminho que leva até as chamadas “grutas de São Sebastião”, situadas no bairro do Pocinho, local onde se realiza a Romaria de São Sebastião.¹⁰⁵, e indicam que esse local pode ser uma área potencial para o desenvolvimento do turismo.

¹⁰² Deliberação Normativa nº 385, de 28 de novembro de 1997. Disponível em: < www.anttur.org.br>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

¹⁰³ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 24 de março de 1997, p. 1.

¹⁰⁴ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; *et al.* A pesquisa em História. São Paulo: editora Ática, 2011.p. 262.

¹⁰⁵ Ver figura 1.

Para inserir a Romaria de São Sebastião na política local de turismo, existem alguns obstáculos como o difícil acesso ao lugar e a falta de infraestrutura para receber os visitantes. O local passa a ser alvo de intervenções e propostas que buscam minimizar ou até solucionar esses problemas. Uma dessas propostas é levantada pelo Voz de Ibiúna:

Ano Novo! Nova administração! Sonhos Antigos e Novos! Unidos: Autoridades, Municípios, Associações de Condomínios, A.C.I. - todos juntos – vamos levantar esta Bandeira! e lutar para que Ibiúna seja, efetivamente, Estância Turística! Com verbas próprias auxílio de todos, imaginem como ficaria a nossa Ibiúna. Eis a nossa sugestão [...].¹⁰⁶

Mais uma vez, ao fazer uso em seu discurso de termos como “nova administração” e “sonho”, generaliza um clima de excitação e se posiciona como integrante do grupo envolvido no desenvolvimento do projeto político aliado às autoridades locais, à população e às associações de condomínios. Elabora propostas para estimular o turismo na cidade, pautadas principalmente por mudanças como a abertura de indústrias, criação de festas e eventos, alterações no trânsito, arquitetura e no local da romaria, propondo que “A estrada de acesso a São Sebastião (bairro do Pocinho) deveria ser asfaltada e todo o complexo da capela e das grutas ser área de preservação [...]”¹⁰⁷

Transformar o local em área de preservação ambiental e asfaltar a estrada ampliaria o turismo no local, tornando-o mais atraente, confortável e acessível aos visitantes. Caso essas propostas se concretizassem, afetariam as práticas religiosas da população, o que demonstra os limites de sua inserção no projeto, uma vez que prioriza interesses de grupos específicos sem levar em consideração outros sujeitos sociais.

Termina a matéria apontando as vantagens de suas propostas:

O Ser turístico educa e cria o gosto pelo que é bonito e bem cuidado, artístico ajardinado e florido.

Além disso, trabalhando, as pessoas não teriam tempo para depredações nem motivos para revoltas.¹⁰⁸

Esse trecho reafirma a marginalização da população perante o projeto político, representada como inculta, desordeira e incapaz de apreciar aquilo que é belo. Desse modo, uma das vantagens em se tornar uma estância turística estaria na mudança de valores, padrões de comportamento e no estabelecimento da ordem estimulada pelo trabalho.

¹⁰⁶ VOZ DE IBIÚNA, 25 de jan. de 1997, p. 3.

¹⁰⁷ Idem, Ibidem.

¹⁰⁸ Idem, Ibidem.

Ao longo dos anos, o local continua sendo alvo de preocupações e interferências também por parte do poder público, pois

O setor de conservação de vias da Prefeitura já concluiu os serviços de recuperação da estrada do bairro do Pocinho, também chamada pela população de estrada de São Sebastião, e alusão à passagem da romaria [...] além da terraplenagem, acerto no cascalhamento e limpeza das margens, a Prefeitura se preocupou também com outros detalhes visando maior segurança dos romeiros, principalmente daqueles que fazem o percurso de cerca de 30 quilômetros a pé. Para a prefeitura, além da importância religiosa, a festa de São Sebastião é um importante acontecimento no calendário turístico do município, merecendo a colaboração de toda a comunidade, incluindo aí os poderes públicos [...].¹⁰⁹

Próximo aos dias de realização da festa, a matéria informa sobre as ações do poder público para recuperar a estrada da Romaria de São Sebastião, a intervenção é justificada com base na sua importância religiosa, mas também na importância para o turismo na cidade.

As propostas do jornal e as intervenções do poder público tem o intuito de viabilizar um maior acesso de turistas ao local. Mesmo após a efetivação do título de estância turística para a cidade no ano 2000, a temática continua sendo motivo de atenção “Devagar e com apoio voluntário sítio da capela ganha estrutura para a festa anual de São Sebastião”¹¹⁰

As preocupações com a precariedade da estrada e a falta de infraestrutura do lugar nem sempre estiveram na ordem do dia. Em 1994, o romeiro José Carlos Fabiano fala sobre o abandono do lugar:

No último dia 20 de janeiro, dia do Glorioso Santo 'São Sebastião' organizamos uma pequena romaria até o sertão onde fomos reverenciar nosso glorioso Santo protetor.

Participaram deste ato de fé o sr. Juvêncio, Sebastião Ferracini, Zeca Ferracini, Família do sr. Quim, Marcelino, José C. Fabiano e Tomaz Clemente Machado, e na ocasião nos deparamos com um total descaso com que nossa comunidade vem dando aquele que é um lugar Santo.

Sendo um patrimônio histórico não pode permanecer como está totalmente abandonado, com falta de água, banheiros sem condições de uso, sem caseiro, cofre arrombado, enfim, uma calamidade pública.¹¹¹

¹⁰⁹ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 22 de maio de 1999, p. 3.

¹¹⁰ Idem, 02 de jun. de 2000, p. 3.

¹¹¹ VOZ DE IBIÚNA, jan. de 1994, p.3.

A preocupação com as condições do lugar estão relacionadas à atual conjuntura política, que associa a romaria a pretensões de transformá-la em atração turística e traz à baila as incumbências para atingir esse objetivo. A matéria traz um discurso de denúncia, pois acentua o descaso com o lugar, e privilegia a ótica do romeiro sobre o assunto.

Falando em nome de um grupo de romeiros, José Carlos Fabiano conta com indignação a situação de abandono do lugar e associa esta à ideia de calamidade pública. Defende indiretamente modificações como infraestrutura e segurança, porém, as justificativas apresentadas para essas mudanças não são compatíveis com as justificativas dos grupos interessados em validar seu projeto político. Mesmo que não sejam contemporâneos, é interessante observar que, apesar de a intenção ser semelhante, os significados que o romeiro atribui à Romaria de São Sebastião são distintos dos apresentados pelos jornais e pelo poder público. Para José Carlos e para os outros participantes, a romaria expressa homenagem ao santo de devoção, ato de fé e lugar do sagrado.

Durante as entrevistas, é notório que falar sobre a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo significa despertar nos narradores suas memórias sobre a Romaria de São Sebastião, quando contam sobre a romaria associam suas experiências com o trajeto que percorriam. Como declara Wilma,

Eu já fui desde criança a gente ia deitado no caminhão que era coisa horrível pra chegar lá, porque uma estrada! Aquelas, aquelas valetas, pirambeiras, né, e nesse, nesse, a estrada desse tamanho de estreitinha parecia que o caminhão não cabia, tinha que o caminhão daquele tempo esse caminhão do meu pai, né, não tinha, não tinha cabine, era caminhão aberto, né, e era um caminhão pequeno, tipo um caminhãozinho, né [...].¹¹²

Sua participação na romaria é uma prática familiar que foi experienciada desde a infância, a ida da família para a romaria era feita de caminhão, as características atribuídas ao meio de transporte destacam sua precariedade e a periculosidade do percurso.

Os narradores reconhecem as mudanças que foram ocorrendo na romaria, quando pergunto a Aníbal se ele observa aspectos que mudaram e/ ou permaneceram na festa, mas uma vez a romaria e as dificuldades no percurso são lembradas:

Mudou, porque... Aquele tempo quando noi chegemo, com três pessoas, leva o santo lá. Hoje vai milhares de pessoa, não!

Hoje vai um fim de mundo. Que nem nós chegamo i em três. Depois, volta

¹¹² Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista concedida à autora em 04 de julho de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

de a pé até aqui na, na aqui ali no Piaí, pra pega uma condução pra vim embora. Chegá de madrugada aqui. Depois foi aumentando... um pouquinho, saia daqui de Ibiúna, saia cheio, quando chegava no Capim Azedo, ficava, e ia acabando... e pra frente acabava... Chegava numa altura pra lá quase num tinha gente. Agora, agora, eu num vô mai leva o santo, tá loco! O ano passado, tinha que dexa dois, três quilômetro pra cá o carro. Não dá pra chega lá. É muito, muito povo, cresceu muito, né? Hã!.¹¹³

Refere-se ao passado de maneira vaga como “aquele tempo” e identifica as mudanças da festa como as que ocorreram na romaria, a exemplo do aumento do fluxo de pessoas relacionado à facilidade de acesso ao lugar. Para reforçar essa ideia enfatiza as dificuldades que encontrava em participar da romaria, o que, portanto, era sinônimo de um reduzido número de participantes. Reconhece que, atualmente, a romaria atrai muitas pessoas e que essa mudança afeta sua participação e também desperta sua indignação, já que sua experiência na romaria foi modificada.

Luiz também rememora em sua construção narrativa as dificuldades da romaria:

E, voltando a falar de lembrança do Sertão, que naquela época que vinha buscar o santo era frio de verdade, porque era maio... caindo geada lá, estrada péssima, não tinha energia elétrica, né, os carro encalhando, o povo não tinha onde dormir lá, era precária – hoje tem energia elétrica, hoje tem... qualquer automóvel chega lá no Sertão. Antigamente não, quando nós iniciamos lá, era caminhão acorrentado, carros encalhando, e o pessoal com aquela fé vinha trazer São Sebastião.¹¹⁴

Tem o local da romaria como lugar de memória e constrói em sua fala duas temporalidades distintas fazendo uso de termos genéricos como “naquela época”, “antigamente” e “hoje”. As temporalidades são distintas para qualificar experiências que também entende como distintas. A romaria é vista como sinônimo de penitência e sacrifício, e as modificações realizadas no local facilitaram o acesso diminuindo as dificuldades dos participantes.

Os narradores não se lembram da precariedade da estrada e dos sacrifícios despendidos com pesar, essas experiências diferenciam esses romeiros dos atuais, as dificuldades enobrecem seu ato, qualificam e enaltecem sua fé. A romaria figura como sinônimo de penitência e sacrifícios, os narradores identificam que esses aspectos foram

¹¹³ Aníbal Albertin, entrevista concedida à autora em 20 de maio de 2016. Residência do entrevistado em Ibiúna.

¹¹⁴ Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

alterados, mas assumem uma posição estratégica utilizando essas mesmas alterações para valorizar suas experiências na romaria.

No mês de realização da festa, os jornais dão ampla cobertura ao assunto com edições especificamente voltadas para sua divulgação. A estrutura dos jornais é modificada com o aumento do número de páginas e a ampliação dos anúncios publicitários.¹¹⁵ Essas edições apresentam uma confecção de notícias semelhantes, com destaque para a Romaria de São Sebastião, a imagem do santo jovem como o torso desnudo, amarrado a uma árvore e atingido por flechas, salientando seu martírio, sua hagiografia e a memória coletiva sobre a origem da romaria, já discutida no primeiro capítulo. A confecção dessas notícias deve ser analisada tendo em vista a conjuntura na qual estão inseridas.

Nas conjunturas em estudo, a identificação de campanhas gerais e posições políticas defendidas pelo periódico, assim como de questões, sujeitos sociais, espaços e temas que prioriza para a agenda pública remetem a correlação de forças e ao campo das lutas sociais do momento. Trata-se, no entanto, de enfrentar, a discussão sobre as mesmas, de forma articulada e simultânea visando a apreensão do processo de intervenção da publicação naquela conjuntura.¹¹⁶

Portanto, segue-se à análise dessas edições com destaque para a gestão do projeto proposto pela política local de transformar a cidade em estância turística, o apoio despendido pelos jornais e a vinculação da Romaria de São Sebastião como cerne desse projeto.

Na edição do *A Vanguarda* de Ibiúna de 31 de maio de 1997, voltada para a divulgação da festa, o editorial intitulado “Religiosidade & Turismo”, constrói um discurso que busca convencer o leitor da viabilidade em aliar religiosidade e turismo. Segue o trecho do editorial:

Vivemos neste último sábado de maio a 78ª festa de São Sebastião, a mais tradicional manifestação de fé que reúne a comunidade católica local a centenas de romeiros advindos de municípios vizinhos e, nos últimos anos, até de localidades mais distantes. O eco da promoção, tanto pelo aspecto religioso como pelas atrações profanas, alcança a cada edição um número

¹¹⁵ Tomamos como exemplo a edição do jornal *A Vanguarda* de Ibiúna de 31 de maio de 1997. Habitualmente o jornal apresenta um total de 6 páginas, o número de anúncios publicitários oscila de 15 a 20 notas. Entretanto nessa edição, a primeira página é colorida dedicada inteiramente a noticiar a festa, o jornal passa a constituir 16 páginas, os anúncios publicitários chegam a 80 notas com mensagens a São Sebastião e aos romeiros, das 16 notícias publicadas, 10 se referem a festa.

¹¹⁶ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, dez. 2007, p.264.

maior de pessoas que nos visitam e depois divulgam a nossa hospitalidade e o colorido da festa, que no ano seguinte faz com que mais visitantes acompanhem a programação dos festejos, inclusive esticando sua visita até a capela de São Sebastião, no bairro do Pocinho, alguns fazendo questão de conhecer no sertão, a já famosa 'Gruta de São Sebastião'.¹¹⁷

Segundo o editorial, a festa por si só já é uma atração turística, ou seja, a associação entre religiosidade e turismo acontece naturalmente. Esse argumento é justificado pelo crescente afluxo de visitantes e pela representação da população como hospitaleira. Para persuadir o leitor, oculta os esforços despendidos pela administração e pelo próprio jornal em inserir os festejos na política de turismo, como se isso se desse sem nenhum tipo de intervenção e seus aspectos de atração turística fossem inatos. Para corroborar com esse argumento, aponta o Sertão, local onde acontece a romaria, como um lugar inerente ao turismo. Continua informando que a relação entre turismo e festa acontece “Sem perder o alto sentido espiritual que a inspirou [...]”¹¹⁸, ou seja, na associação entre os dois âmbitos não há alterações ou perdas, já que se preserva seu sentido religioso.

De acordo com o editorial, o aspecto religioso da festa também é representado como um atrativo quando argumenta que “Toda festa revive um acontecimento, gira em torno de um fato e não de uma época. É esse o lado romântico que constitui atrativo bastante para participantes de todas as faixas etárias”¹¹⁹ e, em seguida, aponta o fato: “Em Ibiúna a data marca a tradição anual da romaria de penitência ao sertão, em ação de graças ao milagre do santo protegendo a população da peste.”¹²⁰

Nesse trecho é notável que não é apenas a festa que constitui atrativo, mas também o fato que esta rememora: a promessa feita a São Sebastião para proteger a população da epidemia de gripe espanhola e que deu início à Romaria de São Sebastião. A representação da romaria como atração turística vai além da abordagem da peregrinação anual de milhares de devotos, envolve a divulgação do acontecimento, do maravilhoso, do milagre e do lugar do sagrado.

Nessas publicações especificamente voltadas para a divulgação da festa, o universo religioso é transformado em notícia e reforça a memória coletiva sobre a origem da romaria, sem deixar de destacar sua potencialidade como atrativo turístico. Diante desse argumento, a

¹¹⁷ A *VANGUARDA DE IBIÚNA*, 31 de maio de 1997, p.2.

¹¹⁸ Idem, Ibidem.

¹¹⁹ Idem, Ibidem.

¹²⁰ Idem, Ibidem.

recorrência dessa memória nessas edições parece bastante coerente quando se leva em conta a articulação do jornal em torno do projeto político de transformar a cidade em estância turística do Estado de São Paulo.

Segue o editorial salientando o potencial turístico da festa:

Como se vê, a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo de Ibiúna já deixou de ser um acontecimento local. Embora mantendo nossos usos e costumes tradicionais, retratando nossas raízes, transformou-se num documento cultural desta região do Estado e do País, que transcendem nossos sentimentos caseiros, tomando amplitudes tais de importante atração turística.

Com manifestações folclóricas naturais como a romaria dos Cavaleiros de São Sebastião, shows sertanejos, as procissões e a própria romaria, as festividades já constituem atração. Bastaria um pequeno esforço consoante com a filosofia da administração municipal para que ela venha ser um dos carros-chefes do turismo doméstico.¹²¹

A proposta do editorial é que a festa deve ser o elemento central para o desenvolvimento do turismo na cidade, reiterando sua inata característica de atração turística não apenas a nível estadual, mas também nacional. Para a efetivação de sua proposta aponta possíveis intervenções, desde que estejam adequadas aos interesses da administração. Percebe-se que essas propostas não consideram os impactos que causariam na vida e na prática religiosa das pessoas, pois são articuladas e discutidas por um grupo específico.

Apesar dos jornais seguirem um formato semelhante de publicação para a divulgação da festa, atenta-se para o fato de que não se tratam de abordagens idênticas, já que “[...] todo o jornal organiza os acontecimentos segundo seu próprio filtro.”¹²², ou seja, estão inseridos em uma maneira específica de ver e intervir na sociedade. No editorial “Há algo estranho no ar”, o *Voz de Ibiúna* noticia a Romaria de São Sebastião, como indicou Zicman, “segundo seu próprio filtro”:

Aproximam-se as eleições e o Governo Federal fecha o cerco contra o povo brasileiro, estabelecendo uma das maiores crises financeiras da história. Hoje, às vésperas da 79ª FESTA DE SÃO SEBASTIÃO, não é difícil ouvir de vozes penitentes, pedidos de proteção familiar, contra os males dos dias atuais: Quais são? Basta sermos um pouco atentos para comprovarmos, que

¹²¹ A *VANGUARDA DE IBIÚNA*, 31 de maio de 1997, p.2.

¹²² ZICMAN, René. História através da imprensa. Algumas Considerações Metodológicas. *Projeto História*. São Paulo, 1981, p.90.

a maioria dos penitentes buscam socorro pela falta de perspectiva para o futuro. Ao abordarmos um contingente de 16 pessoas que vão como romeiros, buscar o Santo a pé ou a cavalo, ouvimos da maioria respostas categóricas: **'Vou pedir para me proteger em meu emprego..., para conseguir obter minha casa própria..., para me proteger da falta de alimento... para passar de ano..., para melhorar preços na lavoura..., para conseguir pagar meu carro...,** apenas 03 vão pedir uma graça para se curarem de males físicos e 01 para não perder a fé. Ainda bem que o povo recorre ao Santo que há 1710 anos atrás, morria exatamente para defender sua gente da impiedade e injustiças cometidas pelo governo daquela época. O atual, sem cometer exagero nas comparações, toma o enorme aparato das influências políticas do país e tenta atribuir a crise ao aparato internacional [...].¹²³

O editorial diagnostica a atual situação do país como caótica e se posiciona contra o governo federal e sua reeleição (1998). Buscando mobilizar opiniões de oposição, utiliza os pedidos feitos pelos romeiros para destacar a crise econômica do país, o realce gráfico nos pedidos serve para enfatizar seu argumento. Traça um paralelo entre a história do santo e a atual situação política representando as ações do santo como modelo de comportamento diante de um governo considerado como impiedoso e injusto, características que também são atribuídas ao governo atual. Em seguida, reforça seu diagnóstico a respeito da grave crise que o país vive, a qual se acentua progressivamente não havendo possibilidade de resolução. Termina propondo “Precisamos mais do que nunca das bênçãos de tudo que é sagrado e certamente obteremos respostas elegendo neste ano, um governo sério e comprometido com os anseios do povo brasileiro.”¹²⁴

A romaria e o martírio de São Sebastião são abordados com o intuito de tecer críticas à atual situação econômica do país, defender suas posições políticas, além de propor modelos de ação.

A matéria intitulada “São Sebastião e o Martírio”, de autoria do diretor-geral Valdo de Andrade, compõe a mesma página. Através da interpretação do martírio de São Sebastião continua defendendo suas propostas políticas para país:

Aproveitando a oportunidade desta edição, gostaria de tecer algumas considerações a respeito do martírio e, assim refletirmos com mais

¹²³ VOZ DE IBIÚNA, 30 de maio de 1998, p.2.

¹²⁴ Idem, Ibidem.

profundidade, a morte do Santo que todo o município de Ibiúna reverencia. Entendemos o martírio como primícia da libertação pascal de Jesus, para a manifestação plena do Reino de Deus. São Sebastião é hoje triunfalmente venerado, justamente por ter entendido a mensagem do próprio Jesus e num esforço de caridade heróica, se apresenta diante do governo daquela época, para denunciar atos de injustiça contra o povo indefeso e pobre. Desfalecido por espancamentos recupera-se novamente de suas forças físicas e se apresenta ao tirano pela segunda vez, quando é definitivamente morto a flechadas, amarrado em uma árvore.¹²⁵

O martírio é interpretado como exemplo de comportamento transmitido por Jesus Cristo, e São Sebastião figura como seguidor desse exemplo. Destaca a atitude contestadora do santo diante de um governo considerado injusto e opressor, seu suplício é caracterizado como uma ação heroica, posição mantida até a sua morte. Segue a matéria estabelecendo comparações entre a ação do santo com pessoas que lutaram contra as ditaduras militares na América Latina traçando um paralelo entre os dois contextos:

Na América Latina, nos últimos 30 anos, muitos foram mortos porque seu engajamento foi explícito, direto e inquebrantável; outros porque faziam parte da mesma comunidade ou grupo, e de um modo, quem sabe mais implícito e indireto, estavam apoiando a mesma causa que os levou ao martírio. Outros ainda, morreram pelo compromisso com valores sociais fundamentais que são verdadeiros elementos do Reino de Deus. Todos eles são heróis e suas vidas, assim como seu sacrifício, estão cheios de conteúdo e força libertadora.

Jesus Cristo é o mártir por excelência. Com ele estão os 'mártires do Reino de Deus', aqueles que embora não pertencendo à comunidade eclesial de modo declarado, souberam assumir aspectos e valores da missão de Jesus Cristo com força e bravura sempre em defesa dos mais injustiçados.

Viver nas dimensões da fé, é mais que nossa 'hora marcada' com Deus. Na verdade, toda a nossa vida e todo o nosso agir é que determina o grau de nossa santidade, pois é somente na ação concreta que somos levados coerentemente ao sacrifício até ao martírio se preciso, para comprovar a nossa adesão à causa.

Disto São Sebastião sabia, por isso se tornou Santo!!!¹²⁶

¹²⁵ VOZ DE IBIÚNA, 30 de maio de 1998, p. 2.

¹²⁶ Idem, Ibidem.

Por meio de um discurso religioso, aproxima o martírio de São Sebastião e de Jesus Cristo à atitude de pessoas que não ficaram passivas diante de uma situação considerada injusta. A ação dessas pessoas é valorizada por meio de um caráter sacro. A construção da matéria reafirma as propostas do editorial ao estimular e valorizar essas ações. Assim, articula passado e presente para defender suas propostas políticas de oposição ao governo atual e à sua reeleição. As críticas ao governo federal continuam sendo divulgadas em outras edições, figurando como pauta do Voz de Ibiúna mesmo após a reeleição de Fernando Henrique Cardoso em 1998.

Ao longo da análise é nítido o empenho dos jornais em associar romaria/festa à atração turística; buscam forjar uma inquestionável conexão entre os termos. Como é possível notar na edição do A Vanguarda de Ibiúna de 30 de maio de 1998,

A presença de fiéis e devotos a caminho do sertão, percorrendo a pé os 28 quilômetros até a capela de São Sebastião do bairro do Pocinho, em romaria a pé, a cavalo, de charrete, de bicicleta, motocicleta, trator e toda espécie de condução, moptorizada ou não, transforma aquele reduto nas vizinhanças das grutas onde a imagem miraculosa de São Sebastião foi encontrada, por uma noite, num santuário de grande concentração religiosa, já comparada por um jornalista a uma pequena Meca paulistana.¹²⁷

A notícia expõe a intensa movimentação de pessoas que se dirigem a Capela de São Sebastião durante a romaria, compara essa movimentação a um grande centro religioso através da utilização de termos como “santuário” e “Meca paulistana”. O reconhecimento do lugar como grande centro religioso é legitimado pelas considerações de um jornalista que, apesar de não ser identificado, confere credibilidade ao argumento do jornal.

O esforço em generalizar a romaria como atração turística também está vinculado à percepção do jornal de uma situação propícia não apenas a nível local, mas também federal para o desenvolvimento do turismo na cidade. Na matéria “Ecoturismo de comunidade rural tem merecido incentivo do governo” há o diagnóstico dessa situação, pois

O governo federal, segundo fontes da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), tomou a decisão de investir forte no turismo rural, que inclui no plano de fomento ao turismo interno até o ano 2002, para o qual já reservou uma verba de R\$ 5 bilhões. Desse total, a metade vem de organismos internacionais, como o Banco Mundial (Bird), e se destina especificamente

¹²⁷ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 30 de maio de 1998, p. 8.

para a melhoria da infra - estrutura das cidades turísticas brasileiras.¹²⁸

A gestão de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) enfatiza o desenvolvimento do turismo por meio de uma perspectiva predominantemente econômica, de acordo com a Política Nacional de Turismo a intenção era “[...] promover e incrementar o turismo como fonte de renda, de geração de emprego e de desenvolvimento socioeconômico do País.”¹²⁹ Em sintonia com as propostas do governo, o jornal indica como a cidade pode tirar proveito dessa conjuntura favorável. Destaca assim os incentivos federais para promover o ecoturismo:

[...] o Programa de Desenvolvimento e Ecoturismo promovem (erro do jornal) oficinas de sensibilização das comunidades rurais inseridas, incluindo, na região amazônica diversas comunidades indígenas incluídas no programa do pólo turístico do norte do Estado de Roraima. O plano faz parte do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), que prevê a participação direta de prefeituras, do governo estadual e apoio de organismos relacionados com a comunidade, com o objetivo de buscar alternativas de trabalho para as populações das comunidades envolvidas e criar uma consciência de preservação ambiental e de cultivo e promoção do artesanato regional, sem descuidar de outros aspectos da cultura local.¹³⁰

O programa de fomento ao turismo desenvolvido pelo governo federal estabeleceu o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (1996), que buscava descentralizar as ações do setor e incentivar os municípios a liderarem o desenvolvimento do turismo em suas localidades, programa no qual a cidade estava inserida desde 1997.¹³¹ O *A Vanguarda de Ibiúna* diante dessa conjuntura se posicionou como articulador do desenvolvimento do turismo na cidade, indicando caminhos para adaptar as propostas do governo federal à realidade local através de exemplos de outras regiões:

Aproveitando a religiosidade e a devoção do povo tem movimentado diversas cidades brasileiras, constituindo-se o evento religioso em um ponto de movimentação turística planejada. São marcantes em nosso país os exemplos de movimentação turística religiosa de cidades como: Juazeiro do Norte, no Ceará; Trindade, em Goiás; Sabará, em Minas Gerais; Aparecida

¹²⁸ *A VANGUARDA DE IBIÚNA*, 26 de novembro de 1999, p.3.

¹²⁹ BRASIL. Política Nacional de Turismo: diretrizes e programas 1996-1999. Ministério da Indústria Comércio e Turismo (MICT), p. 09.

¹³⁰ Idem. Ibidem, *A VANGUARDA DE IBIÚNA*.

¹³¹ Deliberação Normativa nº 385, de 28 de novembro de 1997. Disponível em: < www.anttur.org.br>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

do Norte, Tambaú; Iguape e Pirapora do Bom Jesus, em São Paulo.¹³²

O caminho indicado é o turismo religioso, baseado na religiosidade e devoção para o seu desenvolvimento. Os exemplos de outras cidades ressaltam a viabilidade da proposta, já que é realizada com êxito em outros lugares.

Segue a notícia que usa como exemplo específico a experiência positiva de uma cidade que aliou turismo e religiosidade e que, não por coincidência, apresenta características semelhantes às práticas de devoção a São Sebastião:

No Estado de Pernambuco, a referência em termos de religiosidade e devoção é o Sítio da Guarda, localizado no distrito de Cimbres, município de Pesqueiras. Identicamente como na nossa devoção de São Sebastião, a história de um milagre ocorrido no interior de uma gruta.

Tudo começou no dia 6 de agosto de 1936, quando duas irmãs bastante religiosas, Maria da Luz e Maria da Conceição, teriam visto uma luz no interior da gruta e, ao averiguarem, viram 'uma linda mulher com um menino nos braços', identificada pelos devotos como a Virgem Maria e o Menino Jesus. No local da aparição chantaram uma imagem de Nossa Senhora e não tardaram a correr ali os romeiros pedindo ou agradecendo graças recebidas 'de Nossa Senhora da Gruta da Guarda'.¹³³

As semelhanças dessa manifestação religiosa com a devoção a São Sebastião servem para confirmar seus pressupostos, ou seja, é possível fazer o mesmo. Continua informando sobre o crescente número de turistas devido às intervenções da prefeitura no lugar:

A que se deve esse considerável fluxo de devotos? Segundo os técnicos do PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo), à significação do fenômeno e do lugar como atração turística, merecendo uma infraestrutura cada vez melhor adequada, e intensa divulgação pela prefeitura.

A propósito, isso já não poderia estar ocorrendo com a Gruta e Capela de São Sebastião, no bairro do Pocinho, cuja devoção se originou muito antes, no começo deste século?¹³⁴

Nesse trecho cobra ações da administração para que a devoção a São Sebastião possa se transformar efetivamente em alavanca para o desenvolvimento do turismo, como exemplificou através das ações que acontecem na cidade de Pesqueiras no Estado de

¹³² A *VANGUARDA DE IBIÚNA*, 26 de novembro de 1999, p.3.

¹³³ Idem, *Ibidem*.

¹³⁴ Idem, *Ibidem*.

Pernambuco. Faz uso ainda da voz autorizada sobre o assunto, os técnicos do PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo) mostram que é preciso representar o fato religioso e o lugar de devoção como atração turística, o que o jornal vem fazendo em suas edições, além de propor intervenções no lugar e intensa divulgação. A pressão para o desenvolvimento dessas propostas vem do momento considerado favorável devido aos incentivos do governo federal.

Nesse sentido, o *Voz de Ibiúna* também pressiona as autoridades locais com uma sequência de notícias que abarca uma página inteira sobre o desenvolvimento do turismo na região. Em uma delas, publicada sob o título “Região potencializa arrancada para o turismo”, informa sobre um evento que reuniu autoridades, empresários e representantes do governo do Estado de São Paulo que inaugurou na cidade de São Roque a subsede do Sindicato de Hotéis, Restaurantes e Bares, constituído por um grupo de empresários que estão dispostos a investir na região compreendida pelas cidades de Alumínio, Ibiúna, Araçariguama, São Roque, Mairinque, Piedade e Pilar do Sul. Instiga o leitor a tomar partido do evento como um marco para o desenvolvimento do turismo na região. Evidencia a importância do evento e seu apoio à ação dos empresários, mas termina a notícia cobrando a participação das autoridades locais:

Estiveram presentes ao ato inaugural, representantes dos municípios de Piedade, Pilar do Sul, São Roque e Mairinque. Infelizmente, Ibiúna não se fez representar por nenhuma autoridade. Apenas a Fundação Campo Cidade e o Jornal **Voz de Ibiúna** compareceram.

Nas próximas edições, iremos publicar o organograma do roteiro programático para a exploração do Agro - Turismo na Região. Aguardem.¹³⁵

O grifo chama a atenção para a ausência dos representantes da cidade e a crítica do jornal a essa postura. Enfatiza sua posição como defensor do projeto político de desenvolver o turismo na cidade, destaca sua presença no evento com a utilização do recurso gráfico que realça o nome do jornal e confirma seu comprometimento com o projeto, já que continuará divulgando as pautas sobre o assunto.

A partir dessa matéria é perceptível que a discussão sobre o desenvolvimento do turismo não era apenas local, abrangia outras localidades, grupos e interesses que também buscavam sua inserção na política federal de turismo.

A insistência dos jornais em interpretar a romaria como atração turística pode ser pensada por meio da seleção de termos que possuem

¹³⁵ VOZ DE IBIÚNA, 23 de março de 1999, p. 7.

[...] um papel importante no processo de ocultação do específico, funcionando como uma espécie de artifício ou artimanha que favoreciam a generalização do projeto, as quais convencionamos chamar de palavras-chaves. Nessa tarefa de generalizar o projeto e de ocultar o interesse específico, o jornal usa igualmente de associação e/ou oposição de ideias [...].

136

Ao manipular a associação entre essas ideias, os jornais destacam aspectos da celebração que julgam coerentes para defender seu projeto político. Entende-se essa intervenção como uma tentativa de generalização desse projeto, colocando a romaria em uma posição estratégica para legitimá-lo. Apontar essas intervenções dos jornais na vida social não implica pensar que consigam de forma efetiva realizar suas pretensões, mas sim que estão inseridos em uma correlação de forças com outros grupos sociais. Enquanto os jornais buscam inculcar que a romaria é uma atração turística, as memórias dos narradores e suas experiências fornecem outras perspectivas que se afastam dessa concepção generalizante. A partir de suas memórias de infância sobre a romaria, Carlos relata que “[...] a imagem ela não vinha muito sobre os braços das pessoas, passava de cavalo pra cavalo, porque a estrada era muito coisa (ruim), poucas pessoas pra ajudar... para o pessoal não cansa muito os cavaleiros pegavam também (o santo). Então essa é a minha imagem.”¹³⁷ Após essa afirmação buscando obter mais detalhes pergunto:

Fabiana – No caso ainda não era de mãos em mãos?

Carlos – Era de mão em mão! Eles revezavam com os cavalos, entendeu, tinha vez que todo mundo, até aquele que tava no cavalo carregava um pouco e passava pro outro cavaleiro, depois, pra descansar, porque não tinha tanta gente como tem hoje. Certo, essa é a minha impressão.¹³⁸

Refere-se às pessoas que participavam da romaria através do pronome “eles”, já que nesse trecho projeta sua imagem como observador. Devido à precariedade da estrada e ao número reduzido de pessoas que participava os cavaleiros também carregavam São Sebastião. É interessante observar que independente das circunstâncias o santo deveria ser carregado, ser passado de mãos em mãos pelos devotos. Nesse trecho reconhece as mudanças na romaria pela maior quantidade de pessoas que dela participam. Utilizando expressões como “essa é a minha imagem”, “essa é a minha impressão” para se referir às suas memórias de infância,

¹³⁶ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; *et al.* *A pesquisa em História*. São Paulo: editora ática, 2011, p.56.

¹³⁷ Antônio Carlos Vieira Ruivo, entrevista concedida à autora em 09 de junho de 2016. Na residência da mãe do entrevistado em Ibiúna.

¹³⁸ Idem, *Ibidem*.

transmite a ideia de recuperação das suas experiências, mas, como argumenta Ecléa Bosi, “O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e sentimentos experimentados pela primeira vez.”¹³⁹ Em consenso com esses argumentos, salienta-se que, por mais claras que pareçam, essas memórias não são as mesmas experimentadas na infância, pois são condicionadas pelo presente.

Em alguns momentos das entrevistas observa-se que as perguntas elaboradas pelo pesquisador, às vezes, não coincidem com aquilo que o narrador deseja contar. Essa questão ficou perceptível no diálogo com Luiz. Após responder uma pergunta sobre a relação entre a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, argumenta que havia esquecido algo importante que planejava contar. Apesar de a indagação ter atrapalhado sua sequência narrativa, em seguida se lembra, demonstrando a importância dessas memórias:

Bom, lembrei agora: vamo falar aí mais ou menos uns cinquenta, sessenta anos atrás. O meu pai, José Clemente Machado, sempre foi carvoeiro, trabalhava com carvão. E, na época, vamo fala mais ou menos sessenta anos atrás, eu nem existia ainda... mais de sessenta anos, então... ou mais ou menos isso aí... eh... o meu irmão, Plínio Clemente Machado, que faleceu ano passado, e Tomás Clemente Machado, que eram meus irmãos, eles iam buscar carvão lá depois da Capela de São Sebastião, lá embaixo.

Lá embaixo. Iam buscar carvão. Eh... encahava, ficava uma semana encahado, um caminhãozinho pequenininho, e eles me falavam sempre que teve um ano que eles foram buscar carvão lá na terça-feira. Daí, eles tavam saindo lá da Capela de São Sebastião com o caminhãozinho carregado e quando chegou ali nos Alves, ali naqueles morros, chegando a São Sebastião, eles viram quatro, cinco cavaleiros montados no cavalo, carregando o santo. Daí, eles ficaram lá, “Ó, tão trazendo...” Que eles sabiam que o santo vinha, “Ó, tão trazendo o santo.” Então, teve anos, no começo dessa festa, que não era tradição o povo de Ibiúna levar o santo. Então, pessoas do bairro, vinham buscar, não sei se era do Piaí, de onde que era, e lavavam no cavalo, isso meus irmãos relataram pra mim, daí meu pai também confirmou que teve anos que não tinha quem levasse, e precisava levar na terça. Que hoje, não: você nota que na terça-feira, metade da cidade, que é católica, vai com ... e os outros pro passeio turístico e a outra turma vão com a fé carregando o santo e na época não tinha essa tradição. Então, meu irmão falava, “Luiz, eu vi, Luiz, o pessoal chegando do Sertão a cavalo”. E no

¹³⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994, p. 58.

braço, eles revezavam entre eles, que eles tinham que levar o santo. Então, tem essas coisas, né.¹⁴⁰

Inicia buscando definir uma referência temporal para sua narração, em seguida, tece seu relato legitimado pela sua história familiar através do que seu pai e seus irmãos lhe contavam. A romaria, assim como suas referências espaciais, perpassa pelas experiências de trabalho de seu pai e seus irmãos como carvoeiros. O elemento chave de sua narração é a observação feita por seus familiares de como se trazia o santo em romaria. A partir desse trecho constrói suas considerações sobre as mudanças na romaria.

Menciona o começo da festa, festa e romaria aparecem como sinônimos. Indica que a romaria era uma prática religiosa rural feita por poucos cavaleiros e que “não era tradição o povo de Ibiúna levar o santo”, se referindo à população da área urbana. Modificando sua referência temporal para o presente, reconhece as mudanças que aconteceram na romaria por meio da grande quantidade de pessoas que participam. Diferencia os participantes e significados atribuídos à romaria, uns a tomam como passeio turístico e outros como expressão de fé.

A narrativa de Terezinha traz outras percepções sobre a romaria, quando conta que

[...] não tinha nem gente... Era pouquinho cavaleiro, pouquinho gente... eh... andando a pé, não tinha mulher, mulher quase nem ia, dá pra contar... e eu dando força pra todo mundo, “Vamo rezar!, vamo cantar!, carrega o santo!”. Assim foi até agora, até hoje, bem dizer...

Fabiana: Poucas mulheres?

Terezinha: Não ia quase gente, nega, mulher tudo tinha ocupação, né, não é brincadeira, sabe como é a vida, né, nega... Então, daí... e alguém que ia, nega, ia até uma alturinha, depois voltava embora, outros ficava parado num lugar esperando... E eu, não! Eu... junto com o santo... daqui ali, de lá aqui, junto com o santo a vida inteira, até a igreja, entregar ali.¹⁴¹

A partir da afirmação de que poucas pessoas participavam da romaria, diferencia a participação de homens e mulheres. A construção de suas memórias sobre a romaria aponta para uma predominante atuação dos homens. Assim, se posiciona como integrante de um seletivo e minoritário grupo, as mulheres.

A limitada participação das mulheres é justificada pela expressão “mulher tudo tinha

¹⁴⁰ Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

¹⁴¹ Tereza Vieira de Lima Machado, entrevista concedida à autora em 15 de agosto de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

ocupação”, se referindo, possivelmente, às tarefas desempenhadas no ambiente doméstico. Mas, ao mesmo tempo, Terezinha se afasta dessas mulheres, pois destaca sua ininterrupta participação e, portanto, seu protagonismo na romaria.

As experiências dos narradores dão indícios do processo de mudanças pelo qual a Romaria de São Sebastião passou, seu caráter dinâmico se expressa, bem como se distancia da ideia postulada pelos jornais da romaria enquanto atração turística.

Por meio da análise dos jornais, também foi possível tatear diferentes propostas que despontavam outras possibilidades para a Romaria de São Sebastião. A manchete veiculada pelo A Vanguarda de Ibiúna auxilia na composição de um cenário mais amplo dessas propostas em gestação. O manifesto publicado sob o título “Em respeito à fé dos católicos”, - assinado por um grupo que se autodenomina como católicos, praticantes, devotos e fiéis aos santos -, denuncia os comportamentos, usos do espaço e significados repudiados por esse grupo na Romaria de São Sebastião,

[...] Assim, como católicos e religiosos, com fé em nossa Igreja e suas tradições milenares, queremos lembrar aos participantes dessa tradição, que devem respeitar as festividades com verdadeira fé e devoção em louvor ao Santo Mártir, São Sebastião e da terceira pessoa da ss. Trindade.¹⁴²

A utilização de termos como “católicos e religiosos”, “com fé em nossa Igreja e suas tradições” e a denominação assumida diferencia esse grupo de outros participantes. O discurso é uma denúncia das ações consideradas reprováveis que são cometidas por esses “outros participantes” durante a romaria

A ida ao sertão deveria ser ‘mais’ do que uma caminhada para perder peso para algumas pessoas; do que cavalgada para a exibição de ‘mangas-largas’ para outros; do que passeio turístico para chacareiros e curiosos; do que torneio de charretes, que mais se assemelham a trios elétricos, que são mais afeitos aos carnavais baianos; do que um assédio de campanha política e ‘mais’ do que interesse comercial para muitos. Mais do que tudo isso deveria ser uma caminhada de fé em respeito ao Santo Salvador e Padroeiro de Ibiúna!

Essa caminhada deveria ser motivo de agradecimento por mais um ano de saúde, sem pestes para o povo com muita paz familiar e progresso.

Os participantes deveriam ir atrás das bênçãos do Divino Espírito Santo, que em sua festa, nos são enviadas pela Intercessão de nosso protetor, São

¹⁴² A VANGUARDA DE IBIÚNA, 29 de maio de 1999, p. 1.

Sebastião,

Em nome da Fé, pedimos aos que festejam o Santo Mártir, para fazerem tudo, dentro dos parâmetros da fé e religiosidade, e dessa forma, não sejam ridículos diante dos olhos incrédulos de tantos que professam outras religiões.

Se não respeitarmos as nossas próprias tradições religiosas, quem os fará por nós?

Deixemos as badernas, para as festas carnavalescas... Deixemos as bebedeiras, para as festas do 'chopp' ou para quando o nosso time for campeão... Deixemos o 'exibicionismo' para os desfiles próprios... Deixemos tudo que não se refira à Festa do Santo. Somente não deixemos DE REZAR E ORAR BASTANTE, porque nos parece que a festa de São Sebastião passa, e com ela vão também as orações que chegarem a ser feitas.

A festa religiosa do Divino Espírito Santo e de São Sebastião, representa sempre assumir características profanas de onde só perduram as lembranças das comilanças como sanduíches, pastéis, doces e outras guloseimas, ou ainda de gravações, musicais em nada religiosas, propagando letras que lembram o desamor e a traição, boas para serem ouvidas em outras ocasiões.

143

Defende modelos de comportamento e o significado que a celebração deve conter, busca normatizar a celebração de acordo com suas concepções religiosas, coibindo o que considera o lado profano da festa, pois se opõe a diversões, comilanças, músicas, consumo de bebidas alcoólicas, comércio, promoção política, exibicionismo e também ao turismo. O manifesto induz o leitor a repudiar esses atos, através de exemplos que generalizam as ações dos participantes e reforçam a ideia de desrespeito. Termina o manifesto indicando caminhos para a normatização da romaria,

Você que é católico, ensine ao seu filho venerar o Santo festejado de forma cristã, contando-lhe a sua história, explicando-lhe o 'porque' da festa. São Sebastião pertencia a guarda Oficial do Império Romano e foi martirizado pela história desse Mártir Protetor pela fé que abraçou. Depois 'livrou' nossa cidade inteira de uma horrível peste. Aliás, a história desse Mártir Protetor de Ibiúna, todo ano é publicada neste Jornal [...].¹⁴⁴

Propõe que a relação entre o devoto e o santo deve acontecer de acordo com os

¹⁴³ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 29 de maio de 1999, p. 1.

¹⁴⁴ Idem, Ibidem.

parâmetros da Igreja, e ainda destaca que a maneira como o jornal confecciona suas edições sobre a festa se presta a esse propósito. Segundo o manifesto, a romaria não é sinônimo de atração turística como insistentemente é divulgado pelos jornais, pelo contrário, sua vinculação como “passeio turístico” é uma das críticas apontadas por esse grupo.

As discussões em torno da festa ganham espaço também no Voz de Ibiúna,

Em Ibiúna, este final de mês é marcado por uma das mais envolventes festas populares da região, a Festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, que teve seu início no dia 20 com a tradicional Novena e a chegada ao seu auge do dia 29 de maio, com a chegada triunfal da imagem de São Sebastião, ao dia 1 de junho (feriado municipal), quando o povo leva de volta, e a pé por 32 Km, a imagem até o 'santuário ecológico', cuja tradição remonta ao longo de 80 anos deste trajeto. Esta festa revigora nossa cultura e dá sentido a religiosidade popular. É preciso que os festeiros e responsáveis pela festa entendam até mesmo o lado 'Profano' tão fortemente presente no inconsciente coletivo. Em tempos atuais, uma mudança drástica seria uma catástrofe, se bem que pastoralmente a festa poderia ser bem mais rica.¹⁴⁵

O editorial toma parte das discussões em relação à normatização da festa proposta pelos festeiros e organizadores. Os festejos são identificados como uma grande manifestação popular, o destaque dessa manifestação é dado à Romaria de São Sebastião. Por um lado, reconhece que poderia haver um maior espaço dedicado às ações da igreja, por outro, entende que, por se tratar de uma manifestação popular, deve-se preservar o que considera sua parte “profana”. Assim, pode-se inferir que as discussões em torno da normatização da festa perpassam pela romaria. Termina o editorial utilizando o termo “catástrofe” para se opor às mudanças e evidencia uma perspectiva trágica do que estas poderiam ocasionar.

Nas páginas seguintes, o assunto é trazido novamente à baila através da sessão “Ponto de Vista”

Neste final de maio, a tradicional Festa de São Sebastião chega a sua 80ª edição. VOZ DE IBIÚNA não poderia deixar esse grande evento de nossa cidade passar em branco, por isso aproveita a ocasião para consultar seus leitores sobre o sentido religioso e popular que ainda existe nessa manifestação do povo ibiunense. Assim, fizemos as seguintes perguntas aos cidadãos abaixo [...].¹⁴⁶

A chamada da sessão fornece pistas sobre a utilização da opinião dos leitores para

¹⁴⁵ VOZ DE IBIÚNA, 28 de maio de 1999, p.2.

¹⁴⁶ Idem, p.11.

ocultar e, ao mesmo tempo, legitimar propostas e interesses do jornal através de uma pretensa opinião pública sobre o assunto. A discussão é direcionada à afirmação do significado religioso e popular da festa, representada como um “grande evento” da cidade.

A sessão selecionou seis entrevistados de diferentes religiões¹⁴⁷ para responder a quatro perguntas. As perguntas conduzem os entrevistados a comentarem sobre os aspectos positivos da festa, sua contribuição para a cidade, sugestões para as edições vindouras e uma especificamente voltada para a romaria: “Como você vê a ida de cavaleiros e demais interessados ao 'sertão' para buscar e levar o Santo? Há uma intenção religiosa por parte das pessoas ou é uma tradição vazia?”¹⁴⁸. A pergunta não dá espaço para uma resposta aberta, direciona o entrevistado a optar entre duas percepções sobre a romaria, se há religiosidade ou não. É interessante observar que, além de conduzir o entrevistado a uma das opções que lhes foram dadas, induz a uma determinada leitura, já que utiliza o recurso gráfico de sublinhar as respostas. A respeito dessa pergunta sublinha os seguintes trechos

Para quem vai em paz é muito bonito, mas infelizmente muitos acabam atrapalhando devido ao alto consumo de bebidas alcoólicas e drogas.
(Waldir Justino de Souza, comerciante)

Não podemos generalizar, da mesma forma que existem pessoas que vão ao sertão procurando apenas diversão, existem as que vão movidas pela fé
(Juracy Corrêa dos Santos, comerciante)

Creio que, para uma grande parte dos que participam, é realmente uma demonstração de fé. (Rose Marcicano professora)

Certamente há uma intenção religiosa, porém associada também à diversão, pois muitos não - católicos participam da ida. (Irani Ribotta microempresária)

Nosso povo, faz uma caminhada de fé e esperança, em louvor a São Sebastião, sem dúvida! Mas, no meio de toda essa gente devota, há aqueles que aproveitam para as bebedeiras e farras. (Pe. Paulo Ferreira Pimentel)¹⁴⁹

Assim, alicerçado na opinião pública, mobiliza temática e questões que lhes são caras. A festa é representada em seus aspectos positivos, sua importância para a cidade, e através das respostas grifadas sobre a Romaria de São Sebastião defende que a celebração preserva um caráter religioso, portanto, não se pode generalizar a atuação de todos os participantes. A sessão reafirma as propostas apresentadas no editorial e se opõem às mudanças na romaria.

¹⁴⁷ Foram entrevistadas seis pessoas: Waldir Justino de Souza, comerciante, evangélico. Juracy Corrêa dos Santos, comerciante, Seicho-No-Ie. Rose Marcicano, professora, espírita kardecista. Pr. Edvaldo Alves Monte, pastor evangélico. Pe. Paulo Ferreira Pimentel. Irani Ribotta, comerciante, católica.

¹⁴⁸ VOZ DE IBIÚNA, 28 de maio de 1999, p.11.

¹⁴⁹ Idem, Ibidem.

Ainda sobre a mesma sessão, verifica-se a resposta do Pe. Paulo Ferreira Pimentel em relação à pergunta “4. Você teria alguma observação ou sugestão para as edições vindouras da Festa?”.¹⁵⁰ Novamente, a edição direciona a leitura grifando a resposta do sacerdote “4- 1ª sugestão: Organizar os cavaleiros para que não ocorram acidentes, para isso já comecei a me reunir com os líderes dos cavaleiros. 2ª - Organizar a festa no sertão, pois para lá se dirigem famílias que devem ser respeitadas”.¹⁵¹ As propostas da igreja, em meio a essas discussões, figuram como normatizadoras buscando intervir na romaria.

No mesmo mês, a edição do A Vanguarda de Ibiúna publica matéria sobre a criação de uma comissão dos cavaleiros,

Além dos cavaleiros pertencentes à corporação organizada, outros, ao longo do trajeto, vão se juntando aos primeiros, fazendo com que a fila da cavalgada cresça (erro do jornal) à medida que a romaria vai se aproximando da cidade. Embora todos estejam imbuídos da mesma intenção de fé e religiosidade, o agrupamento daqueles que não tiveram a orientação da liderança da Cavalaria de Honra, nem sempre contribui para que o cortejo mantenha a sua unidade e a mesma disciplina. Por essa razão, neste ano, foi organizada a comissão dos cavaleiros, liderada por José Carlos Machado, que deverá comandar a organização dos romeiros a cavalo a partir do bairro do Capim Azedo, para que todos cheguem conforme pede o regulamento, para o encontro da romaria na Avenida São Sebastião, prosseguindo até a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores.¹⁵²

Diante da justificativa do aumento do número de cavaleiros que vão integrando a Romaria de São Sebastião ao longo do caminho, defende a criação da comissão com o intuito de organizá-los e discipliná-los. Por omitir os conflitos tenta homogeneizar as intenções e significados atribuídos aos participantes. E argumenta que “Embora todos estejam imbuídos da mesma intenção de fé e religiosidade [...]”, há necessidade de intervenção. O que chama atenção é o lugar de onde partem as ações da comissão, que, segundo a matéria, acontecerá a partir do bairro do Capim Azedo. O bairro localiza-se nas proximidades do centro da cidade, nos últimos três quilômetros da romaria. A partir desse ponto a romaria é estruturada em procissão, o santo é colocado em andor e outros elementos são inseridos, como a banda de música, a presença dos sacerdotes, os festeiros e a cavalaria de honra a São Sebastião, para seguir até a Paróquia Nossa Senhora das Dores, aguardada por espectadores e autoridades

¹⁵⁰ VOZ DE IBIÚNA, 28 de maio de 1999, p. 11.

¹⁵¹ Idem, Ibidem.

¹⁵² A VANGUARDA DE IBIÚNA, 29 de maio de 1999, p.3.

políticas. Provavelmente, a criação da comissão dos cavaleiros foi intermediada pela igreja, já que esta organiza a procissão, rito que publiciza sua presença na festa reforçando sua autoridade. A procissão se contrasta com a romaria, porque os cantos, as orações, as paradas nas capelas e nas casas na beira da estrada, o passar do santo de mãos em mãos são organizados pelos romeiros. Essa diferença na organização dos ritos está presente nas narrativas.

No diálogo com Luiz, este se refere a uma comissão da qual faz parte; ao longo do relato, é notável que essa “comissão”, como a denomina, se trata de um grupo de pessoas que organiza a romaria. Quando questionado sobre essa comissão, conta que se trata “Do caminhar. Tanto é que o pessoal da festa também não interfere nessa comissão nossa, que eles não participam ali, que é uma coisa nossa ali.”¹⁵³ Nesse trecho há uma separação entre festa e romaria, entre eles e nós, indicando os diferentes grupos que as organizam. Quando se refere a “eles” ou ao “pessoal da festa”, provavelmente, está mencionando o grupo composto por sacerdotes e festeiros que organizam a festa, mas não a romaria, já que “[...] eles não participam ali, que é uma coisa nossa ali.” Participando da 98ª Romaria de São Sebastião de 2017, constatei a presença desse grupo que se alterna para passar a imagem de São Sebastião de mãos em mãos – geralmente, o romeiro que deseja carregar o santo se aproxima de quem o está carregando e, prontamente, o santo é passado para o próximo devoto.

Na narração de Carlos, quando se refere às mudanças pelas quais a Romaria de São Sebastião foi passando argumenta sobre a criação desse grupo:

Olha... um pouco da tradição eu acho que mudou! Muitas interferências, certo, é ... as interferências que eu digo é assim são interferências dentro da política, vamos supor, que eu não gostaria de falar nesse assunto, mas vamo, vamo coloca que no meio da,da,da, romaria se sabe que tem pessoas que vem junto com a imagem protegendo a imagem passando a imagem para outras pessoas, mas o certo não é só uma pessoa fica, só ela, só ele, não! ele tem que deixar que outros façam e isso gero uma situação, já lá muito atrás quando tinha um que cuidava de repente ele sumia e ele além de fazer esse serviço de passa a imagem pra outra pessoa quando chegava na capela ele saia, eu, uma vez eu falei eu preciso segui esse homem, o que é que ele vai fazer? o que que ele fazia, ele pegava aquele bolsão onde tinha muito dinheiro, o que ele fazia, as notas graúdas ele punha no bolso dele e a

¹⁵³ Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

miudera que era moeda ficava. Então, isso me intrigou muito e isso daí foi mudado, foi mudado e aí foi uma das coisas, outras coisas é aquele problema, né, é... eu tô com o santo, mas eu vô leva só pras pessoas que me vão dá... é...vão me ajuda, se eu chega pedi alguma coisa, porque eu sô um político eu vô pedi alguma coisa, “Nossa, mas vamô por ele porque ele sempre traz a imagem pra gente aqui todo ano, ele é muito bom! quem sabe ele tá pensando...” Entendeu?, então confundem as coisas, certo, então existe e, e essa, esse problema de, de de proteção [...], mas tá chegando vamo supor perto, perto de uma capela, tá ali, outra é... se um pega pra fazê o que essa pessoa faz, fica junto e fica ca mão no ombro da pessoa que tá passando pra outro. Então, eu sô daquele que, você pode fazer o que eu faço, certo, você tem que da essa liberdade, você tem que da essa amplitude, porque a imagem é do povo, a imagem é da igreja, agora que tem que te pessoas por perto, caso haja alguma pessoa mais também com maldade, tem que te! isso tem que te mesmo. Então, isso que foi mudado, então este ano desde uns três anos pra cá ta tendo uma equipe por bairro e eles vem em cima, sabe, eles vem em cima e tiram a pessoa e deixam outras pessoa carrega. Então, isso que eu acho que, que é...louvável, entende, se não descaracteriza.¹⁵⁴

O início da narração de Carlos é indício da mudança na relação entre pesquisador e entrevistado. Segundo Portelli¹⁵⁵, durante as entrevistas sempre existe uma barreira que é ultrapassada quando o narrador decide o que pode ou não ser contado. De modo que, apesar do historiador transformar a oralidade em escrita, decidir quem entrevistar, construir sua interpretação sobre o diálogo, quem decide o que pode ou não ser contado é o narrador. Assim, Carlos decidiu o que poderia ser contado ou o que precisava ser dito sobre as interferências na romaria.

Essas interferências, denominadas como interferências políticas, estão relacionadas à passagem do santo para os devotos. Posto que assume a posição de organizador da romaria, se opõe que apenas uma pessoa seja responsável pela passagem do santo, apontando suas consequências negativas – como o roubo dos donativos que os romeiros fazem ao longo do caminho – e sua utilização para promoções pessoais e políticas. Entende que deve haver alguém para passar o santo para os devotos, mas essa ação tem como último significado a proteção da imagem, e não outros interesses. O relato indica o caráter dinâmico da romaria, a

¹⁵⁴ Antônio Carlos Vieira Ruivo, entrevista concedida à autora em 09 de junho de 2016. Na residência da mãe do entrevistado em Ibiúna.

¹⁵⁵ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p.19 - 35.

criação de um grupo para passar o santo aos devotos é uma tentativa de evitar essas interferências, as quais podem descaracterizá-la.

Na sequência, continua falando sobre as interferências na romaria.

O correr, o correr ninguém tira gente, isso aí é coisa que vem do meu tempo de moleque eles andam depressa, o povo do sítio anda depressa, se pode vê eles andam depressa, eles tão acostumado a anda depressa, não adianta, mas só que hoje existe pessoas mais de idade, tem criança, então tem que manera um pouco. E é aquela briga “Tem que chega cedo! tem que chega cedo!”, que nem neste ano (2016) chego cedo, quatro horas a imagem estava na capela, quatro e quinze, quatro e meia ele já estava no andor. E eu já levantando o santo pra sair pra vir embora pra Ibiúna, não, não podia vir porque não era hora de sai eu falei: “Eu não entendo mais nada parece que o povo não sabe o que que”, por quê? Porque aqui as autoridades não tinham chegado ainda no palanque. Então, são coisas assim que você tem que leva a base de milanesa, isso é uma coisa que sempre acontece.¹⁵⁶

Nesse trecho as interferências estão relacionadas ao tempo de duração da Romaria de São Sebastião. Reconhece, ao utilizar como referência temporal a expressão “vem do meu tempo de moleque”, que desde a sua infância a romaria mantém um ritmo rápido, também ditado pelo que identifica como “pessoal do sítio”, se referindo às pessoas da área rural. Ao mudar sua referência temporal para o presente e se projetar como organizador da romaria, ele entende que deve haver alterações no ritmo devido à participação de idosos e crianças, mas também entende que essa decisão não é determinada apenas pelas necessidades dos romeiros. Carlos considera que são as interferências políticas que determinam o ritmo da romaria, pois o momento em que o santo chega ao centro da cidade é um evento que envolve a visibilidade dessas autoridades. É interessante observar que, para Carlos, essas interferências são aceitáveis, mas o mesmo não acontece quando entende que estas podem alterar seus significados e sentidos.

A mudança de ritmo da romaria também é lembrada por Wilma:

[...] tinha que sair daqui (centro) quatro dias antes de vir o santo, quatro dia antes. Saia por exemplo o santo vinha, sempre veio assim, tipo no sábado, sempre veio e chegava mesmo e depois começo chega mais rápido assim, né, mais rápido, mas não correndo que nem é, que nem é agora não, vinha no passo, andando, todas as pessoas caminhando, né, com muito, com muita fé,

¹⁵⁶ RUIVO, A. C. V. Op. cit.

cantando muita devoção, parando em todas as capelinha que tinha na beira da estrada que antes fazia muita capela na beira da estrada, muitas... [...].¹⁵⁷

O tempo despendido entre a saída, o deslocamento e a chegada do santo é o aspecto que diferencia a romaria memorada da atual. O ritmo era mais lento, pois não havia um tempo predeterminado a ser cumprido e este era ditado pelos romeiros.

Entretanto, se a Romaria de São Sebastião figura como temática central das experiências dos narradores, não se pode esquecer que esta é parte de um todo, a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Portanto, se as evidências dão vestígios do processo de mudanças pelas quais a romaria foi passando, isso significa que a festa também foi sendo modificada, ou seja, não se pode alterar as partes sem interferir no todo. Vovelle explica que “[...] assim como não há uma história imóvel, também não há uma festa imóvel.”¹⁵⁸ As percepções dessa mobilidade da festa de São Sebastião e do Divino Espírito estão presentes nas entrevistas.

Como relata Benedito sobre sua participação nos festejos

Como a gente é de uma família religiosa, família católica, a gente acompanhava nossos pai, nossa mãe, também assim... no... né?, também nas festas, desde a década de sessenta e setenta, também, a gente via aquela é ... sempre foi bonitinho de ver, só que antes eu achava uma coisa mais... de fé, mesmo, pra valer – hoje em dia é muito exibicionismo de uma grande maioria, embora, na minha modesta opinião, a maioria que tão ali, né?, tão por religião mesmo, né?¹⁵⁹

A sua participação na festa está baseada em experiências familiares. Usa como referência temporal as décadas de 1960 e 1970 para qualificar as experiências religiosas do passado como manifestos de fé e as atuais como “exibicionismo”, mas ao final expressa uma ideia contrastante, pois considera a maioria que participa também imbuída de uma intenção religiosa. Essa contradição na narração de Benedito pode ser pensada por meio da reflexão de Portelli

[...] quem trabalha com as fontes orais tem a vivência para saber que as narrações possuem alto grau de mutabilidade e instabilidade. Isso deriva

¹⁵⁷ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista concedida à autora em 04 de julho de 2016. Ridência da entrevistada em Ibiúna.

¹⁵⁸ VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 2 ed., 1999, p.251.

¹⁵⁹ Benedito Aparecido Almeida Lima, entrevista concedida à autora em 04 de junho de 2016. Na sede da banda Lyra Unense em Ibiúna.

sobretudo do fato de que a memória não é um ato imediato e binário de retirada de informações já formadas, mas um processo múltiplo de produção gradual de significados, influenciado pelo desenvolvimento do sujeito, pelo interlocutor, pelas condições do ambiente.¹⁶⁰

Portanto, no trabalho com a história oral não se pode esquecer que as fontes são pessoas, a construção narrativa é um movimento com constantes idas e vindas à memória com a possibilidade de reconsiderar suas interpretações. Partindo dessa reflexão, a mudança de Benedito sobre suas considerações a respeito dos festejos indica uma retificação de sua afirmação anterior “hoje em dia é muito exibicionismo de uma grande maioria”, porém, há também fé e religiosidade.

No diálogo com Aníbal, este aponta suas percepções sobre a procissão,

Mas é... Outra coisa bem organizada! Chegava ali no Capim Azedo, Tônico da Bomba pegava as moçaiada lá tudo com o cavalo enfeitado, e tudo de coisa, e desciam na frente! Ali, ali vinha o santo! De lá vinha o santo enfeitava o santo no Capim Azedo te lá vinha na mão! Depois de lá, nós, se vê como nós era obediente aquele tempo, nós tudo com os cavaleiros, primeiro descia o santo... Tônico com os cavaleiros na frente, descia o santo, o povão, e nós vinha tudo infileirado atrás, tudo com os cavaleiros, depois o santo!!!! Agora esse ano aí (2016), ficam dançando na rua, vão e voltam, vão e voltam, leva duas, três hora pra desce, pra desce os cavaleiros! Charrete e mais não sei o que! Ah! quando começa a missa era dez hora da noite! Tá tudo errado! Diz que não tem mais jeito viu? E o pessoal de fora, dessas cidade de fora, vem com uns cavaleiros de oitenta, cem mil, só pra aparecer. Maior parte é aparecer... Xiii... Você num viu nada como é que é a coisa! Nossa mãe do céu! .¹⁶¹

Projetando sua imagem como cavaleiro, rememora sua participação na procissão. Se referindo ao passado como “aquele tempo” no qual a procissão era mais bem organizada devido a sequência que esta seguia: primeiro a Cavalaria de Honra de São Sebastião, criada por Antônio José Soares, conhecido como Tônico da Bomba, depois a imagem de São Sebastião, logo depois as pessoas que acompanhavam a procissão e por último os cavaleiros. Os cavaleiros posicionados após o santo é entendido como sinal de respeito.

Aníbal verifica que houve alterações na sequência da procissão que contribuíram para que esta se tornasse um evento de interesses e promoções pessoais.

¹⁶⁰ PORTELLI, Op. cit. p.72.

¹⁶¹ Aníbal Albertin, entrevista concedida à autora em 20 de maio de 2016. Residência do entrevistado em Ibiúna.

Wilma se lembra do tempo em que a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo não era sequer a maior festa religiosa da cidade,

[...] é a maior, é a festa maior do que a festa da padroeira, né, antes essa festa não era festa grande, a festa maior que tinha aqui na nossa cidade era a festa de São Benedito. São Benedito era a festa maior de todos ele, né, e Nossa Senhora que é a padroeira, ela era uma festa junto com o espírito santo, né, então também era bem participada, só que agora parece que a festa de Nossa Senhora às vezes ela fica meio apagada e ela é a padroeira, né, mas São Sebastião sempre foi festejado, muito festejado, simples, antes era simples, simples, simples sem ostentação, sem, não tinha nada de ostentação. Trazia naquele andor, sabe que eu fazia com a minha mãe? A gente fazia tudo nós, aquelas flores de... Papel crepom, né, antes a gente não achava muito colorido, sabia que eu pintava com tinta, tinta memo de tingi roupa, porque nem tinha muito guache, nada dessas tinta agora, não tinha, minha mãe fazia a gente fazer, as flores tudo assim, tudo branquinha e depois ela mesmo tingia pra enfeitar o andor, né.¹⁶²

Considerando que a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo é a “maior” festa religiosa da cidade, argumenta que essa não foi sempre assim. Em suas memórias a festa era menor, se comparada a outras festas religiosas, dessa forma, se posiciona como participante dos festejos e identifica as mudanças pelas quais a festa foi passando. Utilizando como referência temporal a palavra “antes” para se referir ao passado, a festa é caracterizada pela repetição do termo “simples” em uma oposição implícita à festa atual, caracterizada através do termo “ostentação”. Entretanto, a simplicidade na celebração não significa que São Sebastião era menos festejado. A simplicidade é lembrada através da confecção do andor que fazia com sua mãe, com materiais baratos, feitos à mão, e com o que dispunham para poder decorar o andor do santo.

Nas percepções dos narradores é recorrente o uso do termo ostentação, exibição ou de outros sinônimos para se referir à festa atual em oposição à festa que é rememorada. Fica evidente que essas percepções estão relacionadas à concretização do projeto político que transformou a cidade em estância turística do Estado de São Paulo no início do ano 2000, fato que tomou a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, e mais especificamente a Romaria de São Sebastião, como cerne do desenvolvimento do turismo na cidade. Contudo, já em meados de 1999, a concretização do projeto político não parecia uma possibilidade tão

¹⁶² CAMARGO, W. A. P. Op. cit.

próxima para os grupos envolvidos.

O editorial de junho de 1999 do *A Vanguarda de Ibiúna* alerta para a possibilidade de insucesso do projeto político em dotar a cidade do título de estância turística

De acordo com os dados recentes da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), o turismo doméstico ainda engatinha, mais por causa da morosidade burocrática do que pela própria falta de estrutura. Aliando, no entanto, as duas questões, aí é que a coisa emperra.

Analisando a questão sem paixão, pela ótica fria da comparação, vemos que esforço não faltou para que conquistássemos o direito do honorífico título. O prefeito Jonas de Campos desde o início deste seu segundo mandato se empenhou para tal. Outorgou ao secretário municipal de Turismo, Horácio Merino, a incumbência de fazer andar o processo pelos canais competentes. Da determinação ao momento atual, são passados dois anos e meio. E apesar de todas as providências, poucos são os registros de resultados práticos que nos garantam aquela condição especial no contexto do turismo nacional. Essa questão começa a impacientar os interessados no desenvolvimento das atividades turísticas no município, até porque a administração Jonas de Campos está por mais de ano e meio, coincidindo que o ano que vem é ano político, quando pode emperrar a máquina deliberadora da Embratur. Então, se Jonas não se candidatar à reeleição, todo o trabalho pode dar em nada se o seu antecessor (erro do jornal) não comungar o mesmo interesse.¹⁶³

Seu discurso está alicerçado nas considerações da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) e indica que a burocracia e a falta de estrutura dificultam o desenvolvimento do turismo. Assumindo uma pretensa imparcialidade, estabelece comparação com o desenvolvimento do turismo na cidade que, apesar do empenho da administração, não apresentou avanços significativos. Além disso, menciona que a proximidade das eleições municipais, previstas para outubro de 2000, possa pôr em risco o projeto, já que o turismo pode não ser prioridade do próximo governo. Apesar desse diagnóstico, o editorial propõe que é possível superar esses obstáculos

Considerando a expectativa de que nos finais de semana a população do município recebe cerca de 20 mil almas atraídas pelo apalável (erro do jornal) de suas chácaras de recreio, temos que nossa maior festa poderia, com o auxílio de um bem elaborado plano turístico, atrair cinco vezes mais, como ocorre com outras festas religiosas a exemplo de Pirapora e Iguape em

¹⁶³ *A VANGUARDA DE IBIÚNA*, 12 de jun. de 1999, p.2.

louvor ao Senhor Bom Jesus, e de Cananéia, com a festa de São Roque e de Nossa Senhora dos Navegantes.¹⁶⁴

Pressiona as autoridades diante da possibilidade pouco explorada em transformar a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo em atração turística. Para legitimar sua proposta, cita exemplos de outras cidades que tiveram êxito no turismo por meio de suas festas religiosas. Continua argumentando que essas cidades, assim como a cidade de Ibiúna, não possuem grandes recursos em infraestrutura para receber os visitantes, mas que isso não impede que estas desenvolvam o turismo. A partir desse argumento, a romaria figura como centro das propostas do editorial, já que

Aliando o espírito de sacrifício e de penitência mesmo, oriundo da fé, os romeiros não fazem grandes exigências e sentem-se recompensados quando encontram vontade política ao menos a seu favor, consubstanciada numa fonte pública de água potável, em banheiros públicos, em tolerância nos locais de estacionamento, áreas de camping seguras para os que queiram armar barracas, adesão popular cedendo acomodações e alimentação acessível a todos os bolsos.¹⁶⁵

Assim, a romaria enquanto atração turística uniria o útil ao agradável, visto que não há necessidade de grandes investimentos em infraestrutura, apenas serviços básicos para receber os romeiros. E completa:

Pode ser até que com isso venhamos atropelar a burocracia oficial e a concessão da carta de estância turística saia mais facilmente quando a eleição do povo tornar incontroversa a nossa condição de polo turístico [...]. Com pouco investimento e muita criatividade é possível tornar a cidade – ou todo o município- num grande polo turístico em menos tempo quem sabe do que estamos demorando para que a Assembléia Legislativa nos permita a diplomação.¹⁶⁶

Diante da indefinição do projeto, o editorial pressiona as autoridades e articula propostas para viabilizá-lo. Indica a romaria como ideal para superar os obstáculos postos pela burocracia e pela falta de infraestrutura da cidade, ainda, estabelece o que deve ser explorado pelo turismo, que tipo de turista atrair e as demandas para recebê-los. Se, no editorial do mês de junho, a conquista do título político ainda era tida como incerta, num curto espaço de tempo esta é substituída pela certeza de sua concretização. O jornal passa a destacar

¹⁶⁴ A *VANGUARDA DE IBIÚNA*, 12 de jun. de 1999, p.2.

¹⁶⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁶⁶ Idem, *Ibidem*.

a possibilidade iminente de aprovação do projeto, como na matéria “Estância turística: projeto pode ser aprovado nos próximos dias” a qual afirma que

O deputado Edson Aparecido informou que o projeto que propõe o reconhecimento de estância turística ao município já foi lido em plenário da Assembléia Legislativa e que em breve deve entrar para a pasta de votação, com grandes chances de ser aprovado nessa oportunidade. Informou ainda aquele parlamentar, que para a aprovação do projeto está ele trabalhando junto à bancada de sustentação do governo na Assembléia, contando inclusive com o aval do governador Mário Covas para a aprovação da propositura.¹⁶⁷

O discurso busca convencer o leitor de que a aprovação do projeto político está prestes a acontecer legitimado pelas considerações do então deputado estadual pelo PSDB, Edson Aparecido, intermediário de tal interesse na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. O deputado em questão possuía propriedade no município, assim como outros políticos atuantes do PSDB¹⁶⁸, incluindo o presidente Fernando Henrique Cardoso. Durante o período analisado foi possível perceber uma busca das autoridades locais por estreitar os laços com esses políticos na tentativa de atender suas solicitações, fato que fica evidente por meio das ações do deputado Edson Aparecido. Verificam-se as diversas articulações do jogo político para a aprovação do projeto envolvendo intermediários e influências. Ainda baseada nas considerações do deputado, a matéria continua afirmando que se o projeto for aprovado nos próximos dias

[...] pode ser considerado um recorde ibiunense, pois embora ignorem muitas pessoas desavisadas, a maioria dos municípios, inclusive São Roque, que já conseguiram esse reconhecimento, só o tiveram depois de um longo trabalho de diversas administrações municipais – ou pelo menos mais de uma – interessadas no benefício. Levando em conta que esforços nesse sentido só tiveram início nesta administração, a informação do parlamentar que representa os interesses do município perante o Legislativo paulista, esta seria mais uma conquista da presente administração.¹⁶⁹

O jornal destaca a atuação da administração municipal a respeito da rapidez do processo se comparado a outros municípios. De acordo com as informações obtidas pelas

¹⁶⁷ *A VANGUARDA DE IBIÚNA*, 15 de out. de 1999, p.3.

¹⁶⁸ José Serra, então ministro da Saúde, José Gregori, secretário nacional de Direitos Humanos, José Aníbal, secretário de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo.

¹⁶⁹ *Idem*, *Ibidem*.

notícias, é interessante observar a rápida guinada nos rumos do projeto – se no editorial de junho há uma indefinição, quatro meses depois o jornal está convicto da aprovação do título. É possível constatar que a mudança de partido político do prefeito Jonas de Campos do PSD para o PSDB¹⁷⁰ está estritamente relacionada à mudança de rumo do projeto.

Sobre a mudança partidária do prefeito, o A Vanguarda de Ibiúna argumenta em seu editorial:

Do empenho ao sucesso. Sancionar a lei que nos concede o status de estância turística é compromisso assumido do governador Mario Covas com a população ibiunense, para com o prefeito Jonas de Campos, que por este e outros benefícios recebidos do Estado em seu governo, decidiu filiar-se no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), aceitando ser um dos delegados tucanos no município. Logo, podemos sentir como estancieiros turísticos do Estado, com prerrogativas de recebermos todos os benefícios concernentes a esse oficial reconhecimento.¹⁷¹

O jornal defende a mudança partidária do prefeito, não porque este compactuasse com as propostas do novo partido ou porque visasse ao bem público, mas sim como meio de barganha e vantagens que essa mudança poderia proporcionar. Desse modo, tem como certa a aprovação do título político de estância turística para a cidade.

Entretanto, em janeiro de 2000, o governador Mário Covas veta o projeto político.

A decisão do governador Mário Covas de vetar o projeto que criava a Estância Turística de Ibiúna pegou de surpresa as autoridades locais [...]. O secretário, em vista da amizade do governador para com o município e em especial com o chefe do Executivo, acreditava que ele sancionaria a lei até o final do ano passado.¹⁷²

A matéria é publicada em letras garrafais e traz a imagem do seu principal fomentador, o governador Mário Covas. O jornal assume o discurso das autoridades locais, interpretando a atitude do governador como algo inesperado diante das alianças políticas que este mantinha com essas autoridades locais. A utilização do substantivo “amizade” para nomear as relações políticas atenua práticas baseadas em barganhas e influências. Compondo essa construção de alianças políticas, faz-se pertinente mencionar o apoio dado à reeleição de Mário Covas

¹⁷⁰ A notícia sobre a mudança partidária do prefeito Jonas de Campos do PSD para o PSDB foi publicada no A Vanguarda de Ibiúna no dia 08 de outubro de 1999, página 3.

¹⁷¹ A VANGUARDA DE IBIÚNA, 17 de dez. 1999, p.2.

¹⁷² Idem, 07 de jan. de 2000, p.3.

(1998). Na matéria, “Jonas lidera caravana local para levar apoio a Covas”¹⁷³ pode-se constatar o apoio explícito não só do prefeito, mas de diversas autoridades locais. Assim, é possível entender a surpresa das autoridades diante do veto do governador, já que a aprovação era esperada sem interferências devido às alianças políticas construídas.

O veto modifica os caminhos para a aprovação do projeto, o qual retorna para a apreciação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, sendo necessário obter um terço dos votos dos parlamentares para sua sanção. Na edição de 14 de abril do ano 2000, a manchete “Estância Turística: Assembléia derruba veto” é publicada em letras garrafais destacando a rejeição da Assembleia Legislativa ao veto do governador. A matéria segue na última página argumentando que

Às vésperas do final do ano passado, o governador Mário Covas jogou um balde de água fria no entusiasmo da população que comemorava a aprovação do projeto de lei que transformou o município em estância turística do Estado. Alegando que a proposição se revelava inconveniente ao interesse público [...] considerando que a medida implicava em aporte adicional de recursos ao Fundo Municipal de Estâncias (FUMEST) [...] Chateados e aborrecidos, vários segmentos da comunidade se manifestaram contra o veto do governador. O prefeito Jonas de Campos e sua assessoria direta [...] com o apoio de vereadores e de vários deputados, iniciaram uma intensa mobilização para derrubar o veto. O secretário de Turismo, pessoalmente segundo comentou, fez contato direto com 79 deputados, procurando convencê-los a apoiar a derrubada do veto, uma vez que para isso seria necessário 2/3 dos votos de toda a Assembleia Legislativa.

Na última quinta-feira, porém, o deputado Edson Aparecido, relator especial do projeto e advogado dos interesses no município no Legislativo estadual, telefonou para o prefeito Jonas de Campos informando sobre a derrubada do veto.¹⁷⁴

Ao generalizar o apoio ao projeto político, a notícia defende que o veto do governador se opôs aos anseios da população. As razões pelas quais o governador vetou o projeto não são levadas em consideração, mas sim suas consequências. As articulações para obtenção de votos favoráveis e a tendenciosa designação do deputado estadual Edson Aparecido como relator do projeto são representadas de maneira positiva. Portanto, a promulgação da Estância Turística de Ibiúna envolve uma complexa trama de intensas articulações políticas.

¹⁷³ A *VANGUARDA DE IBIÚNA*, 02 de setembro de 1998, p.3.

¹⁷⁴ *Idem*, 14 de abril de 2000, p.6.

CAPÍTULO 3. MEMÓRIAS: RELAÇÕES ENTRE IGREJA E A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO E DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

As atuações da igreja concorrem para compor o cenário de disputas, interesses, significados e relações de poder dos diferentes segmentos da sociedade em torno da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo e mais especificamente da Romaria de São Sebastião. Nas memórias construídas pelos narradores, investigam-se indícios das relações estabelecidas com a igreja. O padre Daniel Vítor Cardoso Rodrigues, que a partir de 2015 passou a organizar a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, foi também um dos narradores selecionados para esta pesquisa.

O contato inicial com o padre aconteceu na Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque, localizada na zona rural da cidade no bairro da Ressaca, onde atua desde 2014 – a entrevista se deu no mesmo dia desse primeiro contato.

Devido à sua recente atuação como sacerdote na cidade, indaguei sobre sua trajetória até assumir a atual paróquia. Portanto, inicia sua narração se posicionando como membro da instituição religiosa, o marco temporal da sua memória é a ordenação como padre. A partir daí, retrocede no tempo e reconstrói sua carreira religiosa até assumir a Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque e ser incumbido pelo bispo da diocese de Osasco, Dom Frei João Bosco, para conduzir a organização da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Assim relatou o pároco,

No segundo ano (2015), eu já fui nomeado por Dom João Bosco a estar junto com o padre Machado¹⁷⁵, a coordenar a festa, pra poder estar mais perto, pra poder observar e criar uma nova comissão, né, com as cinco paróquias¹⁷⁶, reorganizando um pouquinho mais, pois o pedido do bispo é que a festa voltasse a valorizar as tradições antigas, valorizar um pouco a participação das comunidades, dos sítios, mais distantes e rurais, não só deixar centralizado na matriz Nossa Senhora das Dores, mas abrir, expandir um pouco mais a festa. E, nesse ano (2016), né, estando diretamente à frente da festa, com essa nova comissão, nós pudemos dar alguns passos, né, organizando vários encontros, empreendimentos, festividades, pra que então

¹⁷⁵ Padre Antônio Machado Ferreira atuou como pároco da Paróquia Nossa Senhora das Dores, localizada na área central da cidade entre 2003 a 2015.

¹⁷⁶ A cidade de Ibiúna possui cinco paróquias: Paróquia Nossa Senhora das Dores (bairro Centro), Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque (bairro da Ressaca), Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe (bairro Residencial Europa), Paróquia Santa Cruz (bairro do Piaí) e área pastoral São Judas Tadeu (bairro Rogério).

a festa possa até o centenário, estar cada dia mais... assim... religiosa, e mais conhecida também.¹⁷⁷

Adotando como referência temporal o ano em que assumiu a paróquia em 2014, argumenta que a decisão em designá-lo como coordenador da festa coube ao bispo, o acatamento desta decisão expressa sua complacência em relação à hierarquia religiosa. No início de suas atividades, figura como auxiliar do pároco que o precedeu na organização da festa, conhecido como padre Machado.

Essas experiências são entendidas como uma preparação para assumir sua função no ano seguinte e para a formação de um novo grupo para administrar os festejos, priorizando em sua composição os padres de todas as paróquias da cidade. Assim, pode-se constatar o predomínio dos representantes da igreja na organização da festa e um planejamento das esferas superiores desta para conceber uma nova administração.

Suas ações enquanto coordenador seguem as determinações do bispo, dentre elas, ressalta a valorização das tradições antigas e a participação de outras paróquias, o que traz uma maior participação da população da área rural. Termina a sequência narrativa se colocando como protagonista na organização da festa de 2016, demonstrando sua aptidão na busca por torná-la mais religiosa e conhecida.

A nomeação do padre Daniel como novo coordenador da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo revela que esta ação integra uma proposta da igreja para os festejos, e tem no pároco um agente dessa tentativa de intervenção.

O discurso do sacerdote é expressivo para iniciar a análise das atuações da igreja em torno da festa, e mais especificamente da Romaria de São Sebastião, não como únicas nesse cenário, mas nas relações construídas com outros sujeitos sociais. Assim, por meio das experiências dos narradores constatamos fragmentos das relações estabelecidas com a igreja, propondo um dos inúmeros caminhos possíveis para a sua compreensão histórica.

Para tanto, retorna-se à entrevista com o padre Daniel que, ao longo do diálogo, fornece outros indícios acerca das articulações da igreja. Em outro momento, o padre é questionado sobre o que seria essa reorganização dos festejos, termo utilizado por ele para definir as propostas da igreja, e conta que tem o intuito de

[...] inserir mais as comunidades rurais, deixar uma festa mais participativa, tendo também um lucro beneficente repartido por igual, pra todas as paróquias, as capelas, pra fortalecer as capelas rurais também, não só

¹⁷⁷ Padre Daniel Vitor Cardoso Rodrigues, entrevista concedida à autora em 30 de junho de 2016. Na Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque em Ibiúna.

centralizar a festa. Como a festa tem início já no bairro lá do Pocinho e vai passando pelas capelas, as capelas também são fortalecidas com a renda, com o lucro do evento.¹⁷⁸

De acordo com sua fala, é possível assinalar o seu interesse em aumentar a participação de pessoas da área rural, contribuindo para reforçar a presença da igreja e, ainda, aumentar os recursos provenientes da festa. Depreende-se que há uma percepção do festejo como um evento rentável, portanto, há uma preocupação em administrá-lo economicamente não apenas por parte da igreja local, mas também por suas esferas superiores, no caso a diocese de Osasco. Logo, existe uma nova proposta econômica para a festa que tem a igreja como centro gerenciador dos recursos. O pároco continua sua narrativa indicando outras propostas como

[...] deixar o ambiente mais fraterno, evitando qualquer incidente, evitando bebida alcoólica, evitando coisas que muitas vezes acaba que as pessoas interpretando erradas e fugindo, né, à festa com seu sentido religioso, criando somente uma festa cultural, uma festa somente com uma tradição, mas não uma tradição religiosa, uma tradição, por já ter quase cem anos, era uma festa que estava se tornando uma festa mais social, pública, né, de promoção muitas vezes de interesses é... pode-se dizer assim: só com finalidade lucrativa, né.¹⁷⁹

Além de uma proposta econômica, é notório o esforço em normatizar os comportamentos e os usos do espaço festivo. Na visão do pároco o consumo de bebida alcoólica é visto como uma prática que ameaça a ordem e que se opõe ao sentido religioso da festa; aponta que o modo apropriado de praticar a religiosidade advém das orientações da igreja. Essa percepção traz à tona as visões díspares de como a festa é entendida e vivida de maneira específica pelos diferentes grupos sociais.

Em seguida, indica a longevidade da festa e diagnostica que no período precedente à sua coordenação o sentido religioso havia se perdido e a festa relegada apenas ao sentido econômico, mas que após suas ações

[...] a festa agora ela tem como intuito a celebração da fé do povo ibiunense – o lucro acaba sendo consequência de uma proposta primeira, que é aproximar o povo das capelas rurais e a sua participação e envolvimento, e ao mesmo tempo a consequência do lucro ser repartido por igual a todas as

¹⁷⁸ RODRIGUES, P. D. V. C. Op. cit.

¹⁷⁹ Idem, Ibidem.

paróquias, por todas as regiões, que assim participam, pra reformas, como já estamos fazendo a reforma lá do Sertão, né, lá da Capela de São Sebastião, pra que a festa também tenha uma estrutura e um ambiente cada dia mais agradável, sem qualquer pensamento que possa deturpar o sentido primeiro, que é trazer e celebrar com piedade um grande santo, que é São Sebastião.

180

Constrói uma comparação temporal entre antes e depois de sua atuação como coordenador da festa. Essa comparação legitima a importância e a efetividade de sua atuação, já que a partir desta a festa adquire um sentido religioso da qual estava alijada.

As propostas são hierarquizadas primando pela religiosidade e secundarizando seu caráter lucrativo. De modo que, na fala do padre, a “proposta primeira” consiste em aumentar a participação da população rural na festa como meio de evangelização, só assim a proposta econômica é justificável.

As reformas realizadas na Capela de São Sebastião demonstram o êxito dessas propostas, além disso, sugerem uma forma de reforçar a presença da instituição religiosa no âmbito da romaria e que esta também é alvo das intervenções da igreja.

Termina por atribuir à romaria apenas uma função religiosa, entretanto, é possível entrever a existência de práticas divergentes, já que há esforços dirigidos para evitar “[...] qualquer pensamento que possa deturpar o sentido primeiro, que é trazer e celebrar com piedade um grande santo, que é São Sebastião.” Assim, a visão da igreja confere à romaria unicamente o sentido religioso, por outro lado, são perceptíveis diferentes visões que constroem outros sentidos.

No primeiro ano de atuação da coordenação, a rede social Facebook foi utilizada para publicizar esse novo discurso sobre a festa, a mensagem veiculada pela Comissão Interparoquial da 96ª Festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo de 2015 confirmou as propostas defendidas pelo pároco e informou sobre as atuais decisões

28 de maio de 2015 OLÁ AMADO POVO DE DEUS DEVOTOS DE SÃO SEBASTIÃO.

QUERO AQUI DESTACAR ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE A FESTA.

TIRANDO QUALQUER DÚVIDA QUE POSSAM DEIXAR OS DEVOTOS UM

¹⁸⁰ RODRIGUES, P. D. V. C. Op. cit.

POUCO CONFUSOS!!!

Após serem levantados alguns questionamentos sobre anos anteriores da realização da festa de São Sebastião, foram tomadas certas deliberações pelo Senhor bispo Dom Frei João Bosco. e aceita em comum acordo pelos padres presentes na reunião do dia 13/11/2014.

A festa de São Sebastião deverá ter o foco religioso, piedoso e tradicional, sendo seus 96 anos de criação. a equipe de organização deverá procurar realizar a festa sem ter influências profanas, recuperando a tradição da festa, suscitando um ambiente familiar e promovendo o respeito à fé dos fiéis e devotos, portanto, não sendo conveniente venda de bebidas alcoólicas em evento público no sertão e praça da matriz. também a guarda municipal e o policiamento Militar já está orientado sobre a proibição da venda de bebida alcoólica e sobre uso de som alto aos arredores do Santuário de São Sebastião no Sertão [...] Padre Daniel Vitor e Comissão Interparoquial da 96ª Festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo.¹⁸¹

Antes de analisar a mensagem da comissão, salienta-se a materialidade do documento. A igreja adere aos novos recursos de comunicação e passa a usar o ambiente digital para promover suas ações e divulgar suas propostas, atualizando os meios utilizados para a divulgação da festa, bem como a forma de comunicação com os fiéis. Além dos habituais panfletos e outdoors espalhados pela região, no ano de 2015, são criados dois veículos de comunicação: uma página na internet e outra na rede social Facebook. Por meio desse espaço, é possível acompanhar o trabalho da coordenação, a romaria, as missas que são transmitidas em tempo real, visualizar fotos, vídeos, programação, mensagens dos representantes da igreja e interagir com a comissão da festa. Assim, a promoção da festa atinge um amplo e diversificado público, adquirindo proporções de um grande evento religioso.

Em relação à mensagem veiculada pela Comissão Interparoquial da 96ª Festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo de 2015, esta é destinada aos devotos de São Sebastião e tem o intuito de informar e elucidar sobre uma decisão tomada em conjunto pelos representantes da igreja, legitimada pela figura do bispo. A mensagem tem uma conotação

¹⁸¹ Disponível em: <www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna>. Acesso em 04 de setembro de 2017.
A mensagem foi transcrita fielmente como publicada na rede social.

impositiva, não comporta espaço para o diálogo ou contestação, visto que divulga e destaca o papel da igreja como centro de decisões referentes à festa.

Na visão da igreja, a festa deve cumprir apenas a função religiosa. A instituição repudia os comportamentos denominados “profanos” e se associa à ideia de defesa e recuperação das tradições. Acentua-se que essa recuperação das tradições, longe de significar uma preservação intacta do passado, lida com uma tradição seletiva.¹⁸² Segundo os argumentos de Raymond Williams, “De toda uma possível área de passado e presente, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para a ênfase e certos outros significados são postos de lado, ou negligenciados”¹⁸³. Desse modo, a igreja seleciona significados e práticas que condizem com seus interesses, nesse caso, normatizar os comportamentos considerados inadequados na festa.

Os comportamentos apontados como inadequados estão presentes nas músicas e no consumo de bebida alcoólica. Portanto, os espaços onde esses comportamentos se manifestam – a praça da matriz e as adjacências da Capela de São Sebastião – são os alvos de normatização.

A mensagem revela a busca da instituição por disciplinar comportamentos e usos do espaço, a citação da presença da força policial demonstra os esforços despendidos para fazer valer o novo discurso.

No diálogo com Aníbal, o consumo de bebida alcoólica na festa adquire percepções diferentes das postuladas pela igreja. Rememora de forma bem-humorada sua participação na romaria,

Quando eu era pequeno eu morava no Rio de Una (bairro da zona rural) lá. De manhã saía com cavalo do meu pai, uma turma de lá, tudo vizinhança lá, [...]. Nós cortava ali po, pos Paes (bairro da zona rural), saía lá no Piaí (bairro da zona rural), de a cavalo! Uma turminha! Bebia que nem não sei o que pra estrada... (risos).¹⁸⁴

Nesse trecho, tem como lugares de memória o bairro rural onde morava, bairro Rio de Una e, também, os bairros que entrecortavam refazendo os caminhos da romaria, o bairro dos Paes e Piaí. Recorda a ida à romaria como um momento de diversão e confraternização com seus vizinhos e que havia consumo de bebida alcoólica. Esse comportamento durante a

¹⁸² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

¹⁸³ Idem, *Ibidem*. p.119.

¹⁸⁴ Aníbal Albertin, entrevista concedida à autora em 20 de maio de 2016. Residência do entrevistado em Ibiúna.

romaria não é ocultado e os risos após a construção da narrativa demonstram que esse ato não desqualifica sua posição como romeiro ou sua religiosidade.

Em outro trecho, se refere às mudanças na procissão das velas ou procissão luminosa que acontece à noite nos arredores da Capela de São Sebastião; no período vespertino os romeiros chegam ao bairro do Pocinho, onde pernoitarão; à noite, é celebrada uma missa na Capela de São Sebastião e acontece a procissão das velas; na manhã seguinte, inicia-se a romaria até o centro da cidade. Sobre a causa da mudança relata com irritação:

Milhares de gente aqui embaixo, mas muita, corto a procissão aqui embaixo, tá loco descia a procissão das vela, é só gente bêbado, duas, três, quatro, cinco mil pessoa bêbada, mulher e homem com tudo os copo na mão, tudo bêbado viu! Corto fica só lá em cima agora. ¹⁸⁵

Destaca a grande quantidade de pessoas embriagadas nas proximidades da Capela de São Sebastião, caracterizada espacialmente em duas partes: a parte de cima onde se localiza a capela e a parte de baixo onde se concentra maior número de pessoas e abarca o trajeto percorrido pela procissão. Diante desse comportamento, o trajeto percorrido pela procissão passou a se limitar ao redor da capela.

Os trechos narrativos parecem ser contraditórios, na medida em que o consumo de bebida alcoólica é aceito e rememorado com bom humor quando trata do seu passado, e demonstra sua irritação diante da mesma ação nos dias atuais. Seria prematuro analisar a narração apenas como contraditória, sem ao menos buscar entender seus significados. Para tanto, recorre-se a Mary Del Priore que, embora se refira às festas no Brasil Colônia, apresenta argumentos para refletir sobre a narração de Aníbal quando diz que “[...] no misto sacro-profano da festa a devoção espiritual e a bebida se combinavam se permeadas de boas intenções.” ¹⁸⁶

No primeiro trecho, há uma intenção religiosa associada ao consumo de bebida alcoólica por parte do grupo de romeiros – a bebida não é o último fim de sua ação, mas, sim, a participação na romaria. No segundo trecho o repúdio à embriaguez está ligado à destituição do sentido de religiosidade, apenas com o intuito de festejar. Assim, enquanto para o sacerdote há uma nítida separação entre religiosidade e comportamentos entendidos como profanos, para Aníbal esses comportamentos não se excluem, ao contrário, estão associados. Infere-se que para o narrador o consumo de bebida alcoólica é uma prática aceitável, desde que aliada a um sentido religioso, como no caso da romaria.

¹⁸⁵ ALBERTIN, A. Op. cit.

¹⁸⁶ PRIORI, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 66.

As propostas explicitadas na mensagem de autoria da Comissão Interparoquial estão respaldadas na ideia de defesa das tradições da festa. Essa ideia também está presente na narração do padre Daniel que, ao longo do diálogo, menciona o papel da coordenação como salvaguarda das tradições da festa usando termos como “resgate” e “recuperação”. Entretanto, é possível deduzir, com o auxílio dos argumentos de Raymond Williams¹⁸⁷ citados anteriormente, que, em nome dessas tradições, a igreja seleciona determinados significados e práticas com a intenção de favorecer seus interesses e propostas. Em um dos trechos da entrevista, quando questionado sobre como se dá a preparação da coordenação para a festa, o pároco relata que

Chegando em janeiro, né, já se tem a apresentação dos festeiros, que antigamente era escolhidos, pelos próprios festeiros a substituí-los. Agora, não, esse ano (2016), nós estamos resgatando uma antiga tradição em que os festeiros são sorteados no encerramento da festa. Há indicação dos próprios festeiros, de um número, e há indicação das paróquias, de nomes de casais, eles acabam sendo sorteados e assim, temos nós a confiança de que é o Espírito que escolhe aqueles que estarão à frente da festa, a mover, a realizar e a executar a festa do ano seguinte.¹⁸⁸

Traçando uma sequência cronológica do trabalho da coordenação, identifica o mês de janeiro como o período de escolha dos festeiros, procedimento entendido como parte da preparação para a festa. Ao usar como marco temporal os termos “antigamente” e “agora”, enfatiza a mudança na escolha dos festeiros, legitimada pela ideia de resgatar as tradições.

A mudança proposta pela coordenação de incluir a indicação dos padres de outras paróquias para sortear os futuros festeiros diminui o poder dos leigos na festa, já que eram estes que decidiam quem seriam os festeiros do ano seguinte e, por sua vez, reafirma o papel da igreja como mediadora. De modo que as propostas da coordenação articulam meios para tentar manter a festa sob seu controle.

Na entrevista com Wilma, suas memórias interagem com as mudanças no procedimento para a escolha dos festeiros, rememora que

[...] essa festa nunca teve festeiros que nem tem agora. Essa festa sempre teve uma comissão de festa, por exemplo se dizia assim: “ Ai, eu quero

¹⁸⁷ WILLIAMS, Op. cit. p. 118 – 119.

¹⁸⁸ Padre Daniel Vitor Cardoso Rodrigues, entrevista concedida à autora em 30 de junho de 2016. Na Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque em Ibiúna.

participar dessa festa”, se ia lá e dizia: “ Eu vou participar dessa festa”, não que tem que ser nomeada, por uma... Pelo padre, por uma comissão, escolhido só eu vou fazer a festa. Então, no comércio tinha um representante, nas escolas tinha um representante, sabe, que participava direto da festa. As barracas eram... Só que agora mudo tudo, mesmo, né, mudo no geral, né, não mudou só aqui.

Fabiana: Então era só a pessoa dizer “Ah, eu quero participar e já...

Wilma: É, “Eu tenho promessa”, não é, eu tenho promessa, todo mundo tinha promessa, todo mundo tinha promessa de fazer isso; “Ah eu tenho promessa”.¹⁸⁹

A primeira expressão de Wilma demonstra que atualmente há outro tipo de festeiro, essa distinção está relacionada às mudanças no procedimento para a sua escolha. Lembra que a festa era organizada por uma comissão de leigos e caracterizada por consentir uma ampla participação, já que o critério para a seleção dos festeiros era baseado na promessa. Assim, a comissão primava pela relação estabelecida entre o santo e devoto. Posiciona-se de maneira contrária ao presente procedimento para a escolha dos festeiros, pois entende que a festa passou a ser monopolizada por um grupo de pessoas intermediado pela igreja, porém, também admite que esse processo de mudanças seja irresistível.

Atualmente, a Comissão Interparoquial da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo é dirigida pelos párocos das paróquias da cidade e estes selecionam de duas a três pessoas para integrarem a comissão. Desse modo, a organização da festa está centralizada na figura dos representantes da igreja e a participação de leigos depende do seu crivo.

As intervenções da coordenação para escolher uma nova comissão para a festa com um predomínio dos párocos da cidade e o novo procedimento para a escolha dos festeiros por indicação dos sacerdotes demonstram um esforço da igreja em restringir o papel dos leigos na festa.

Esse argumento é reforçado quando Carlos relata que a imagem de São Sebastião permaneceu muito tempo guardada na casa da sua família, entretanto,

Houve sim, houve um desentendimento assim de que quem era mais chegado ao padre Machado, falo não então vamo tira dele (se refere à imagem de São Sebastião). Então tire de mim não tem problema nenhum eu

¹⁸⁹ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista concedida à autora em 04 de julho de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

entreguei de mão beijada, senti, senti, porque foram quarenta anos dentro da casa aqui, mas tudo bem, como tudo passa e hoje ela fica nas mãos do padre Severino¹⁹⁰ que ele guarda não sei aonde, eu sei que chega nas véspera das festas, “Carlos, já tô levando a peça aí pra você arruma no andor, pra você leva pro Sertão”.¹⁹¹

Salienta a figura do pároco e de pessoas ligadas a este como articuladores da decisão de retirar a imagem de São Sebastião da casa da sua família. Apesar de não conceder maiores detalhes, indica desentendimentos com esse grupo por entender o fato como uma decisão de caráter impositivo. A forma utilizada por Carlos para exprimir sua reação “Então tire de mim, não tem problema nenhum, eu entreguei de mão beijada”, transmite a ideia de relevar a ação deste grupo. Por outro lado, demonstra ressentimento associado à ideia da perda, justificada pelo longo tempo que a imagem permaneceu na casa da sua família.

Modificando sua referência temporal para o presente, argumenta que a imagem permanece sob o domínio da igreja, mais especificamente com o padre Severino. O controle da igreja sobre a imagem sequer disponibiliza ao narrador o conhecimento de onde esta fica alojada. Assim, a relação de Carlos e sua família com a imagem de São Sebastião foi modificada, pois agora fica circunscrita ao período que antecede os festejos para a decoração do andor do santo. Contudo, Carlos não se afastou da sua função como decorador dos andores de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, prática familiar legada por sua mãe. Dessa forma, pode-se inferir que, mesmo sendo uma ação do pároco que precedeu a coordenação dirigida pelo padre Daniel – padre Machado –, a decisão foi mantida pela nova comissão de festas, pois a imagem de São Sebastião continua sob a responsabilidade de um dos padres que integram a Comissão Interparoquial.

É interessante assinalar que as relações estabelecidas entre a igreja e os participantes acerca dos festejos são dinâmicas e condicionadas pela visão desses grupos sobre a festa em uma determinada conjuntura. Durante as entrevistas, os narradores salientam que a concessão da imagem de São Sebastião à família de Carlos foi uma decisão articulada pela igreja. Em suas memórias, Luiz se recorda que a imagem de São Sebastião foi transferida de sua capela,

¹⁹⁰ Padre Severino Ferreira da Silva é integrante da Comissão Interparoquial da festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo responsável pela Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, localizada no bairro Residencial Europa.

¹⁹¹ Antônio Carlos Vieira Ruivo, entrevista concedida à autora em 9 de junho de 2016. Na residência da mãe do entrevistado em Ibiúna.

localizada no bairro do Pocinho, ponto de saída e chegada da Romaria de São Sebastião, para a casa da família de Carlos.

O entrevistado assim expôs

Daí, com o passar do tempo, nos anos ali... vamos falar nos anos de 1980, 1985, o santo ficava lá no Sertão ainda. Daí, o que que aconteceu? Eh... roubaram o sino da igreja. Daí, conforme... E tinha um caseiro na capela, lá. Daí, o que aconteceu? Quando roubaram o sino, daí na época os padres e o pessoal da festa ficaram com medo que roubassem a imagem, como roubaram a imagem de Nossa Senhora do Carmo, no bairro do Carmo, roubaram aqui já faz uns cinco ou seis anos, e até hoje não encontraram mais. E perde o encanto da festa, porque o povo vai, sabe, pra adorar a imagem, mas primeiramente é Deus do céu, mas tem aquela imagem que eles, bom, é pra se amar... mas é como... é como Nossa Senhora... é como Nossa Senhora Aparecida, cê vai lá, tem uma imagem, cê vai adorar aquela imagem, mas se, Deus o livre, some aquela imagem, o encanto da festa acabava. Daí, que trouxeram a imagem pra guardar aqui na casa do seu Tônico, da dona Lair, na praça, ali, depois o Carlos, que mora, morava junto lá deu continuidade. Por isso que o motivo que a imagem veio pra cidade: que é o receio, porque ali não tem segurança nenhuma.¹⁹²

Tem como referência temporal os anos de 1980-1985 e conta que o santo foi deslocado de sua capela após o furto do sino da igreja. Por meio desse episódio, salienta que o lugar não oferecia condições para abrigar a imagem com segurança, já que nem a presença do zelador foi suficiente para impedir a ação. Diante disso a decisão em transferir a imagem de São Sebastião coube ao padre e às pessoas ligadas à festa. É possível perceber que essa decisão é defendida e justificada levando em consideração o exemplo do furto da imagem de Nossa Senhora do Carmo, a qual nunca foi recuperada.

No trecho seguinte, compreende-se a importância atribuída à imagem de São Sebastião, representada como única – diferente de outras imagens do santo. A relação entre santo e devoto se dá através de uma imagem singular que está relacionada a uma memória milagrosa e à qual se atribui valor especial, segundo o narrador, o “encanto” da festa. Manter a imagem protegida é entendido como fundamental para a continuidade da devoção e da festa. Desse modo, reconhece a importância da família de Carlos para os festejos, já está foi a escolhida para abrigar a imagem.

¹⁹² Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

Sobre essa questão, Carlos rememora:

A imagem até uns trinta anos, quarenta anos com a vinda do padre... Elizeu, teve um problema na, na matriz de algumas pessoas entrarem lá rebentarem todinho o sacrário da igreja pensando que os cálices que tinham lá com hóstia consagrada eram ouro e fizeram uma anarquia lá dentro da igreja, então o que que aconteceu ele veio fala assim pra mim: “Carlos, eu não posso ficar com a imagem de São Sebastião, mais na matriz”, por quê? Porque quando o padre, padre...Elídio veio pra Ibiúna eu levei ele conhece o Sertão, nós chegamos lá, a imagem ficava lá, porque antigamente a, a imagem vinha, a original vinha e voltava e a gente deixava lá, lá na capela. Na Capela de São Sebastião, então ela ficava lá, gente só voltava lá uma vez por ano pra trazê-la de novo que é o ciclo da promessa. Então, é o seguinte aí com essa, com esse rombo que houve na igreja ele: “Olha, nada mais que o seu pai que é, é o chefe da cavalaria de São Sebastião, então melhor ele fica na sua casa, cês guardam a imagem lá?” e a imagem aqui ficou e foi passando os anos, foi passando os anos, a imagem guardada aqui na minha casa, na casa da minha mãe, minha mãe faleceu, meu pai faleceu e a imagem continuou aqui e vamo guardando.¹⁹³

Entre idas e vindas pelo tempo, constrói sua narrativa baseado na atuação dos padres Elizeu e Elídio. Por meio da figura do primeiro, rememora a invasão que houve na Paróquia Nossa Senhora das Dores, interpretada como uma tentativa de roubo. Diante dessa ação, descrita como depredatória e violenta, legítima que a imagem de São Sebastião não estaria segura na paróquia. Após essa explanação, cita o padre Elídio, para rememorar que a imagem de São Sebastião ficava na capela e era deslocada, anualmente, apenas para cumprir a promessa.

Retoma o assunto anterior argumentando que a decisão do padre Elizeu de deixar a imagem de São Sebastião na sua casa é justificada pela importante atuação de seu pai na festa, identificado como o criador da cavalaria de São Sebastião. Em suas memórias, frisa a importância de sua família na festa, já que esta é reconhecida pelo representante da igreja como merecedora para abrigar a imagem de São Sebastião.

Entretanto, no diálogo com Wilma, ela também afirma que a imagem de São Sebastião ficava na casa da sua família:

¹⁹³ RUIVO, A. C. V. Op. cit.

Fabiana: Mas daí o santo ficava na sua casa, na casa da sua mãe?

Wilma: O santo ficava na casa da minha mãe, ficava, toda vida fico na minha casa o santo! Sempre fico!

Porque primeiro o santo não é que ficava, ficava em casa, mas o santo sempre ficou na capela, nunca tiraram o santo da capela. É que depois começaram dizer que o santo era valioso, né, mais... Se, que o santo era valioso e que... Era não, é valioso, né, daí que tiraram da capela, tiraram e trouxeram pra cá, né, daí que fico na casa, daí minha mãe como ela morava numa casa, na casa na casa na Rua Pinduca e a casa dela já era uma casa meia velha, sabe, mas boa, ela não quis ficar com o santo lá, porque ela achava que o santo poderia é... Não ficava bem abrigado, podia te goteira na casa dela, né, daí que a família do Carlos começou a ficar com o santo, né [...].¹⁹⁴

Inicia afirmando que o santo ficava na casa da sua família. Após essa alegação, pela expressão “Porque primeiro o santo não é que ficava, ficava em casa, mas o santo sempre ficou na capela [...]” é possível deduzir que busca corrigir sua afirmação anterior, explicando com mais detalhes o que foi dito. De acordo com Portelli, esse recurso utilizado na oralidade é denominado de correção paratática, entendida como “[...] o procedimento pelo qual um enunciado aparece modificado – corrigido ou complementado por uma partícula posterior.”

¹⁹⁵ Assim, argumenta que a imagem ficava na Capela de São Sebastião, mas, diante da constatação de que se tratava de uma imagem valiosa, portanto, havia a possibilidade de ser roubada, justifica a transferência da imagem para a casa da sua mãe.

Termina a sequência narrativa explicando que a decisão de não permanecer com a imagem coube à sua mãe, assim, o santo passou a ficar com a família de Carlos. A construção de suas memórias busca destacar a importância da sua família perante as outras na festa, já que, não fosse o receio da mãe de que as condições da casa pudessem danificar a imagem, esta continuaria sob a sua proteção.

As memórias de Wilma sobre a festa são tecidas com base no protagonismo da participação de seus pais. A forma como escolheu tecê-las se tornou mais compreensível quando relatou

Na minha casa porque a minha mãe sempre foi muito de cozinha, cozinheira, na minha casa fazia bolo, fazia pão, fazia frango, assava os frango, vendia na

¹⁹⁴ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista concedida à autora em 04 de julho de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

¹⁹⁵ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p.242.

querresse, a gente trabalhava nessa festa que nem que nem minha irmã dizia nós éramos mais do que aqueles condenado pra trabalha. Gente trabalhava muito e participávamos muito, mais muito, muito, muito. O que eu fico sentida hoje, hoje eu sinto muito que a memória do meu pai e da minha mãe é esquecida nessa festa.

Outras pessoas são exaltadas, não que a gente queira que eles sejam exaltados, a gente quer que eles sejam lembrados. É diferente, não é, de... Eu gostaria, então eles num... Nunca foram lembrados, dificilmente, eles não são lembrados, eles... E a festa mesmo começou com eles, essa festa.¹⁹⁶

O marco dessa memória é a casa da sua família, onde se concentravam os preparativos para os festejos – a mãe é rememorada por suas habilidades de cozinheira, tarefa que também envolvia os filhos. Destaca a intensa participação da família nos festejos, fazendo uso da repetição do advérbio “muito” e quando considera “éramos mais do que aqueles condenado pra trabalha”. Essas lembranças norteiam suas considerações pessoais sobre o presente; seus sentimentos afloram quando expressa: “O que eu fico sentida hoje, hoje eu sinto muito que a memória do meu pai e da minha mãe é esquecida nessa festa”. O trecho faz compreender o motivo pelo qual a construção das suas memórias durante todo o diálogo esteve centralizada na figura de seus pais, Avelina Pecci e Antônio Pecci – a narração foi um instrumento útil no enfrentamento desse esquecimento. Desse modo, a entrevista propiciou a Wilma a preservação e o reconhecimento da memória de seus pais na festa.

Persistindo na análise das relações tecidas entre a igreja e os participantes acerca dos festejos, outro ponto dessa relação será focalizado: a data de realização da festa.

A festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo acontece, anualmente, na última semana do mês de maio, destoando do calendário da igreja católica que estabelece o dia 20 de janeiro para homenagear São Sebastião. Dessa forma, ao longo da pesquisa, investigou-se por que a festa é celebrada no mês de maio. Para tanto, foram reunidos fragmentos do Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Dores e as experiências dos narradores.

Por meio das entrevistas, constatou-se que há a organização de outras romarias para homenagear São Sebastião que não se limitam à última semana do mês de maio, como esclareceu Linense sobre as movimentações religiosas que acontecem na Capela de São Sebastião:

Aqui em Ibiúna mesmo nós temos muitas capelas, não é, que fazem romaria até São Sebastião, e... mesmo de fora tem romaria que vem de Cotia, que

¹⁹⁶ CAMARGO, W. A. P. Op. cit.

vem Vargem Grande, que vem de Itapeçerica da Serra, Juquiá, Miracatu talvez até de Tapiraí não tenho bem certeza, mas o dia de São Sebastião na expressão da verdade é o dia vinte de janeiro então é um dia que ali também tem a presença de muitas caravanas de fora inclusive daqui de Ibiúna não é, e muito pouca gente sabe disso, acha que... lá não... mas no dia vinte de janeiro sempre é um dia muito concorrido.¹⁹⁷

Utiliza o termo “São Sebastião” para se referir espacialmente ao local de destino das romarias e afirma que ocorrem várias romarias ao longo do ano provenientes de Ibiúna e de outras cidades. Reconhece que o dia 20 de janeiro é a data oficial estabelecida pela igreja católica para homenagear o santo e que nessa data também ocorrem romarias no local. Termina sua narração destacando que “[...] muito pouca gente sabe disso [...]” – nesse trecho salienta sua posição enquanto pesquisador, atividade que o diferencia por ser portador de informações que poucos possuem.

Assim, seguindo o calendário litúrgico, a população também identifica o dia 20 de janeiro como um dia para homenagear o santo. Alguns grupos organizam pequenas romarias, e é celebrada missa na Capela de São Sebastião. Sua narração fornece vestígios de que as romarias em homenagem a São Sebastião acontecem com ou sem a presença da igreja, e não apenas no mês de maio.

No diálogo com Benedito, pergunto sobre sua participação na Romaria de São Sebastião, este conta que não tem condições de participar no mês de maio devido à atuação da Banda Lyra Unense nos festejos, mas que a

[...] Romaria, nós já fizemos também, geralmente entre amigos, com familiares e tal e tudo mais... na qual também a gente tem tanto respeito por São Sebastião que... dia trinta e um de julho agora a nossa corporação vai tar... dia dois de julho faz um-zero-nove, né? Vamo fazer um piquenique no Sertão, em Pocinho, também, na qual nós fazemos uma missa na Capela de São Sebastião, fazemo um piquenique ali dum viradão de frango pra todo o pessoal participante e... executamo umas músicas lá também. Cê veja bem, acabou de cultuar São Sebastião aqui, durante esses três, quatro dias, a gente já tá prestes a mais uma ida, agora somos nós que vamos lá – São Sebastião não vem, nós é que temos que ir lá pra agradecer também de ter participado dessa festa anterior com muita saúde e tal [...].¹⁹⁸

¹⁹⁷ José Gomes, entrevista concedida à autora em 10 de maio de 2016. Na residência do entrevistado em Ibiúna.

¹⁹⁸ Benedito Aparecido Almeida Lima, entrevista concedida à autora em 04 de junho de 2016. Na sede da banda Lyra Unense em Ibiúna.

A narração reforça a ideia de que a romaria enquanto prática religiosa pode acontecer com ou sem a presença da igreja. O pronome “nós” usado em sua fala indica a autonomia na organização de romarias – prática comum entre amigos e familiares – além do caráter de sociabilidade e confraternização desses acontecimentos. O local da romaria é definido como um lugar onde se agradece e também se comemora. A ida ao lugar do sagrado é motivada pela gratidão e respeito ao santo de devoção.

Utiliza a expressão “Cê veja bem” para se certificar de que seu relato é bem entendido. Ressalta que apenas durante a Romaria de São Sebastião o santo é deslocado até o centro da cidade, mas entende que o agradecimento a São Sebastião, significado pela ida até sua capela, também pode ser realizado em outros períodos. É interessante observar que é prática comum ir ao local do sagrado, como contou Benedito sobre a autonomia na organização de romarias, mas, trazer o santo até o centro da cidade ocorre apenas na Romaria de São Sebastião, na última semana do mês de maio.

As manifestações religiosas que acontecem ao longo do ano não se comparam com a grandiosidade e popularidade dos festejos que acontecem na última semana do mês de maio.

Nos registros do Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Dores, a primeira menção às comemorações a São Sebastião são descritas em janeiro de 1916 pelo Padre Antônio de Sá Ferraz: “Durante este mez rezou-se diariamente o terço. Celebrou-se com solenidade a festa de São Benedito no dia seis e no dia vinte a de São Sebastião na capela das Pedras [...]”.¹⁹⁹ Os escritos evidenciam a atuação da paróquia na vida religiosa das pessoas por meio de rezas diárias e das festas religiosas. A festa de São Benedito e São Sebastião é digna de nota, pois representa um dos principais acontecimentos religiosos do mês. Apesar de os registros do pároco não apresentarem detalhes sobre a festa, é possível perceber que esta seguia o calendário litúrgico, porquanto era celebrada no dia 20 de janeiro na Capela das Pedras, atual Capela de São Sebastião.

Durante o estudo dos registros paroquiais, fica evidente que a festa segue sem maiores modificações até 1921. A partir desse ano, os registros apresentam lacunas e são retomados apenas em 1926 pelo Padre Monsenhor Antônio Pepe. Os registros desse ano fornecem vestígios de mudanças operadas na festa. O pároco descreve suas impressões assim

No fim do mez realizaram-se duas festas a do encerramento do Mez de Maria e a de São Sebastião (inteligível) Sobre a festa de São Sebastião devo

¹⁹⁹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Vigário Padre Antônio de Sá Ferraz, janeiro de 1916. Tombo 09-03-013, 1913-1957, p.09.

dizer alguma coisa por ser uma coisa *sui generis*. Introduzida pelo Rmo. Pe., Antonio Ferraz e abandonada nestes ultimos um ou dois anos, teve epocas de fama. De sua capella situada no bairro do Pocinho, cuja 1 pedra foi lançada pelo saudoso D. Lino Deodato em 1886, a imagem artística de São Sebastião, acompanhada por centenas de pêssoas do dito e de outros bairros vizinhos, vem devotamente transportada para a cidade. Pelo percurso de 4 legoas é um contínuo (inteligível) de foguetes acompanhado por canticas e preces. Chegando no bairro do Capim Azedo, a comitiva ficara esperando a noticia que o povo da cidade vae ao encontro do santo. Assim pois, quando tal notícia chega põe-se novamente a caminho e a um kilometro da cidade, da – se a recepção. Discurso de boas vindas (inteligível) musicas – canticas e finalmente a ordenar-se do (inteligível) que presegue até a Matriz, onde a imagem fica para ser festejada, em quanto a comitiva dispersa-se em procissão dos diversos pousos de ante mão alugadas ou para armar barracas nos arredores do habitado. No dia dedicado a festa do Santo há, como de costume, alvorada – missas rezadas – missas cantadas e procissão. Externamente musicas, leilões etc. (divertimentos populares) e botequins bem toscos, única causa que desafia a bôa ordem das festas, pois parecem causas de roças (inteligível) O dia após a festa a imagem de São Sebastião voltou a sua Capella com a mesma (inteligível) a acompanhá-la. No mesmo ponto de encontro foi a despedida com discurso de ocasião, vendo-se muita gente verter lágrimas de comoção e fazer donativos, recebidos pelo zelador da capella.²⁰⁰

Ao mencionar as festas religiosas celebradas no mês de maio, ressalta que se deve dar alguma explicação sobre a festa de São Sebastião, demonstrando preocupação em prestar conta às autoridades superiores. O motivo do registro é informar sobre o traslado de São Sebastião, porém não menciona o termo romaria, caracterizada como algo “*sui generis*”, expressão em latim que pode variar como algo do seu próprio gênero, único em sua espécie e, ainda, peculiar, singular ou raro. Essa expressão esconde mais do que revela, sugere-se que essa imprecisão pode ser uma alternativa do pároco para se eximir de maiores explicações sobre a Romaria de São Sebastião.

Com a intenção de legitimá-la perante as esferas superiores, funda sua explanação na importância da atuação da igreja nos festejos dedicados a São Sebastião por meio das figuras

²⁰⁰ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Padre Monsenhor Antônio Pepe maio de 1926. Tombo 09-03-013, 1913-1957, p. 57-58.

do bispo Dom Lino Deodato e do padre Antônio de Sá Ferraz. Além sua descrição à chegada de São Sebastião ao centro da cidade, e indica sua popularidade pela participação de pessoas tanto da área rural como urbana em uma intensa movimentação de caráter devocional e festivo. Há admissão dos chamados “divertimentos populares”, mas aponta como única objeção o consumo de bebida alcoólica, prática atribuída às pessoas da zona rural.

De acordo com os registros paroquiais (1916-1921), estes indicam que a festa era celebrada em janeiro e não há menção à romaria. Quando os registros são retomados pelo padre Pepe em 1926, a mudança é clara – a festa é celebrada em maio com destaque para a romaria. Para que fosse possível melhor compreender os motivos dessa mudança, essa questão foi colocada e investigada também através das narrativas dos entrevistados.

Na entrevista com Luiz, quando interrogado sobre a data de realização da festa, salienta sua permanência, afirmando que “Sempre. Sempre foi em maio. Sempre foi em maio. Sempre foi em maio. Toda a vida – maio. É última semana de maio. É a última se... último final de semana de maio.”²⁰¹ Para Portelli, as repetições são partes constituintes do diálogo, “A palavra oral evapora tão logo é pronunciada; só pode ser recuperada e conservada sob alguma forma estável se for dita e redita novamente. A reiteração, portanto, é uma necessidade técnica da comunicação oral.”²⁰². Enquanto a escrita é estável e não necessita fazer uso de repetições, a não ser por opção do autor, na oralidade, devido à sua característica móvel e fluida, a repetição é recurso comum para o narrador tentar manter o que foi dito. As repetições são utilizadas por Luiz como forma de preservar sua afirmação e também suas memórias sobre a festa.

Distintas percepções sobre o assunto são narradas por Linense quando relata que “É... janeiro é o dia de São Sebastião, agora a promessa foi feita pro mês de maio mesmo, não é...”²⁰³ Reconhece que janeiro é o mês dedicado a São Sebastião de acordo com o calendário litúrgico, mas que a promessa para o santo foi feita para ser cumprida no mês de maio. Conforme discutido no primeiro capítulo, a promessa foi feita a São Sebastião por causa da ameaça de epidemia de gripe espanhola na cidade, a qual não se concretizou, o que deu início à realização de uma romaria em homenagem ao santo. Para o narrador, a data de realização da

²⁰¹ Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

²⁰² PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 240.

²⁰³ José Gomes, entrevista concedida à autora em 10 de maio de 2016. Na residência do entrevistado em Ibiúna.

festa está ligada ao acordo estabelecido com o santo, visto que a promessa deveria ser cumprida no mês de maio.

Mediante a fala de Alba Zaluar, compreende-se a importância das relações estabelecidas entre santo e devoto através da promessa:

Para obter a ajuda dos santos, os homens ligavam-se socialmente com eles, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade, isto é, uma relação em que havia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas. A ideia de reciprocidade está contida na categoria promessa [...].²⁰⁴

A promessa representa essa reciprocidade entre o devoto e o santo, elaborando uma espécie de acordo onde cada qual assume suas responsabilidades, ao santo cabe atender ao pedido e ao devoto o compromisso de cumprir rigorosamente o que foi acordado.

Na narração de Wilma, a realização da festa no mês de maio está associada à Romaria de São Sebastião. Pautada por suas experiências familiares relata:

Nós íamos três vezes no ano lá (bairro do Pocinho). Nós íamos em janeiro, 20 de janeiro que era o dia de São Sebastião, mas festejava-se muito pouco porque o Monsenhor Pepe via que era dia de São Sebastião no calendário litúrgico daquele tempo, né, no calendário litúrgico. Daí a festa fico, fico fora do calendário litúrgico todos os anos no mês de maio, eles escolheram uma data, meu pai contava que escolheram uma data, que... Pra... Porque vinha os cavalo, era mais a cavalo, ele contava que era uma data que não fosse assim muito quente pra... Por causa dos cavalos caminharem muito, tinha tudo uma... Teve todo um esquema quando começou a festa, um esquema da moda deles.²⁰⁵

O bairro do Pocinho, onde se localiza a Capela de São Sebastião, era frequentado por sua família algumas vezes no ano, as idas eram motivadas pelo dia estabelecido pela igreja para homenagear São Sebastião e, possivelmente, também porque a família possuía casa no local, lembrada pela entrevistada em outra passagem do diálogo. A comemoração ao santo no dia 20 de janeiro era estimulada pela figura do padre Pepe e caracterizada como uma data pouco concorrida. A expressão “eles escolheram uma data” indica a participação de leigos nessa decisão, já que entre “eles” estava seu pai. A escolha da data levou em consideração as

²⁰⁴ ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983, p.88.

²⁰⁵ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista concedida à autora em 04 de julho de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

especificidades e condições propícias para a realização da romaria, sugerindo que predominaram as necessidades dos romeiros.

Termina a narração usando a locução “um esquema da moda deles”, o que reforça a ideia de participação de leigos na escolha da data melhor para a realização da romaria.

A data da festa revela os vínculos construídos entre os devotos e o santo no momento da promessa – os deveres estabelecidos para com o sagrado, no caso a realização da romaria e a viabilização de condições para que isso se efetivasse, tem maior significado do que as determinações da igreja.

A importância que o grupo atribui à data da festa também pode ser percebida em outros trechos do diálogo. Em um deles, Linense conta sobre uma tentativa de alteração do período dos festejos:

Daqui um pouco vão falar “Olha, mas já faz muito tempo a festa de São Sebastião, acabou não...vamos modernizar isso aqui e muda as outras coisa...” E... tanto isso é verdade que não se deve quebra a tradição que no tempo do Padre Elídio Mantovani, os senhores de gravata da igreja, não é... nem vou citar o nome... R., I., o W. G.²⁰⁶, acho que cê lembra de toda essa turma aí, “Vamo coloca a festa tudo numa semana: São Benedito, São Sebastião, Nossa Senhora das Dores, é... sei lá como São Cristóvão” [...]... O que aconteceu? A festa foi água, água em cima de água e... Chegou na terça-feira não tinha condições de levar que aquela chuva torrencial e tal, e continuou na quarta e na quinta a imagem ficou retida aqui quinze dias só depois que deu uma clareada levaram embora então acho que não se deve não se devem mexer na tradição, não é até nisso São Sebastião tem sido forte... É ali... é ali...²⁰⁷

Inicia a narração projetando sua imagem como defensor do que denomina “tradição”, entendida como um passado que deve ser conservado se contrapondo à ideia de mudanças, já que estas ameaçariam a preservação deste – mudança e modernidade figuram como sinônimos.

Para Raymond Williams²⁰⁸ como já foi assinalado, as tradições não recuperam o passado tal qual, mas antes são seleções de fragmentos deste apontando sua dinamicidade quando escolhe, destaca, recupera e/ou omite. A oposição do narrador às mudanças possibilita inferir que a tradição é vulnerável, móvel e também ativa. “Essa luta a favor e contra as

²⁰⁶ A pesquisadora optou por manter o anonimato dos sujeitos citados.

²⁰⁷ José Gomes, entrevista concedida à autora em 10 de maio de 2016. Na residência do entrevistado em Ibiúna.

²⁰⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.118 – 119.

tradições seletivas é, compreensivelmente, uma parte importante de toda a atividade cultural contemporânea.”²⁰⁹ A defesa de Linense a esse passado selecionado pode ser interpretada por essa luta no campo cultural.

Continua a sequência narrativa empregando a locução “E... tanto isso é verdade que não se deve quebrar a tradição que [...]”, o relato que se segue tem o intuito de validar seu posicionamento.

Usa como marco temporal a atuação do pároco para ressaltar o protagonismo das autoridades políticas locais que mantinham relações próximas com a igreja. A citação dessas pessoas infere maior objetividade ao relato, ele atribui a estas a alteração na data das festas dos santos – por causa dessa alteração várias festas religiosas se uniram em um mesmo período.

A decisão em alterar a data das festas teve como resultado uma chuva torrencial que criou dificuldades para o cumprimento da Romaria de São Sebastião. A chuva é representada não como ocasional, mas, sim, como uma manifestação de reprovação do santo a esta decisão, ganhando conotação de castigo. Assim, Linense traz em suas memórias elementos que legitimam sua oposição às mudanças.

Essas intervenções também são lembradas por Luiz

Outro fato que marcou, que não me recordo mais ou menos o ano, mas era um padre de Canguera²¹⁰, o padre Elizeu. Ele resolveu de conta própria mudar a festa, a data da festa. Não é a data da festa. O que que ele fez? Diz que ia buscar na sexta e voltava no sábado a pé. E leva na terça-feira. Só que naquela época terça-feira não era feriado municipal. O que ele fez? Ele falou... achou melhor lá... mudar pra... pra festa – mudar o dia – pegar o feriado, levar o santo no outro domingo. E todo mundo concordou. O padre falou e... concordou. Ahn... que que aconteceu? São Sebastião chegou no sábado aqui, no domingo choveu, choveu a semana inteira, choveu... acho que duas semanas seguidas! E não parava. Daí, no outro domingo nós fomos levar o santo e levamos com chuva. Choveu acho que o mês inteiro e não parou e choveu, choveu, daí os antigos falaram “Ó, essa chuva, foi porque o

²⁰⁹ WILLIAMS, Op. cit.p.120.

²¹⁰ Canguera, bairro da cidade de São Roque, aproximadamente 12 Km da cidade de Ibiúna.

padre mudou a data de levar o santo, que, a tradição, é na terça-feira.” E daí... daí, que voltou na terça-feira.²¹¹

Posiciona-se contra a intervenção da igreja em modificar a data da festa, lembrada como um “fato que marcou” – assim, demonstra a importância dessas lembranças. Suas memórias estão centralizadas na figura do padre, bem como a referência temporal adotada. Salienta a interferência do padre na organização da Romaria de São Sebastião por sua atitude de mudar a data da festa. É interessante assinalar que a mudança foi aprovada sem hesitação, reconhecendo a autoridade do representante da igreja. Entretanto, a chuva torrencial durante a festa é interpretada como uma desaprovação do santo à intervenção da igreja. Termina a narração apontando para uma história que foi passada de geração em geração – uma mensagem implícita de oposição à mudança da data dos festejos.

As narrações de Luiz e Linense indicam a relevância atribuída à data de realização da festa, já que por diferentes perspectivas se opõem às tentativas de intervenção. Entende-se que essas tentativas não interferem meramente em uma data, mas na relação construída com o sagrado através da promessa. Sobre essa questão, dialoga-se com Alba Zaluar quando argumenta que

O castigo podia ser referente ao não-seguimento das obrigações com o santo, ao rompimento do equilíbrio nas relações de reciprocidade entre o santo e os indivíduos. O infortúnio presente de alguém era sempre remetido a uma falta contra os santos no passado: falta de respeito, esquecimento ou quebra de promessas ou, pior ainda, omissão ou escárnio pelas coisas do santo.²¹²

Assim, as mudanças na data dos festejos pode significar o não cumprimento do que foi acordado com santo, reforçado pela ideia de que os efeitos dessas mudanças são sentidos na realização da Romaria de São Sebastião. As memórias construídas indicam que afetar essa relação com o sagrado é passível de castigo, mas também podem sugerir uma forma de legitimar o controle dos participantes sobre a festa.

Outra intervenção na festa está associada à introdução das comemorações ao Divino Espírito Santo na festa de São Sebastião. Ao longo da pesquisa, é notável a esporádica menção dos narradores ao Divino Espírito Santo, estes pouco ou nada falavam sobre o assunto, se referiam à festa apenas como festa de São Sebastião e tinham na romaria e no santo os protagonistas de suas memórias.

²¹¹ Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

²¹² ZALUAR, Op. cit. p. 85.

Na entrevista com Wilma, foi tomado conhecimento de que as comemorações ao Divino Espírito Santo nem sempre estiveram associadas à festa de São Sebastião. Sobre as festas religiosas da cidade rememora:

[...] São Benedito era a festa maior de todos ele, né, e nossa senhora que é a padroeira, ela era uma festa junto com o Espírito Santo, né, então também era bem participada, só que agora parece que a festa de Nossa Senhora às vezes ela fica meio apagada e ela é a padroeira, né [...].²¹³

Nesse trecho, expressa possíveis mudanças nas comemorações ao Divino Espírito Santo, já que, atualmente, esta acontece apenas na festa de São Sebastião e não mais na festada da padroeira. Na tentativa de obter mais detalhes sobre essa questão, ao final da entrevista, retomo o assunto:

Fabiana – E a festa do Divino, acho que a senhora já falou, mas... sempre foi junto com São Sebastião?

Wilma – Não, junto com Nossa Senhora.

Fabiana – Era com Nossa Senhora.

Wilma – Eu até agora faço o império do Divino.

Fabiana – Ah, é a senhora que faz?

Wilma – É eu que faço ainda junto com os outros, né.

Fabiana – Como que é a festa do Divino, Dona Wilma?

Wilma – A festa do Divino agora tem só a missa, o império que é o lugar que coloca as roscas, benze as roscas, só, e o Divino sai, né, no andor, né.²¹⁴

Reafirma que as comemorações ao Divino Espírito Santo eram agregadas à festa de Nossa Senhora das Dores. Posiciona-se como uma das pessoas responsáveis por fazer o que denomina como “império do Divino”, representado como o lugar onde se colocam as roscas bentas. Aponta, de maneira implícita, as mudanças que ocorreram nas comemorações ao Divino, isso é perceptível por meio da expressão “A festa do divino agora tem só a missa, o império que é o lugar que coloca as roscas, benze as roscas, só, e o divino sai, né, no andor, né.”. Usando como referência temporal o termo “agora” indica que, atualmente, a festa ficou restrita à missa, ao império do Divino e à procissão. Para Wilma, “O significado dessa rosca é um significado assim de benção, fartura, né, de doação, né, só que o povo tá esquecendo dessa

²¹³ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista concedida à autora em 04 de julho de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

²¹⁴ Idem, Ibidem.

parte.²¹⁵ Suas experiências demonstram o esmorecimento das comemorações relacionadas ao Divino Espírito Santo.

O diálogo com Wilma revelou que, possivelmente, as comemorações ao Divino Espírito Santo foram inseridas à festa de São Sebastião. Desse modo, após essa entrevista, os outros narradores também foram indagados sobre esse assunto.

Atualmente, na festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, o dia seguinte à chegada de São Sebastião ao centro da cidade é dedicado ao Divino Espírito Santo. O dia é iniciado com a celebração da “Missa dos festeirinhos”, especificamente direcionada para a participação das crianças. O império do Divino, mencionado por Wilma, é representado por uma coroa e um cetro onde são colocadas as roscas distribuídas ao final da Missa dos festeirinhos. À noite, acontece uma missa campal e a procissão do Divino – representado por uma pomba, é carregado pelos devotos pelas ruas principais do centro da cidade em andor ricamente ornado.

Na entrevista com Luiz, indago sobre a relação entre a festa de São Sebastião e o Divino Espírito Santo:

Fabiana – E... sempre foram juntas as festas de São Sebastião e do Divino?

Luís Machado – Não. Era separado. Era só São Sebastião. Com o passar do tempo que veio a do Divino. Era só São Sebastião... que eu me recorde, só São Sebastião.

Depois que veio a do Divino... Aí, depois, que veio a do Divino... Tem mais um fato histórico também de São Sebastião... aí, meu Deus do céu, tava na minha cabeça...²¹⁶

Adotando a palavra “era” para se referir ao passado, afirma que as comemorações se dirigiam apenas a São Sebastião e que estas foram se modificando ao longo do tempo por meio da inserção do Divino Espírito Santo. É interessante observar que a indagação feita não condizia com o que Luiz queria contar, atrapalhando a sequência lógica de sua narração. Retoma a fala para contar sobre “[...] mais um fato histórico de São Sebastião...”. Nesse trecho, fica explícito que a pergunta levantada era uma preocupação da pesquisadora e não da

²¹⁵ CAMARGO, W. A. P. Op. cit.

²¹⁶ Luiz Clemente Machado, entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2016. No escritório de advocacia do entrevistado em Ibiúna.

sua construção narrativa, deixando claros os temas que queria abordar e o protagonismo de São Sebastião em suas memórias.

Diante da mesma pergunta, Carlos nega que a festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo estariam continuamente associadas:

Não, não, não, o Divino Espírito Santo fazia parte da festa da padroeira, Nossa Senhora das Dores, era Nossa Senhora das Dores e Divino Espírito Santo. Quando o padre... Elizeu veio pra Ibiúna ele mudou, parece que foi ele mesmo, ele mudou porque Pentecostes, festa de Pentecostes é em maio, o Divino Espírito Santo é em maio, pelo ano litúrgico pela parte da liturgia da igreja é em maio, mas para nós, eu acho que ela teria que ficar lá em setembro porque a, a... o povo vem pelo Divino Espírito Santo porque na época quando era festa de Nossa Senhora, a festa de Nossa Senhora equivalia à festa de São Sebastião, era carreata de caminhões chegando na cidade, festa do Divino e de Nossa Senhora, hoje você tem visto, o que que é a festa de Nossa Senhora das Dores?, simplesmente um sair andar pra rua e outra coisa que mudo pra cada padre tem um jeito de, sobe a Quinze desce a Pinduca, eu acho que tem que seguir o que é dentro daquilo que tá feito, sobe a Pinduca e desce a Rua Quinze porque se não é assim, Nossa Senhora sai de costa da igreja, sobe de costa pra igreja e desce de frente pra outra rua, então, isso foge do, do folclore, entende, do folclore, então preserva. Agora a mudança do Divino Espírito Santo pra maio caiu dentro de Pentecostes por isso que é feito agora em maio.²¹⁷

Assim como os outros narradores, também rememora que o culto ao Divino integrava a festa da padroeira Nossa Senhora das Dores, a qual se realizava em setembro. Entretanto, Carlos concede outra percepção quando menciona as intervenções da igreja, protagonizadas em suas memórias pelo padre Elizeu, o qual seria o responsável pela transferência do culto ao Divino Espírito Santo para o mês de maio, com a justificativa de seguir o calendário litúrgico.²¹⁸ A oposição de Carlos a essa intervenção é ressaltada pela expressão “mas para nós, eu acho que ela teria que ficar lá em setembro [...]” – a utilização dos pronomes “nós” e “eu” significa que parte de uma situação coletiva para fundamentar suas considerações

²¹⁷ Antônio Carlos Vieira Ruivo, entrevista concedida à autora em 9 de junho de 2016. Na residência da mãe do entrevistado em Ibiúna.

²¹⁸ De acordo com o calendário da igreja católica, as comemorações ao Divino Espírito Santo possuem data móvel, realizadas cinquenta dias após a páscoa que oscila entre 22 de março a 25 de abril. Desse modo, as comemorações ao Divino Espírito Santo ocorrem entre os meses de maio a junho.

personais. Em suas considerações, distingue temporalmente a festa por meio dos termos “na época”, que compreende o período anterior à intervenção da igreja, e “hoje”, após a intervenção. A clivagem temporal é usada para construir uma comparação e atribuir à ação da igreja o esmorecimento da festa da padroeira, Nossa Senhora das Dores. Por último, fala da alteração no percurso da procissão, tendo como referência espacial as ruas centrais que esta percorre, Rua XV de Novembro e Rua Pinduca Soares.

Mais uma vez se opõe às intervenções da igreja, já que afetariam o que denomina como folclore. Carlos é professor aposentado de Arte e sua noção de “folclore” se aproxima da observação feita por Nestor Garcia Canclini, “Outra característica da tarefa folclórica é apreensão do popular como tradição, o popular como resíduo elogiado: depósito da criatividade camponesa [...] que se perderia com as mudanças exteriores.”²¹⁹ Essa noção associa a cultura popular à sobrevivência intocada do passado e, portanto, deve ser preservada das mudanças, sem levar em consideração os sujeitos que a produzem e intervêm. Carlos se utiliza do termo “folclore” para se opor as mudanças realizadas pela igreja. Entretanto se afasta deste, quando revela os conflitos entre as práticas religiosas que defende e as postuladas pela igreja. Se posicionando como sujeito ativo capaz de intervir de acordo com seus interesses e crenças.

Assim, as experiências dos narradores sugerem vestígios para refletir sobre a ausência do Divino Espírito Santo em suas falas, a forma como popularmente a festa é chamada, apenas de festa de São Sebastião, pode significar uma continuidade de suas experiências religiosas e uma oposição às interferências da igreja na festa.

A construção das memórias dos narradores traz à tona as relações travadas com a igreja acerca da festa. As relações apresentam um caráter dinâmico – ora permeadas por conflitos, como a tentativa da igreja em assumir o protagonismo dos festejos articulando estratégias para normatizar e afastar os leigos, tal qual se constatou a partir das atuações da Comissão Interparoquial dirigida pelo padre Daniel. Ora de negociação com os participantes, por exemplo, quando a imagem de São Sebastião passa a ficar sob a responsabilidade da família de um destes. Ora de antagonismos, conforme a tentativa de intervir na data de realização da festa, alteração a qual teve oposição dos participantes. Ora com intervenções de fato, quando incorpora as comemorações do Divino Espírito Santo à festa de São Sebastião,

²¹⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 209.

entretanto encontrando a persistência dos narradores em viver suas experiências religiosas de maneira específica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a romaria, eu falo uma coisa pra você: eu acho uma coisa muito linda, porque quantos milagres têm acontecido. Porque só da minha parte eu tenho muitos a agradecer que nem eu contei pra você [...] sobre o testemunho do meu marido, ele não tomou nada de remédio, ele, quem curou ele abaixo de Deus foi a fé em São Sebastião, tenho muita coisa a contar sobre São Sebastião, muitas coisas.²²⁰

Investigar as experiências de homens e mulheres que participam da Romaria de São Sebastião na cidade de Ibiúna (SP) por meio de suas construções narrativas foi enveredar pelos caminhos de suas memórias. Um caminho permeado por subjetividades, disputas, significados, interpretações, percepções do passado e do presente.

Na entrevista com Lindaura, acima citada, sem que houvesse qualquer indagação, esta iniciou o diálogo contando sobre um milagre de cura atribuído à intercessão de São Sebastião. Relata que seu marido, Januário, estava gravemente doente e recusava procurar atendimento médico. Diante da situação, esta recorreu a São Sebastião, que a atendeu após o casal participar da Romaria de São Sebastião. A narração de Lindaura sintetiza um dos aspectos que se tonaram palco da nossa discussão no transcorrer da investigação: elucidar os motivos de os narradores escolherem rememorar a Romaria de São Sebastião e a devoção ao santo como protagonistas de suas experiências na festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo.

Assim, manifesta-se nestas considerações finais algumas reflexões construídas ao longo da pesquisa, sem caráter conclusivo, mas que apontam um dos inúmeros caminhos possíveis para sua compreensão histórica.

Estudar a Romaria de São Sebastião a partir das experiências dos sujeitos que dela participam possibilitou encontrar pistas sobre os significados que esta adquire para os mesmos. A primeira constatação é a de que esta não é apenas rememorada como prática religiosa realizada anualmente para pagar votos feitos ao santo, esta é parte constituinte da vida dos narradores. Suas vidas são marcadas por suas experiências na romaria, rememorando seus familiares, nascimentos, doenças, curas, morte, infância, juventude e velhice. É comum os narradores evocarem o que seus pais, suas mães e ou seus irmãos lhe contavam. Como no

²²⁰ Lindaura Santos Silva, entrevista concedida à autora em 04 de maio de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

diálogo com Wilma que tece suas memórias baseada no que seus pais narravam: “[...] meu pai falava muito, mas a gente nunca penso nem em escrever pensou que ia guardar sempre tudo, né. Meu pai e minha mãe falavam muito, meu pai mais porque meu pai era mais velho do que minha mãe, né.”²²¹

Pode-se perceber que essas memórias foram transmitidas oralmente, constituindo uma prática religiosa que atravessa gerações. Há uma valorização da oralidade diante da escrita para a preservação das mesmas. Outro aspecto a ser ressaltado são as relações construídas entre São Sebastião e os narradores, um vínculo que também passa de geração para geração, caracterizado de forma íntima e pessoal em muitas expressões. Nessa relação, São Sebastião é “ele”, companheiro de uma vida capaz de ouvir seus apelos e auxiliar nos momentos de agruras.

No diálogo com as evidências, também verificou-se o processo de mudanças pelas quais a romaria passou e os significados que esta adquiriu para os diferentes grupos sociais. Nesse sentido, por meio da análise dos jornais *A Vanguarda de Ibiúna* e *Voz de Ibiúna*, identificou-se a construção de um projeto político da administração municipal entre os anos de 1997 a 2000 em dotar a cidade de Ibiúna do título de estância turística do Estado de São Paulo. Nessa conjuntura, a Romaria de São Sebastião passou a ser percebida como potencial turístico a ser explorado. Logo, outros sentidos foram atribuídos.

Os jornais, aqui entendidos como sujeitos da vida social, demonstraram apoio ao projeto político da administração municipal, bem como intervieram para que a Romaria de São Sebastião se tornasse alavanca para o desenvolvimento do turismo na cidade. Para tanto, buscaram associá-la à ideia de atração turística exemplificando suas vantagens, indicando caminhos e atalhos a serem percorridos e a viabilidade de suas propostas. Através dos jornais também foi possível verificar as intensas articulações políticas que ocorreram para o desenvolvimento do projeto político envolvendo troca de favores, influências e arranjos políticos.

A concretização da estância turística de Ibiúna no ano 2000 trouxe mudanças significativas para a Romaria de São Sebastião, contribuindo para transformá-la em evento turístico da cidade. Essa questão modificou as experiências dos sujeitos que dela participavam e ainda participam.

²²¹ Wilma Aparecida Pecci Camargo, entrevista concedida à autora em 04 de julho de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna.

Nesse sentido, configurou-se os conflitos e disputas travadas. As construções narrativas trouxeram à tona, às vezes de forma sutil outras de maneira explícita, como os narradores se colocaram diante dessa conjuntura. Observou-se que estes se opuseram à concepção da romaria enquanto evento turístico quando lembraram o número limitado de pessoas que participavam devido às dificuldades impostas pelo trajeto e à precariedade do lugar. Salientar esses aspectos também sugeriu uma forma de valorizar suas experiências, bem como diferenciá-los dos romeiros atuais.

Em alguns momentos, os narradores teceram críticas às mudanças operadas, em outros cederam, negociaram e também elaboraram estratégias para continuar a exercer seu protagonismo, como foi possível notar na fala de Carlos ²²² ao constatar que o tempo da romaria teve que se adequar às novas condições. Por outro lado, durante o caminhar ainda são os romeiros que determinam as paradas nas capelas, nas casas, que passam o santo de mãos em mãos e puxam os cantos e orações.

Por meio das memórias construídas pelos narradores, também buscou-se levantar indícios das relações estabelecidas com a igreja partindo da entrevista com o Padre Daniel Vitor ²²³, que passou a coordenar os festejos em 2015.

Inferiu-se que sua nomeação pelo bispo da diocese de Osasco, Dom Frei João Bosco, envolveu novas propostas da instituição para os festejos. Dentre elas, verificou-se uma busca da instituição em administrar economicamente a festa (percebida como um evento rentável), afastamento dos leigos das decisões, determinação do significado que a romaria deveria conter e a normatização e usos dos espaços. Portanto, a igreja procurou se posicionar como centro de decisões dos festejos.

É importante salientar que as relações estabelecidas entre os devotos e a igreja são dinâmicas, dependendo da visão desses grupos em uma determinada conjuntura. Essas relações estão permeadas por tensões e diferentes percepções sobre a festa.

Um dos pontos de disputa tratados na pesquisa se refere à inserção das comemorações ao Divino Espírito Santo na festa de São Sebastião. Notou-se, ao longo da pesquisa, que raramente os narradores mencionavam o Divino Espírito, denominando a festa apenas como

²²² Antônio Carlos Vieira Ruivo, entrevista concedida à autora em 09 de junho de 2016. Na residência da mãe do entrevistado.

²²³ Padre Daniel Vitor Cardoso Rodrigues, entrevista concedida à autora em 30 de junho de 2016. Na Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus e São Roque em Ibiúna.

festa de São Sebastião e projetando na romaria e em São Sebastião as temáticas centrais de suas memórias.

As narrativas ofereceram indícios de que a igreja incorporou as comemorações ao Divino Espírito Santo à festa de São Sebastião, entretanto, diante dessa intervenção, encontrou-se nas expressões e memórias construídas a persistência em manter suas práticas religiosas independentes das intervenções da igreja.

A romaria enquanto prática religiosa acontece com ou sem a presença da igreja e não apenas na última semana do mês de maio. É prática comum a organização de romarias ao longo do ano por leigos que rumam em direção à Capela de São Sebastião com a intenção de agradecer, pedir e também confraternizar. Esse aspecto demonstrou o caráter autônomo na realização das romarias e nas relações estabelecidas entre os devotos e São Sebastião.

Portanto, a pesquisa possibilitou ressaltar as experiências dos sujeitos que participam da Romaria de São Sebastião, suas práticas religiosas, os significados atribuídos, as relações de disputa, negociação e aceitação que estes estabelecem com outros grupos sociais. Revelam, pois, um campo de tensões onde diferentes sujeitos sociais estão continuamente em luta.

Espera-se que a presente pesquisa possa ter aberto uma das inúmeras possibilidades do fazer e pensar a história, e que seja útil para que outros pesquisadores também possam se arriscar na incessante busca pelo conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.
- ALBERTI, Verena. Fontes Orais. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. Editora Contexto, São Paulo, 2011.
- ALEXANDRE, Juciedo Ferreira. São Sebastião, Valei-nos! Imaginário sobre o cólera no jornal Araripe- meados do século XIX. In: *Simpósio ANPUH XXV*. Fortaleza, 2009.
- BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza. A medicina enferma. Ciência e prática de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Dissertação de doutorado pela Unicamp, 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória. Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- BRASIL. Decreto nº 448, de 14 de fevereiro de 1992. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo. Disponível em: <www.camara.leg.br>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.
- BRASIL. Política Nacional de Turismo: diretrizes e programas 1996-1999. Ministério da Indústria Comércio e Turismo (MICT).
- BRESCIANI, Maria Stella. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CAMPOS, Ivo Irineu Soares. In: *Câmara Municipal de Ibiúna* (indicação nº 78/ 92 inclusão da festa de São Sebastião no calendário turístico do Estado de São Paulo) com documentos de Maria Cecília França e José Gomes.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora Alfa - Omega, 1980.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: editora brasiliense, 1986.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados de História. ISSN (Eletrônico). São Paulo, nº. 35, p. 235-270, dez. 2007.
- DANTON, Robert. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DANTON, Robert. *O grande Massacre de gatos. E outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: graal, 2011.
- DOMINGUES, Andréa Silva. *Cultura e Memória: A festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG*. Dissertação de doutorado pela PUC – SP, 2007.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- EMBRATUR. Deliberação Normativa nº 385, de 28 de novembro de 1997. Disponível em: <www.anttur.org.br>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d' água, 2004.
- FIGUEIRA, Laurido Cláudia. *Festa Popular na Amazônia: sairé a reinvenção da tradição em Alter do Chão (PA) (1973-1997)*. Dissertação de mestrado pela PUC-SP, 2014.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, trabalho e cotidiano*. In: KANTOR, Iris. HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JANCSO, István; KANTOR, Iris. (Orgs.). *Festa Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Vol. I e II. São Paulo: Hucitec: editora Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.

LUCA, Tania Regina. História dos, nós e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 111-154.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.2, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? *Projeto História*. PUC, São Paulo, n. 14, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, n. 15, 1997.

PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ROMERO, Mariza. *Inúteis e perigosos no Diário da Noite: São Paulo, 1950-1960*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2011.

SANCHIS, Pierre. *Arraial: festa de um povo; As romarias portuguesas*. Lisboa, Dom Quixote, 1983.

SANTANA, Mariely Cabral. *Alma e festa de uma cidade: devoção e construção na Colina do Bonfim*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Lei nº 10573, de 13 de abril de 2000. Transforma em Estância Turística o Município de Ibiúna. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Projeto de lei nº 0593, de 11 de novembro de 1983. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Projeto de lei nº 0475, de 29 de agosto de 1994. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Lei nº 1.457, de 11 de novembro de 1977. Estabelece requisitos para a criação de estâncias turísticas. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em 05 de jun. de 2017.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. Lei nº 8193, de 15 de dezembro de 1992. Disponível em: <www.al.sp.gov.br>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade das comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. *Revista Brasileira de História das Religiões ANPUH*, ano III, n. 7, maio 2010.

SILVA, Armando. A cidade imaginada. In: *Imaginários: estranhamentos imaginários*. Trad. port. São Paulo: SESC, 2014, p. 19-103.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. *Sacrilegens*. Revista dos alunos de pós-graduação em ciência da religião UFJF, v. 10, nº 2, jul.- dez. 2013.

THOMPSON. Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária. A árvore da liberdade*. São Paulo. Paz e Terra, 2011. [6ªEd]

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Eduard Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e

as memórias. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, vol. 15, 1997.

TINHORÃO, José. *Festa de Negro em Devoção de Branco. Do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 2011.

VIEIRA, Dom Francisco Manoel; SANTANA, Luiz Gonzaga; PIMENTEL, Paulo Ferreira. *Festa em Louvor à São Sebastião e ao Divino Espírito Santo*. Paróquia Nossa Senhora das Dores, Ibiúna, 1998, p.02-15.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 2 ed., 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

ZICMAN, Renée. História através da imprensa. Algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. São Paulo, 1981, p. 89-102.

FONTES ORAIS

ALBERTIN, Aníbal. 20 de maio de 2016. Residência do entrevistado em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

CAMARGO, Wilma Aparecida Pecci. 04 de julho de 2016. Residência da entrevistada em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

GOMES, José. 10 de maio de 2016. Residência do entrevistado em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

LIMA, Benedito Aparecido. 04 de junho de 2016. Na sede da banda Lyra Unense, em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

MACHADO, Luiz Clemente. 22 de junho de 2016. Escritório do entrevistado em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

MACHADO, Tereza Vieira de Lima. 28 de junho de 2016. Residência da entrevista em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

RODRIGUES, Pe. Daniel Vitor Cardoso. 30 de junho de 2016. Na Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus, em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

RUIVO, Antônio Carlos Vieira. 09 de junho de 2016. Na residência de sua mãe em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

SILVA, Lindaura Santos. 04 de maio de 2016. Na residência da autora em Ibiúna, SP. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira.

FONTES ESCRITAS

A Vanguarda de Ibiúna, mar. de 1997 a dez. 2000.

Folheto da 97ª Festa em Louvor a São Sebastião e ao Divino Espírito Santo - Ibiúna.

Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Ibiúna, 09-03-013, 1013-1957, localizado no Arquivo Metropolitano da Cúria de São Paulo.

Voz de Ibiúna, maio de 1989 a dez. 2000.

ANEXOS



Figura 1. Manchete do A Vanguarda de Ibiúna de 24 de março de 1997. As imagens destacam os atrativos turísticos do município no canto esquerdo: o caminho das chamadas “grutas de São Sebastião”, situadas no bairro do Pocinho, local da Romaria de São Sebastião. No canto direito a represa Itupararanga, logo abaixo, o Parque Estadual Jurupará e uma das cachoeiras da cidade. Fonte: A VANGUARDA DE IBIÚNA, 24 de março de 1997, p.1.



Figura 2. Capela de São Sebastião, localizada no bairro do Pocinho, conhecido como Sertão.
Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 23 de abril de 2017.
Acesso em 27 de dezembro de 2017.



Figura 3. Saída da Romaria de São Sebastião rumo ao centro da cidade.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 29 de maio de 2016. Acesso em 27 de dezembro de 2017.



Figura 4. Romaria de São Sebastião.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 01 de junho de 2015. Acesso em 27 de dezembro de 2017.



Figura 5. Ao longo do caminho crianças amarram fitas na imagem como forma de agradecimento.
Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 29 de maio de 2016. Acesso em 27 de dezembro de 2017.



Figura 6. Parada da Romaria de São Sebastião em uma das capelas a beira da estrada.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 01 de junho de 2015. Acesso em 27 de dezembro de 2017.



Figura 7. Capela de São Pedro, situada no bairro do Capim Azedo, aproximadamente três quilômetros do centro da cidade. Nesse ponto São Sebastião é colocado em andor.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 29 de maio de 2016. Acesso em 27 de dezembro de 2017.



Figura 8. Chegada de São Sebastião ao centro da cidade.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 03 de junho de 2016. Acesso em 27 de dezembro de 2017.

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO



01-Oração à São Sebastião

“São Sebastião, glorioso mártir de Jesus Cristo e poderoso advogado contra a peste, defendei a nossa cidade e todo o nosso país do terrível flagelo da peste e de todos os males, para que servindo a Jesus Cristo alcancemos a graça de contemplar a vossa alegria no céu. Amém.

2- Oferecimento: Terço de São José

Todos: A vós, glorioso São José, ofereço este terço em louvor e glória de Jesus, Maria e José, para que seja minha luz, minha guarda, minha guia, proteção, defesa, amparo, fortaleza, alegria em todos os meus trabalhos, tribulações e agonia. Pelo nome de Jesus, pela glória de Maria, junto com a intercessão de São Sebastião imploramos o vosso poderoso patrocínio, para que me alcanceis a graça que tanto desejo. (pausa)

Falai em meu favor, advogai em minha causa. No céu, na terra, alegrai a minha alma, para honra e glória vossa, Jesus, Maria e José. Assim seja. **Pai Nosso – Ave Maria – Glória**

Nas contas grandes reza-se:
Meu glorioso São José, nas vossas maiores aflições e tribulações, o Anjo não vos valeu? Valei-me, São José!

Nas contas pequenas reza-se:
São José, valei-me!

3-Terço da Misericórdia

Pai-Nosso...

Ave Maria...

Creio...

Nas contas grandes reza-se:

Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e Sangue, Alma e Divindade de Vosso diletíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados e do mundo inteiro. **Nas contas das Ave-Marias, reza-se:** Pela Sua dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro. (10 vezes) **Ao final do terço, reza-se:** Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós e do mundo inteiro.

4- Hino à São Sebastião

“Hoje oremos com muito fervor

prá São Sebastião nosso protetor.

Louvai, louvai, São Sebastião

o mártir (bis)

Com muita fé no seu coração,
teve o poder de salvar o irmão. Deu muito amor,
muita esperança, quantos milagres nas suas andanças.
Mas veio o dia em que muito doente, foi isolado por aquela gente.

5- Hino à São Sebastião

São Sebastião glorioso e lindo, vem pela estrada do sertão, bênçãos e graças aspergindo por toda imensa multidão.

Num ápice imprevisto responde a multidão Hosana, Jesus Cristo “viva São Sebastião”

Trinta quilômetros de estrada, neste desfile triunfal tanta lágrima enxugada, tanto consolo celestial.

Teus devotíssimosromeiros, vão te buscar de mãos em mãos, e teus garbosos cavaleiros, te montam guarda em procissão.

Somos católicos de fibra, de santa missa e comunhão e esta cidade inteira vibra na festa de São Sebastião.

6- Viva a Mãe de Deus e nossa

Viva a Mãe de Deus e nossa, sem pecado concebida! Viva a Virgem Imaculada, a Senhora Aparecida.

Aqui estão vossos devotos, cheios de fé incendiada, de conforto e de esperança, ó Senhora Aparecida.

Virgem Santa, Virgem bela, mãe amável, mãe querida, amparai-nos, protegei-nos, ó Senhora Aparecida. Ó velai por nossos lares, pela infância desvalida.

Pelo povo brasileiro, ó Senhora Aparecida.

7- Porque Ele vive

Deus enviou seu Filho amado para morrer no meu lugar. Na cruz pagou por meus pecados, mas o sepulcro vazio está, porque Ele vive

Porque Ele vive eu posso crer no amanhã, Porque Ele vive, temor não há!

Mas eu bem sei, que o meu futuro, está nas mãos do meu Jesus, que vivo está.

Um dia eu vou cruzar s rios e verei então, um céu de luz.

E verei que lá em plena glória, vitorioso, vive e reina o meu Jesus.

Figura 09. Cantos e orações da 98ª Romaria de São Sebastião de 2017.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 01 de maio de 2017. Acesso em 27 de dezembro de 2017.



<p>8- Segura na mão de Deus Se as águas do mar da vida quiserem te afogar. Segura na mão de Deus e vai. Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar. Segura na mão de Deus e vai. <i>Segura na mão de Deus .Segura na mão de Deus,pois ela, ela te sustentará. Não temas, segue adiante e não olhes para trás,segura na mão de Deus e vai.</i> Se a jornada é pesada e te cansas da caminhada. Segura na mão de Deus e vai.Orando e jejuando,confiando e confessando.Segura na mão de Deus e vai. O Espírito do Senhor sempre te revestirá.Segura na mão de Deus e vai.Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará. Segura na mão de Deus e vai.</p>	<p>10- Bendita e louvada Bendita e louvada seja.No céu a Divina Luz.E nós, também cá na terra louvemos a Santa cruz.Os céus cantam a vitória, de nosso Senhor Jesus.Cantemos nós igualmente, louvemos a Santa cruz.Sustenta gloriosamente nos braços ao bom Jesus.Sinal de esperança e vida. O lenho da Santa Cruz. Humildes e confiantes, levemos a nossa cruz segundo o sublime exemplo de nosso Senhor Jesus. 11--Meu coração é para Ti Meu coração é para Ti,Senhor(3x) Meu coração é para Ti Porque Tu me deste a vida,porque Tu me deste o existir, Porque Tu me deste o carinho, me deste amor! Pão e vinho são para Ti,Senhor... A minha vida é para Ti,Senhor..</p>	<p>13-Glória ao nosso Deus Quando a Igreja se levanta, para exaltar o nome do Senhor Jesus.O céu e a terra em harmonia, irão cantar o nome do Senhor Jesus. <i>O Espírito de Deus ao nosso encontro vem, e os anjos se levantam pra cantar também.</i> <i>Amém,Glória ao nosso Deus.Santo é o nosso Deus,A!elúia.Amém,glória ao nosso Deus,Santo é o nosso Deus,A!elúia.</i> Nos louvores Deus habita,vamos provar desta presença do Senhor.Sinta que em nosso meio, está Jesus, o nosso Deus- dominador.</p>
<p>9- Glória à Jesus Glória a Jesus na Hóstia Santa,que se consagra sobre o altar, e aos nossos olhos se levanta para o Brasil abençoar. <i>Que o santo sacramento, que é o próprio Cristo Jesus, seja adorado e seja amado nesta terra de Santa Cruz.</i> Glória a Jesus, prisioneiro do nosso amor,a esperar,lá no Sacrário, o dia inteiro, que o vamos todos procurar. Glória a Jesus, Deus escolhido, que vindo a nós na comunhão, purificado,enriquecido,deixa-nos sempre o coração. Glória a Jesus na Eucaristia,cantamos todos sem cessar,certos também que, de Maria,bênçãos à Pátria há de ganhar.</p>	<p>12-Prova de amor <i>Prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão!</i> Eis que eu vos dou um novo mandamento:"Amái-vos uns aos outros como Eu vos tenho amado". Vós sereis os meus amigos se seguirdes meus preceitos:"Amái-vos uns aos outros como Eu vos tenho amado". Permanecei no meu amor e segui meu mandamento:"Amái-vos uns aos outros como Eu vos tenho amado". E chegando a minha Páscoa,vos amei até o fim:"Amái-vos uns aos outros como Eu vos tenho amado". Nisto todos saberão que vós sois os meus discípulos:"Amái-vos uns aos outros como Eu vos tenho amado".</p>	<p>14- A nós descei,Divina luz <i>A nós descei,Divina luz(bis)</i> <i>Em nossas almas acendei o amor, o amor de Jesus(bis)</i> Vós sois a alma da Igreja,Vós sois a vida,sois o amor,Vós sois a graça benfazeja que nos imana no Senhor.(bis) Divino Espírito descei.Os corações vinde inflamar,e as nossas almas preparar para o que Deus nos quer falar.(bis)</p> <p>15-Glória <i>Glória,glória,aleluia(3 vezes)</i>Louvemos ao Senhor. Na beleza do que vemos,Deus nos fala ao coração. Tudo canta:Deus é grande,Deus é bom e Deus é pai.É seu filho Jesus Cristo, quem nos une pelo amor. Louvemos ao Senhor! Deus nos fez comunidades pra vivermos como irmãos,braços dados, todos juntos,caminhamos sem parar, Jesus- Cristo vai conosco.Ele é jovem como nós,Louvemos ao Senhor! Jesus Cristo é alegre, Jesus Cristo é o Senhor da vitória sobre a morte deu a todos o penhor.Venceremos a tristeza, venceremos o temor,Louvemos ao Senhor!</p>

Figura 10. Cantos e orações da 98ª Romaria de São Sebastião de 2017.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibuna. Publicada em 01 de maio de 2017. Acesso em 27 de dezembro de 2017.

<p>16- Vem eu mostrarei Vem, e eu mostrarei que o meu caminho te leva ao Pai, guiarei os passos teus e junto a ti hei de seguir. Sim, eu irei e saberei como chegar ao fim, de onde vim, aonde vou: por onde irás, irei também. Vem e eu te direi o que anda estás a procurar. A verdade é como o sol e invadirá seu coração. Sim eu irei e aprenderei minha razão de ser. Eu creio em Ti que crês em mim e a tua luz verei a luz. Vem e eu te farei da minha vida participar. Viverás em mim aqui: viver em mim é o bem maior. Sim, eu irei e viverei a vida inteira assim. Eternidade é, na verdade o amor vivendo sempre em nós. Vem, que a terra espera quem possa e queira realizar com amor a construção de um mundo novo muito melhor sim, eu irei e levarei teu nome aos meus irmãos. Iremos nós e o teu amor vai construir enfim a paz!</p>	<p>17- Louvando à Maria <i>Louvando à Maria, o povo fiel a voz repeta de São Gabriel: Ave, Ave, Ave Maria.</i> <i>Ave, Ave, Ave Maria</i> Um anjo descendo num raio de luz. Feliz Bernadete, à fonte conduz. A brisa que passa aviso lhe deu que uma hora de graça soara no céu. Vestida de branco ela apareceu. Trazendo na cinta as cores do céu. Mostrando um rosário na cândida mão. Ensina o caminho da santa oração. Estrela brilhante, celeste visão. Guiai-nos um dia à eterna mansão.</p> <p>18- Deixa a luz do céu entrar Tu anseias, eu bem sei, por salvação, tens desejo de banir a escuridão. Abre, pois, de par em par teu coração e deixa a luz do céu entrar. <i>Deixa a luz do céu entrar (2x).</i> <i>Abre bem as portas do teu coração e deixa a luz do céu entrar.</i> Cristo, a luz do céu em ti quer habitar, para as trevas do pecado dissipar. Teu caminho e coração iluminar e deixa a luz do céu entrar. Que a legria andar ao brilho dessa luz. Vida eterna e paz no coração produz. Oh! Aceita agora o Salvador Jesus, e deixa a luz do céu entrar.</p> 	<p>19- A Ti meu Deus A Ti meu Deus, elevo meu coração, elevo as minhas mãos, meu olhar, minha voz. A Ti meu Deus, eu quero oferecer, meus passos e meu viver, meus caminhos, meu sofrer. <i>A tua ternura, Senhor, vem-me abraçar. E a tua bondade infinita, me perdoar. Vou ser o teu seguidor e te dar o meu coração. Eu quero sentir o calor de tuas mãos.</i> A Ti meu Deus, que és bom, e que tens amor. Ao pobre e ao pecador vou servir e esperar. Em Ti, Senhor, humildes se alegrarão, cantando a nova canção de esperança e de paz.</p> <p>20- Estás entre nós Tu és minha vida, outro Deus não há. Tu és minha estrada a minha verdade. Em tua palavra eu caminharei, Tu estás no meio de nós. <i>Creio em Ti, Senhor, vindo de Maria, Filho Eterno e Santo, homem como nós. Tu morreste por amor, vivo estás em nós, unidade trina com o Espírito e o Pai, e um dia, eu bem sei, Tu retornarás.</i> <i>E abrirás o Reino dos céus!</i> Tu és minha força, outro Deus não há. Tu és minha paz, minha liberdade, nada nesta vida nos separará. Em tuas mãos seguras minha vida guardarás. Eu não temerei o mal. Tu me livrarás. E no teu perdão viverei! Ó Senhor da vida, creio sempre em Ti! Filho Salvador, eu espero em Ti! Santo Espírito de amor, desce sobre nós. Tu de mil caminhos nos conduzes a uma fé. E por mil estradas onde andarmos nós, qual semente, nos levarás!</p>
---	--	--

Figura 11. Cantos e orações da 98ª Romaria de São Sebastião de 2017.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 01 de maio de 2017. Acesso em 27 de dezembro de 2017.

<p>21-Povo de Deus O povo de Deus, no deserto andava,mas a sua frente, alguém caminhava.O povo de Deus era rico de nada, só tinha esperança, e o pó da estrada. <i>Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada, somente a tua graça me basta e mais nada.</i> O povo de Deus,também vacilava,as vezes custava a crer no amor.O povo de Deus,chorando rezava, pedia perdão e recomeçava. <i>Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada, perdoa-se as vezes,não creio em mais nada.</i> O povo de Deus,também teve fome, e Tú lhe mandaste, o pão lá do céu.O povo de Deus cantando deu graças,provou teu amor, teu amor que não passa. <i>Também sou teu povo,Senhor, e estou nesta estrada,Tu és alimento, na longa jornada.</i> O povo de Deus, ao longe avistou, a terra querida,que o amor preparou.O povo de Deus, corria e cantava, e nos seus louvores, seu poder proclamava. <i>Também sou teu povo,Senhor, e estou nesta estrada, cada dia mais perto, da terra esperada.</i></p> <p>22-São José Vinde alegres cantamos, À Deus demos louvor, À um Pai exaltemos Sempre com mais fervor <i>São José, a vós nosso amor, Sede nosso bom protetor, Aumentai o nosso fervor Quis o Verbo Divino Dar-vos nome de Pai Um glorioso destino Para nos impetrai (refrão) Vós esposo proclamo Amantíssimo Pai Dos cristãos firme amparo Este canto aceitai (refrão)</i></p>	<p>23-A viagem Eu vim de longe pra encontrar o meu caminho, tinha um sorriso e o sorriso ainda valia.Achei difícil a viagem até aqui, mas eu cheguei, mas eu cheguei. Eu vim depressa, eu não vim de caminhão, eu vim a jato neste asfalto e nesse chão.Achei difícil a viagem até aqui, mas eu cheguei, mas eu cheguei. Eu vim por causa daquilo que não se vê.Vim nu,descalço, sem dinheiro e o pior, achei difícil a viagem até aqui, mas eu cheguei, mas eu cheguei. Eu tive ajuda de quem você não acredita.Tive a esperança de chegar até aqui.Vim caminhando, aqui estou, me decidi: eu vou ficar, eu vou ficar.</p> <p>24-Com minha Mãe estarei Com minha mãe estarei na santa glória um dia junto à Virgem Maria, no céu triunfarei. <i>No céu, no céu, com minha Mãe estarei. (bis)</i> Com minha Mãe estarei, mas já que hei ofendido e meu Jesus querido as culpas chorarei. Com minha Mãe estarei, e que bela coroa, de Mãe tão terna e boa, feliz receberei. Com minha Mãe estarei, em seu coração terno, em seu colo materno, fim descansarei.</p>	<p>25-Pelas estradas da vida Pelas estradas da vida, nunca sozinho estás,contigo pelo caminho,Santa Maria vai. <i>Ó vem conosco, vem caminhar, Santa Maria vem(bis)</i> Se pelo mundo os homens, sem conhecer-se vão, não negues nunca a tua mão, quem te encontrar. Mesmo que digam os homens,tu nada podes mudar, luta por um mundo novo, de unidade e paz. Se parecer tua vida inútil caminhar, lembra que abres caminho, outros te seguirão.</p> <p>26-Te amarei Senhor Me chamaste para caminhar na vida contigo,decidi para sempre segui-te,não voltar atrás. Me puseste uma brasa no peito e uma flecha na alma, é difícil agora viver sem lembrar-me de Ti. <i>Te amarei,Senhor(bis), eu só encontro a paz e a alegria bem perto de Ti(2x)</i> Eu pensei muitas vezes parar e não dar nem resposta. Eu pensei na fuga esconder-me, ir longe de Ti,mas tua força venceu e ao final eu fiquei seduzido.É difícil agora viver sem saudades de Ti. Ó Jesus, não me deixeis jamais caminhar solitário,pois conheces a minha fraqueza e o meu coração. Vem ensina-me a viver a vida na tua presença,no amor dos irmãos, na alegria,na paz,na união.</p> 
---	---	---

Figura 12. Cantos e orações da 98ª Romaria de São Sebastião de 2017.

Fonte: www.facebook.com/festadesaosebastiaoibiuna. Publicada em 01 de maio de 2017. Acesso em 27 de dezembro de 2017.